

DM

Tecnologia Assistiva e Inovação Pedagógica Perspectiva
de aprendizagem na sala de recurso da Escola Samuel
Galvão de Oliveira

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Odelina Dezidério Barbosa Pereira

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

fevereiro 2021



UNIVERSIDADE da MADEIRA
Faculdade de Ciências Sociais
Departamento de Ciências da Educação
Mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica

Odelina Dezidério Barbosa Pereira

**Tecnologia Assistiva e Inovação Pedagógica: Perspectiva de Aprendizagem
na Sala de Recursos da Escola Samuel Galvão de Oliveira**

Dissertação de Mestrado

FUNCHAL -2021

Odelina Dezidério Barbosa Pereira

**Tecnologia Assistiva e Inovação Pedagógica: Perspectiva de Aprendizagem
na Sala de Recursos da Escola Samuel Galvão de Oliveira**

Dissertação apresentada ao Conselho Científico do Centro de Competência de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientador: Professor Doutor José Paulo Gomes Brazão

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que por Seu infinito amor e misericórdia, permitiu a bênção, em meio a tantas dificuldades, que concluísse esta dissertação. Ele conduz, guarda, abençoa, direciona, e neste viés, realizou mais um desejo da minha vida. Colocou em meu caminho pessoas dispostas que me ajudaram, sempre com muita boa vontade, e assim, concluir da melhor maneira possível esta dissertação.

À minha amada mãe, que sempre batalhou para mim dar uma boa educação e está comigo em todos os momentos de minha vida, rezando incessantemente, cuidando, dando sugestões e me incentivando sempre.

A meu marido amado, Paulo, companheiro cuidadoso e flexível, nunca deixou de apoiar-me, esteve ao meu lado sempre me dando força e encorajamento.

Ao meu filho Emanuel, tão pequenino, mais compreensivo sempre entendeu minha ausência. Aos meus irmãos, Osângela, Osvaldo e Oslane pela força indispensável e incentivo ao longo de todo o curso de mestrado.

Agradeço aos meus orientadores Paulo Brazão e Paulo Marques Paulo César Marques de Andrade Santos pela apreço, generosidade, sábias palavras de incentivo, encorajamento e confiança, pelo tempo que disponibilizaram no caminho da orientação desta dissertação.

A minha querida amiga Solange, por compartilhar momentos alegres de construção de conhecimento, parceira indispensável ao longo de minha jornada.

Aos Gestores e funcionários de Escola Samuel Galvão de Oliveira por disponibilizar suas dependências para que a pesquisa.

A professora Márcia, que compreensivamente me ajudaram durante a fase de campo.

Às famílias participantes deste estudo, representadas na figura materna, meu mais sincero agradecimento por compartilhar suas experiências. Foram momentos de trocas riquíssimas. Vocês queridas mães são bravas guerreiras que me ensinaram lições que guardarei comigo por toda minha vida.

“Senhor meu Deus, a palavra que tenho é de gratidão, porque sempre ouve minha orações e ajuda-me a vencer e alcançar meus objetivos.”

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo investigar elementos de inovação pedagógica nos processos de aprendizagem com o uso das Tecnologias Assistivas nas Sala de Recurso da Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira do Município de Campo Formoso – BA. A partir da investigação e compreensão definimos com o objetivo específico pesquisar a prática pedagógica atuante na Sala de Recurso, partindo do conceito de Inovação Pedagógica, ruptura paradigmática e aprendizagem na Sala de Recurso da referida unidade escolar. Do mesmo modo, definir em que medida a prática pedagógica realizada se apresenta como condutora de contribuições efetivas à construção de uma pedagogia inovadora mediadora no processo de autonomia e na exclusão destes alunos. Guiada por estes objetivos esta pesquisa apresenta elementos de reflexão e discussão que permitem compreender se as práticas desenvolvidas articulam a aprendizagem do aluno. Esta pesquisa desenvolveu-se utilizando uma metodologia qualitativa de cunho etnográfico, enfatizando à observação participante, entrevista não-estruturada, recolha e análise de documentos oficiais e pessoais e os registros feitos durante as observações registradas no diário de campo. Usando esta técnica de investigação não encontramos elementos de inovação pedagógica no processo de aprendizagem de alunos que apresentam deficiências como podemos provar no decorrer do discurso deste estudo. Buscou refletir sobre os métodos pedagógicos utilizados pela professora, de acordo com os interesses, habilidades e dificuldade de cada aluno. Desta forma, se torna possível a atuação concreta, em igualdade de oportunidades para o pleno desenvolvimento de todos os educandos. Por fim, foram apontadas as dificuldades, as facilidades e as sugestões para os profissionais.

Palavras-Chave: Inovação Pedagógica, Processos de Aprendizagem, Tecnologias Assistivas

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate elements of pedagogical innovation in the learning processes with the use of Assistive Technologies in the Resource Room of the Samuel Galvão de Oliveira Municipal School in the Municipality of Campo Formoso - BA. Based on research and understanding, we defined with the specific objective of researching the pedagogical practice active in the Resource Room, starting from the concept of Pedagogical Innovation, paradigmatic rupture and learning in the Resource Room of that school unit. Likewise, defining the extent to which the pedagogical practice carried out presents itself as a driver of effective contributions to the construction of an innovative pedagogy that mediates the process of autonomy and the exclusion of these students. Guided by these objectives this research presents elements of reflection and discussion that allow to understand if the developed practices articulate the student's learning. This research was developed using a qualitative methodology of an ethnographic nature, emphasizing participant observation, unstructured interview, collection and analysis of official and personal documents and the records made during the observations recorded in the field diary. Using this investigation technique, we did not find elements of pedagogical innovation in the learning process of students who have disabilities as we can prove during the course of this study. It sought to reflect on the pedagogical methods used by the teacher, according to the interests, skills and difficulties of each student. In this way, concrete action is possible, on equal opportunities for the full development of all students. Finally, difficulties, facilities and suggestions for professionals were pointed out.

Keywords: Pedagogical Innovation, Learning Processes, Assistive Technologies

RESUMEN

Esta tesis tiene como objetivo investigar elementos de innovación pedagógica en los procesos de aprendizaje con el uso de Tecnologías Asistivas en la Sala de Recursos de la Escuela Municipal Samuel Galvão de Oliveira en el Municipio de Campo Formoso - BA. A partir de la investigación y el entendimiento, definimos con el objetivo específico de investigar la práctica pedagógica activa en la Sala de Recursos, partiendo del concepto de Innovación Pedagógica, ruptura paradigmática y aprendizaje en la Sala de Recursos de esa unidad escolar. Asimismo, definir en qué medida la práctica pedagógica realizada se presenta como un motor de contribuciones efectivas para la construcción de una pedagogía innovadora que medie el proceso de autonomía y exclusión de estos estudiantes. Guiada por estos objetivos esta investigación presenta elementos de reflexión y discusión que permiten comprender si las prácticas desarrolladas articulan el aprendizaje del alumno. Esta investigación se desarrolló utilizando una metodología cualitativa de carácter etnográfico, enfatizando la observación participante, la entrevista no estructurada, la recolección y análisis de documentos oficiales y personales y los registros realizados durante las observaciones registradas en el diario de campo. Utilizando esta técnica de investigación, no encontramos elementos de innovación pedagógica en el proceso de aprendizaje de los estudiantes con discapacidad como podemos comprobar durante el transcurso de este estudio. Se buscó reflexionar sobre los métodos pedagógicos utilizados por el docente, de acuerdo con los intereses, habilidades y dificultades de cada alumno. De esta forma, es posible una acción concreta, en igualdad de oportunidades para el pleno desarrollo de todos los estudiantes. Finalmente, se señalaron dificultades, facilidades y sugerencias para los profesionales.

Palabras clave: Innovación Pedagógica, Procesos de Aprendizaje, Tecnologías Asistenciales.

RÉSUMÉ

Cette thèse vise à étudier les éléments de l'innovation pédagogique dans les processus d'apprentissage avec l'utilisation des technologies d'assistance dans la salle de ressources de l'école municipale Samuel Galvão de Oliveira dans la municipalité de Campo Formoso - BA. Sur la base de la recherche et de la compréhension, nous avons défini avec l'objectif spécifique de rechercher la pratique pédagogique active dans la salle de ressources, à partir du concept d'innovation pédagogique, de rupture paradigmatique et d'apprentissage dans la salle de ressources de cette unité scolaire. De même, définir dans quelle mesure la pratique pédagogique menée se présente comme un moteur de contributions efficaces à la construction d'une pédagogie innovante qui médiatise le processus d'autonomie et d'exclusion de ces étudiants. Guidée par ces objectifs cette recherche présente des éléments de réflexion et de discussion qui permettent de comprendre si les pratiques développées articulent l'apprentissage de l'élève. Cette recherche a été développée en utilisant une méthodologie qualitative de nature ethnographique, mettant l'accent sur l'observation participante, l'entretien non structuré, la collecte et l'analyse de documents officiels et personnels et les enregistrements réalisés lors des observations enregistrées dans le journal de terrain. En utilisant cette technique d'investigation, nous n'avons pas trouvé d'éléments d'innovation pédagogique dans le processus d'apprentissage des élèves handicapés comme nous pouvons le prouver au cours de cette étude. Il a cherché à réfléchir sur les méthodes pédagogiques utilisées par l'enseignant, en fonction des intérêts, des compétences et des difficultés de chaque élève. De cette manière, une action concrète est possible, sur l'égalité des chances pour le plein épanouissement de tous les élèves. Enfin, des difficultés, des installations et des suggestions pour les professionnels ont été signalées.

Mots clés: innovation pédagogique, processus d'apprentissage, technologies d'assistance

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AEE – Atendimento Especial Especializado
- CENESP – Centro Nacional de Educação Especial
- ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
- EJA – Alfabetização de Jovens e Adultos
- LDB – Leis de Diretrizes e Base
- LDBEN – Leis de Diretrizes e Base da Educação Nacional
- MEC – Ministério da Educação e Cultura
- MOBRAL – Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização
- NEE – Necessidades Educacionais Especiais
- ONU – Organização das Nações Unidas
- PAC – Programa de Aceleração e Crescimento
- PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação
- PNEE – Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação
- PPP – Projeto Político Pedagógico
- SEM – Salas de Recurso Multifuncionais Inclusiva
- TA – Tecnologia Assistiva

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira.....	55
Figura 2 – Mapa da Localização de Campo Formoso no estado da Bahia.....	56
Figura 3– Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira.....	57
Figura 4 – Entrada da Sala de Recurso.....	58
Figura 5– Sala de Recurso.....	59
Figura 6 – Identificação de Vogais.....	61
Figura 7 – Reconhecendo O Alfabeto Através de um Vídeo Musical.....	62
Figura 8 – Escrevendo para treinar a escrita manuscrita.....	63
Figura 9 – Caixa com dados silábicos.....	65
Figura 10 – Reconhecimento das sílabas.....	65
Figura 11 – Trabalhando a leitura de palavras.....	66
Figura 12- Trabalhando a memorização das sílabas através de vídeos.....	66
Figura 13 – Trabalho entre pares.....	68
Figura 14 – Trabalhando com cartaz.....	68
Figura 15– Pintura com colagem.....	71
Figura 16 – Construção de Jogos.....	72

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	iv
ABSTRACT	v
RESUMEN	vi
RÉSUMÉ	vii
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	viii
LISTA DE FIGURAS	ix
INTRODUÇÃO	1
A) Contextualização do Objeto de Pesquisa	1
B) Situação e Objeto de Pesquisa.....	3
C) Objetivo da Pesquisa	4
D) Processos de Aprendizagem com o uso de Tecnologias Assistivas	4
E) Organização do Trabalho	6
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	7
CAPÍTULO I - CONSTRUCIONISMO E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA	7
1.1 Construcionismo na Educação	9
1.2 O verdadeiro sentido da Inovação Pedagógica	11
1.3 Trabalho colaborativo	12
1.3.1 Contribuições de um Trabalho Colaborativo	14
1.3.2 Efeitos de uma prática colaborativo na sala de aula.....	16
CAPÍTULO II - A INCLUSÃO SÓCIO-EDUCACIONAL: UMA QUESTÃO DE DIREITOS HUMANOS	18
2.1 Inclusão dos Portadores de Deficiência	21
2.2 Paradoxo Escolar: Um Espaço de Inclusão ou Exclusão	24
2.3 Retrospectiva Histórica	29
2.4 Políticas Públicas Voltadas aos Portadores de Deficiência no Brasil	30

CAPITULO III - O PAPEL MEDIADOR DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS	32
3.1 Aprendizagem Significativa.....	38
3.1.1 Compreensão dos tipos de aprendizagens	40
CAPITULO IV –ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	42
4.1 Natureza da Pesquisa.....	42
4.2 Local e Sujeitos da Pesquisa	43
4.3 Sujeitos de Pesquisa	45
4.4 Análises	46
4.5 Instrumento da Pesquisa.....	46
4.5.1 Observação participante	49
4.5.2 Entrevista.....	50
4.5.3 Registros Fotográficos e Áudios	51
4.5.4 Recolha documental	52
4.5.5 Ética na Pesquisa	53
PARTE II - EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	55
CAPITULO V – DADOS RECOLHIDOS NO LÓCUS DE PESQUISA	55
5.1 Observação do Ambiente Educacional	57
5.2 Ambiente da sala de recursos	58
5.3 Descrição das observações participantes	59
5.4 Síntese das Observações	73
5.5 Conversa com os autores sociais	74
5.5.1 Conversando com a professora.....	75
5.5.2 Barreiras e as contribuições da Sala de Recurso para alunos portadores de deficiências	76
5.5.3 Síntese da conversa com a professora da Sala de Recurso.....	79
5.5.4 Discurso do Diretor e Coordenador da escola.....	80
5.5.5 Processo de implantação da Sala de Recurso, escolha e capacitação dos profissionais atuantes nesta área e o perfil dos alunos que frequenta este ambiente ...	80
5.5.6 Síntese do conteúdo dos discursos da equipe gestora, Diretora e Coordenador da Escola.....	85

5.5.7. Diálogo com os alunos	85
5.5.8. A importância da escola, e do vínculo emocional existente entre o aluno e o profissional.....	86
5.5.9 Síntese do conteúdo dos discursos dos alunos	87
5.5.10 Conversas como os pais dos alunos da sala de recurso	88
5.5.11 Síntese da análise da conversa dos autores sociais.....	89
CAPITULO VI - ANALISE DOS RECOLHIDOS NO LOCUS DE PESQUISA.....	91
6.1. Elementos de inovação pedagógica nos processos de aprendizagem com o uso de Tecnologias Assistivas	96
6.2. Compreender em que medida a prática pedagógica desenvolvida na sala de recursos pode realizar os processos de autonomia e inclusão dos alunos, superando-se o estado de dependência que gerou a criação da própria sala de recurso;.....	101
6.3. Verificar se há ou não elementos de inovação pedagógica envolvendo a Tecnologia Assistiva;.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
REFERÊNCIAS.....	113

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a temática do emprego da Tecnologia Assistiva no que se refere a inovação da prática pedagógicas nos processos de aprendizagem na Sala de Recursos. Ele constitui-se em uma pesquisa documental interpretativa e qualitativa, a qual versa sobre a importância que os sujeitos atribuem as suas práticas cotidianas, ou seja, a pesquisa indaga as práticas pedagógicas na sala de recursos de crianças portadoras de necessidades educacionais especiais, através de uma equipe de educadores engajados na promoção de práticas educacionais inovadoras, em relação ao uso da Tecnologia Assistiva, numa escola de rede pública municipal de ensino de Campo Formoso-BA, como estratégia de buscar novos métodos e práticas inovadoras do ensino-aprendizagem.

A) Contextualização do Objeto de Pesquisa

O discurso sobre a inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais tem aparecido muito nas últimas décadas em textos de políticas públicas, pesquisa em educação, fóruns e em muitos outros eventos. Estas falas tem mudado no decorrer dos tempos em funções de determinadas transformações sociais, culturais e econômicas. Porém, não se pode falar em inclusão sem compreender a evolução histórica de como eram vistas, e tratadas as pessoas com deficiência, por gerações passadas.

As sociedades na antiguidade rejeitavam e discriminavam as diferenças, pois tinham verdadeiro desprezo por essas pessoas que eram totalmente retiradas do convívio familiar e social. A intolerância era tão incisiva, que chegava a serem consideradas impuras, subumanas um castigo dos deuses o que legitimava seu abandono e eliminação. Durante a Idade Média havia o sentimento de repúdio, superproteção diante das deficiências.

Pessoas com deficiências mentais, ou que cometiam crimes eram tidas como endemoniadas, cegos e surdos eram atribuídos poderes e dons sobrenaturais. Contudo, para filósofos cristãos, a crença oscilava entre expiação do pecado, culpa e castigo.

No entanto, essa confusão de sentimentos com pessoas deficientes oscilava entre piedade, grande rejeição, comiseração e superdotação, surgindo assim os primeiros passos em defesa das pessoas com deficiência, em abrigo de cunho caritativo religioso, hospitais e prisões. Bruno (2006) complementa esse pensamento quando afirma que Thomas de Aquino, importante teólogo, filósofo e padre dominicano do século XIII escreveu o conceito de deficiência em uma de suas cartas como um fenômeno natural da espécie humana. Os

ensinamentos do amor ao próximo, do acolhimento aos necessitados, da compaixão pelas almas, e da universalidade dos direitos humanos impulsionou um novo capítulo a pessoas com deficiências na sociedade.

Esse cenário só começou a mudar a partir do Renascimento. Com o início das ciências, as concepções racionalistas buscaram romper com antigos conceitos e atribuíram explicações para as deficiências, que acreditavam serem doenças de caráter genéticas, mal físico ou mental. Com essa compreensão começaram a surgir na Europa, Estados Unidos e Canadá, atendimentos terapêuticos, e políticas assistenciais ao atendimento desses cidadãos como cuidado com a saúde, alimentação e moradia.

Avanços nos estudos e pesquisas, e o desenvolvimento científico, passaram a comprovar as razões das deficiências humanas desmistificando assim, a personificação do mal ou castigo dos deuses. Neste contexto, práticas sociais voltada para que se tivesse um cuidado maior passaram a existir, porém, estas pessoas com deficiência ficavam em casa longe de participar de uma vida em sociedade.

Foi na França no século XIX, que o médico Jean Marquet Itard (1774-1838) criou um método de ensino baseado na experiência do menino selvagem de Aveyron, no sul da França, o qual mostra que era possível através do método da repetição positiva a educação de pessoas com deficiência intelectual. No mesmo século, o médico Edward Séguin (1812-1880) criou o primeiro método fundamentado na neurofisiologia que trabalha com recursos didáticos, com cores e música que ajuda a despertar a motivação e o interesse desses alunos. Fundou a primeira instituição pública para educação de crianças com deficiência mental em 1837, uma escola para idiotas.

No início do Século XX, surgiu o método montessoriano criado pela médica Maria Montessori para educação de crianças com deficiência mental fundamentado na estimulação sensorio-perceptivo, na ação funcional e organização da rotina diária, atualmente este método também é usado com crianças sem deficiência.

O Brasil foi o primeiro país na América Latina a disponibilizar atendimento as pessoas portadoras de deficiência, com a fundação do Imperial Instituto de Meninos Surdos-Mudos, criado em 1954, hoje Instituto Benjamin Constant e o Instituto dos surdos Mudos, em 1957, hoje Instituto Nacional de Educação de Surdos-INES; essas escolas ajudaram e acolher pessoas de todo país com deficiências sensoriais por mais de um século e meio.

B) Situação e Objeto de Pesquisa

Em iniciativa como profissional da educação e necessidade em propor um ensino de qualidade e significativo, num ambiente inovador contemporâneo que tem como meta focar o desempenho de crianças portadoras de necessidades especiais quanto ao uso das Tecnologias Assistivas, se tem auxiliado no desenvolvimento do ensino-aprendizagem e ao mesmo tempo possibilita práticas inovadoras diante da realidade desses alunos, buscou-se como estratégia a observação dos sujeitos participantes no seu cotidiano escolar, documentos da sala de recursos da escola Municipal Galvão de Oliveira, em Campo Formoso-BA.

As análises e observações se deram durante o mês de abril e maio de 2016, na sala de recursos, onde foram sujeitos da pesquisa educando e educadores. De forma indireta coletamos informações que registradas por meio de entrevistas, diário de campo, fotos, conversa informais, no intuito de utilizar e analisar desses dados da melhor forma possível, para uma compreensão significativa da temática em questão.

Para o desenvolvimento da pesquisa, corpo docente e discente da Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira, foram submetidos a participar de forma indireta no fornecimento de dados, os quais foram devidamente coletados e analisados.

Aqui se encontra o elemento central, o problema de nosso estudo que nos leva a realizar a presente pesquisa: a ambiguidade que vem de ser relatada e que coloca em questão todo tempo o desafio de incluir alunos sócio educacionalmente em um contexto que pode fornecer a não realização na inclusão pretendida.

Dada a abrangência, significação e magnitude de tal intento no contexto da política pública e inclusão sócio educacional, do corpo docente e discente de rede pública municipal de ensino de Campo Formoso-BA, tendo participado desse processo na condição de pesquisador/educador, e percebido o desafio e a inquietude que o próprio cotidiano e prática pedagógica no ambiente da sala de recursos tem se apresentado como desafio, dificuldade e experiência ali vivenciadas, a qual tomamos a participação de educando e educadores, utilizando as Tecnologias Assistivas, tendo como objeto de estudo desta pesquisa, na qual decorreram ações que nos remetessem ao entendimento dos seguintes questionamentos:

- ✓ Será que a sala de recursos da Escola Samuel Galvão de Oliveira está de fato sendo mediadora no processo de construção da autonomia e da superação da exclusão que acompanha os alunos a ela destinados?

- ✓ A prática pedagógica desenvolvida na sala de recursos revela a existência de uma concepção inovadora que possibilita aos alunos e à escola como um todo um alcance do seu principal objetivo maior que é a superação da dependência e da exclusão que acompanha os referidos alunos?

Considerando o problema do estudo bem como as questões norteadoras da pesquisa percebemos que precisam ser atingidos no presente estudo os seguintes objetivos:

C) Objetivo da Pesquisa

- ✓ O presente trabalho tem o objetivo geral Investigar elementos de inovação pedagógica nos processos de aprendizagem com o uso de Tecnologias Assistivas, nas de Recursos com crianças portadoras de necessidades educacionais especiais da Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira, no município de Campo Formoso- BA.
- ✓ Em face aos questionamentos levantados, os objetivos específicos deste trabalho são:
- ✓ Compreender em que medida a prática pedagógica desenvolvida na Sala de Recursos pode realizar os processos de autonomia e inclusão dos alunos, superando-se o estado de dependência que gerou a criação da própria sala de recurso;
- ✓ Verificar se há ou não elementos de inovação pedagógica envolvendo a Tecnologia Assistiva;
- ✓ Entender se essa tecnologia proporciona aprendizagem interativa, autonomia, qualidade de vida e inclusão social a esses alunos.

D) Processos de Aprendizagem com o uso de Tecnologias Assistivas

Embora por mais que se disponha atualmente de uma crescente consciência social além de dispositivos legais referentes à inclusão de portadores de necessidades especiais na sociedade contemporânea, não têm sido acompanhada por iniciativas criativas e eficazes na maioria das vezes. É evidente a carência de iniciativas e soluções que possibilite um intercâmbio com a sociedade ainda excludente, mesmo diante de novas leis, e as pessoas portadoras de necessidades especiais, mesmo por meio de maior visibilidade atual. Todos esses fatos

contribuíram para que as realidades de desigualdade social, ausência de oportunidades e carências, tornem-se cada vez mais dramáticas, que resulta na exclusão da escola, mercado de trabalho e sociedade geral, sendo que esse fato só poderá ser superado ao passo que na sociedade comece a ocorrer uma equiparação de oportunidades. Este trabalho reveste-se de particular importância, não apenas para a área educacional, mas também, para toda sociedade, por trazer como objetivo de análise alguns aspectos relativos ao campo de habilidades e competências observados através do modo pelo qual os sujeitos profissionais da área de educação vêm suas ações e métodos de aprendizagem com o uso de Tecnologias Assistivas nas salas de recursos.

É preciso compreender que este trabalho toma seu objeto de estudo dentro de processos maior que corresponde a uma ação pioneira, qual seja, a investigação de elementos de inovação pedagógica no processo de aprendizagem como o uso de Tecnologias Assistivas na sala de recursos, enquanto estratégia para promover uma reflexão da ação na educação de crianças portadoras de necessidades especiais em uma escola de rede pública municipal, em Campo Formoso- BA.

Desse modo, este estudo pode contribuir para a criação de uma cultura de valorização da diversidade na escola e sociedade em geral, assim como a escola tem percebido e se apropriado dos avanços relativos a Tecnologia Assistiva e como a mesma tem entendido e formulado as necessidades e demandas nessa área, além de entender os processos necessários a identificação das necessidades para a aquisição, acesso, formação e utilização adequada, relacionados a TA, pela escola, com vistas ao aprendizado escolar dos alunos com necessidades especiais por eles atendidos.

Além do mais, o presente estudo pode ajudar na consolidação de um novo olhar, pensar e agir para com os portadores de necessidades especiais nas salas de recursos, a qual aposta na iniciativa, criatividade do aprendiz, na inserção de recursos telemáticos, percebendo o sujeito como construtor, produtor dos próprios conhecimentos e mudança do modelo tradicional de educar, rumo a um novo paradigma convergente com as necessidades da sociedade contemporânea e os princípios da Educação Inclusiva, em direção a uma necessária redescoberta do papel social da escola.

Os ambientes telemáticos criados nas escolas públicas tem por finalidade promover a inclusão de fato e de verdade nas salas de aula do ensino regular. Tendo o apoio pedagógico indispensável para a concretização do processo de educação inclusiva. Contudo, a qualidade com que estes profissionais desenvolvem e organizam suas atividades pedagógicas, influenciam muito no desempenho e qualidade do AEE, pois, este serviço requer uma metodologia de ensino inclusivo, onde o aluno sinta a vontade de se envolver nas aulas e nas atividades

escolares, visto que a presença de alunos com necessidades especiais em escolas regulares não supre as necessidades educacionais, precisa ter motivação. Sendo assim, o AEE requer uma metodologia de ensino inclusivo com qualidade curricular e metodológica, capaz de identificar as limitações de cada indivíduo e eliminá-las para que, aconteça a aprendizagem, elemento essencial na garantia da inclusão escolar (ARNAL; MORI, 2007).

E) Organização do Trabalho

Este trabalho está estruturado da seguinte maneira. A introdução, constante do capítulo primeiro, contextualizou Construcionismo e a Inovação Pedagógica. Assim no segundo capítulo corresponde à fundamentação teórica da inclusão e das políticas públicas voltadas para inclusão. No terceiro Capítulo discutiu-se a inovação pedagógica nos processos de aprendizagem com o uso de Tecnologias Assistiva, na Sala de Recursos com crianças portadoras de necessidades educacionais especiais, em seguida, acerca do

No quarto capítulo, descreve-se o percurso metodológico adotado, apresenta-se a natureza, o local e os sujeitos da pesquisa; além de se explicitarem os procedimentos de coleta e de análise dos dados, os instrumentos e as categorias da pesquisa. O capítulo quinto apresenta a discussão dos resultados e das análises, na qual constata-se a importância do lúdico no atendimento realizado pela professora, respeitando a individualidade de cada aluno, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento das potencialidades individuais do aprendiz. No Capítulo sexto são refletidos os métodos pedagógicos utilizados pela professora, de acordo com os interesses, habilidades e dificuldade de cada aluno. Desta forma, se torna possível a atuação concreta, em igualdade de oportunidades para o pleno desenvolvimento de todos os educandos. Por fim, as considerações finais são apontadas as dificuldades, as facilidades e as sugestões para os profissionais.

Nesse sentido, os estudos realizados nos ciclos de seminários preparatórios de acesso ao mestrado em Ciência da Educação - área de Inovação Pedagógica da Universidade da Madeira inquietou-me saber se esses instrumentos de aprendizagem disponíveis na Sala de Recursos da Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira, ocorre de forma inovadora, através das práticas pedagógicas desenvolvidas e se favorecem aos alunos uma aprendizagem significativa. Sendo assim, amparada pela concepção construcionista essa pesquisa buscará respondê-la com o objetivo de alcançar um novo olhar sobre as práticas pedagógicas e suas características inovadoras.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I - CONSTRUCIONISMO E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

“A inovação pedagógica, nestes dias de desenvolvimento exponencial da ciência e da tecnologia não é sinônimo de inovação tecnológica”. (Carlos Nogueira Fino).

Diante do atual momento de transformações sociais, políticas e econômicas que estamos a viver, onde a tecnologia torna-se mais presente e necessária em nossas vidas, os indivíduos sentem cada vez mais a necessidade de se redescobrir a partir de novas possibilidades de aprender. Então, pensando em atender esta necessidade e rever as tradicionais concepções de ensino aprendizagem e a prática educacional do paradigma fabril e seus valores totalmente desgastados, compreendemos que a escola estar distante de atingir metas sociais e educacionais no que se refere à formação das novas gerações.

Para que aconteça Inovação Pedagógica é imprescindível que haja mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas tradicionais, podendo acontecer em ambientes físicos ou virtuais de aprendizagem. Essa nova maneira de atuar exige um posicionamento crítico diante de tudo o que foi vista na concepção da escola tradicional. Porém, a escola ainda se apresenta como um espaço que pouco evoluiu tornando-se uma instituição descontextualizada tendo em vista que não é capaz de preparar os sujeitos para situações que o futuro possa reservar.

Portanto, para atenuar esta lacuna entre a escola e as demandas da modernidade, pensou-se na introdução das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), nos espaços escolares tentando assim suprir os espaços vazios procedentes de um ensino apoiado nos velhos paradigmas.

Vivermos já numa sociedade em mudança, num planeta tornado subitamente muito pequeno pela ação das tecnologias digitais, da globalização, da pulverização das culturas locais.[...] Entretanto, como se nada tivesse acontecido, a escola pública tem continuado a tentar cumprir a sua missão de formar para a sociedade industrial.[...] Como é que é possível não reparar que a escola modelada na fábrica do século XIX, por muito e relevantes serviços que tenha prestado à humanidade nesse século e no seguinte, precisa de uma reorientação paradigmática[...]? (Fino, 2007, p.4)

A incorporação da TIC no âmbito escolar pode ajudar a inovar no plano da criação de contextos de aprendizagem, porém, convém ressaltar que deve-se ignorar a ideia que comumente é difundida e internalizada de que inovação pedagógica consiste na mera incorporação de tecnologia novas na escola. Como afirma o Professor Doutor Carlos Nogueira Fino (2008, p.3) no trabalho Inovação Pedagógica: significado e campo de investigação “A inovação pedagógica,

nestes dias de desenvolvimento exponencial da ciência e da tecnologia não é sinônimo de inovação tecnológica”.

Mesmo tendo a convicção de que o uso destas ferramentas sejam muito importante ao êxito da educação, percebemos que estes instrumentos por si só não garantem o sucesso que se espera da escola. É importante que os educadores estejam preparados para usá-las, e que as compreendam no sentido de favorecer situações de aprendizagens. Tendo consciência que a adesão a um modelo de escola pautado na inovação pedagógica não depende da utilização da tecnologia, mas de realizações da prática de ensino em situações de aprendizagem bem-sucedida.

refira-se, ainda que a inovação envolve obrigatoriamente as práticas. Portanto, a inovação pedagógica não deve ser procurada nas reformas de ensino, ou nas alterações curriculares e programáticas, ainda que ambas, reformas e alterações, possam facilitar, ou mesmo sugerir, mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas. (FINO, 2008, p.2)

Ao percebermos e analisarmos as mudanças ocorridas pela sociedade fica claro a necessidade do homem em ajustar-se e passar a fazer parte desta nova onda de modernidade. É nesta fase que é facilmente perceptível a dificuldade do indivíduo em ajustar-se a essa demanda de transformação. A sociedade industrial, fundada sobre a organização sincronizada do trabalho, precisava de uma escola capaz de atender às necessidades do modelo industrial, de pacificar a classe operária e de formar o homem em um novo indivíduo munido de aptidões, independente, capaz de exercer as exigências que esta nova fase econômica e de conhecimento proporcionava. E estas transformações emergentes teria que acontecer em uma escola de pouco custo que vencesse os argumentos dos que resistiam à ideia da educação para todos. Para Toffler o ensino em massa foi uma prática necessária criada pela sociedade industrial para atingir o seu objetivo de construir adultos de que precisava para atender a emergência fabril.

[...] as inovações se ampliam todos os dias e se colocam em sua multiplicidade diante da sociedade cujos problemas de seleção passam a ser cada vez mais agudos. A velha e simples política, segundo a qual as escolhas se processam em função de vantagens econômicas a curto prazo, revela-se perigosa, confusa, fator de desequilíbrio. (TOFFLER, 1973, p.361).

Percebemos que a construção do conhecimento na sociedade da informação trata-se de um novo cenário social e educacional em que o conhecimento passa a ser matéria-prima. Proporcionam informações através destes novos paradigmas de aprendizagens. As tecnologias da informação e da comunicação provocam profundas transformações na forma de viver de cada pessoa, numa dinâmica de informações reorganizada, caracterizando-se como uma sociedade pós-industrial.

1.1 Construcionismo na Educação

O construcionismo epistemologicamente é inspirado nas teorias construtivista de Jean Piaget, biólogo defende que o conhecimento é construído pelo sujeito no processo de interação com o objeto cognoscível, onde a criança aprende. Papert propõe o construcionismo que ele chama de instrucionismo, onde a criança aprende melhor construindo. O instrucionismo está centrado na tentativa de melhorar o ensino e, no que se refere o uso do computador na educação, poderia ser assim sintetizado: “Para obtermos uma educação melhor precisamos melhorar o ensino”. Através do uso do computador como ferramenta que propicia ao aluno condições concretas de explorar o seu potencial intelectual, resultando da construção do conhecimento mediante a interação do aluno e o computador. ”A tecnologia pode dar acesso a um mundo mais amplo de acção, permitindo que a criança obtenha uma diversidade mais rica de interação com o mundo”(PAPERT,2008, p.105)

Para Papert (2008), o computador não vai ensinar ao aluno e sim este deverá proporcionar algo, utilizando como ferramenta, fazendo-se compreender como se da aprendizagem na escola tradicionais utilizando a tecnologia. Quando incorporamos as tecnologias dentro de uma instituição escolar como computadores, internet não determina que ela seja, de fato, sinônimo de inovação pedagógica. O computador pode ser usado nas escolas como máquina de ensinar, na informatização dos métodos de ensino tradicionais. Do ponto de vista de Fino (2007, p.1) “os contextos de aprendizagem escolar precisam de ser reestruturados para poderem suportar uma atividade mais centrada no aprendiz, mais interactiva, e estimulando mais a resolução de problemas de forma cooperativa”. No computador é implantado uma série de informações e essas são passadas aos alunos através de um professor, exercícios e práticas ou jogo.

Na sociedade atual transmitir informações não é suficiente, é preciso ressignificá-las. Dessa forma, Papert direciona o ensino para uma outra concepção de uso do computador como produção construcionista, em que os meios ou a tecnologia são utilizados para desenvolver habilidades e competências para ação-reflexão-ação, em que ambientes planejados e organizados pelo professor permitam a utilização dos mesmos como parceiros de construção coletiva. ”É desejado que o professor deixe de ser um expositor satisfeito em transmitir soluções prontas; o seu papel deveria ser aquela de um mentor, estimulando a iniciativa e a pesquisa”(PIAGET, 1973, p.16).

Desta forma, os professores devem proporcionar práticas a seus alunos fazendo com que os mesmos passem de sujeitos passivos onde somente recebem o que lhe é transmitido em

sala de aula, para a condição de pensante e interativo numa lógica do conhecimento construída na relação de colaboração e construção mútua por parte do professor, alunos e computadores através de uma interação ativa. Vygotsky (1988) acredita que a ideia que o desenvolvimento intelectual das crianças decorre de interação sociais e peculiaridades das condições de vida das mesmas. Para o autor, o aprendizado surge da ideia que o homem é um ser social que se forma em contato com a sociedade. Se opondo às condições empiristas que enxergam o homem como um produto de estímulos externos. Passando a criticar as teorias inatistas que defendem que o homem já nasce com as características que irá desenvolver durante a vida. Ele acredita, que o desenvolvimento do homem está intimamente ligado a história da sociedade, sendo assim impossível separar um do outro. O autor acreditava que na mente dos aprendizes existe uma zona de desenvolvimento proximal, que é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que representa a capacidade do aluno em resolver problemas individualmente, já o nível de desenvolvimento potencial, que é determinado através do que o aluno pode fazer com o auxílio de um mentor ou outro aprendiz mais experiente.

Vygotsky (1991) escreve sobre a importância da mediação feita pelo professor, devendo ser eficaz na zona de desenvolvimento proximal do aluno para alcançar um outro nível, a zona de desenvolvimento potencial quando o aprendiz adquire novas habilidades, aumentando o nível de aprendizagem do aprendiz. Conforme o pressuposto da Teoria Interacionista, as interações dos sujeitos com o meio social é determinante na aquisição do conhecimento. Professores e alunos são essenciais nessa relação onde pensamentos, linguagem e intervenções possibilitam o conhecimento. Assim, a aprendizagem mediada por pares mais experientes ou mais capazes, nos mostra um bom método de evolução do desenvolvimento. Segundo Vygotsky (1991, p.150)

O efeito do uso de instrumentos sobre os homens é fundamental não apenas porque os ajuda a se relacionarem mais eficazmente com o seu ambiente como também devido aos importantes efeitos que o uso de instrumento tem sobre as relações internas e funcionais no interior do cérebro humano. (VYGOTSKY, 1991, p.150)

Fazer com que os próprios alunos sejam instrumentos de instruções permite que o aprendiz que está sendo monitorado aos poucos assumam responsabilidades cognitivas, e assim, cada vez mais o aprendiz autorregula suas tarefas. O construtivismo acredita na construção do conhecimento, na realização concreta de uma ação articulada a conteúdos disciplinares e a oportunidade de contextualizar os saberes como um produto palpável de interesse de que produz.

Apalavra construtivismo resulta de um modelo alternativo, segundo o qual o aprendiz tem de construir conhecimentos sempre novos em qualquer situação. Piaget, o mais influente arauto da educação construtivista, popularizou a divisa: Compreender é inventar. O papel do professor é criar as condições para a invenção, em lugar de oferecer conhecimento já consolidado. (PAPERT,1996, p.75).

Oferecer recursos tecnológicos modernizados nas escolas não é suficiente. É preciso fazer com que a criança tenha vontade de usá-los de forma interativa, como prazer e criatividade, fazendo com que a tecnologia faça parte do seu contexto, numa visão de construção do conhecimento desenvolvido por SeymourPapert.

1.2 O verdadeiro sentido da Inovação Pedagógica

A sociedade tem passado por diversas alterações ao longo dos tempos, onde podemos perceber claramente a necessidade que o homem sentede fazer parte desta onda de mudanças. Segundo Toffler (1973, p.384) “toda sociedade enfrenta, não apenas uma sucessão de futuros prováveis, mas um punhado defuturos possíveis e um conflito quanto aos futurospreferíveis”.Diante de tanta modernidade e avanços tecnológicos percebemos que o futuro não chegou em todas as esferas da sociedade, assim, ficou a escola presa a antigos paradigmas que não a deixaram seguir o curso damodernidade. Introduzir o computador no meio escolar como material de instrução poderia vim ajudar a instituição a suprir as lacunas oriundas de um modelo de ensino apoiada no passado. Porém, este passo pouco adiantou, pois, o acréscimo destas ferramentas não provocou a descontinuidade do antigo paradigma fabril, como descreve Seymour Papert(1973).

A educação está vivendo em meio a globalização, precisa vivenciar profundas mudanças, acompanhando projetos inovadores, exigindo de todos um pensar sobre cenários do futuro, objetivando diminuir problemas educacionais e as incertezas que permeia o meio educacional no futuro próximo “ plausível em que podemos ter de viver e trabalhar um dia” (SOUSA, 2004, p. 79). Segundo Fino (1998, p.1) “ a interação dos indivíduoscom o mundo e com outros indivíduos é mediada por artefactos e por ferramentas cultural socialmenteconstruída.

O construcionismo definido por Papert, como uma possibilidade real de provocar o desenvolvimento do educando, é de fundamental importância para compreendermos o conceito de inovação pedagógica no âmbito escolar. E esta inovação só acontece quando há mudanças nas práticas pedagógicas do professor e não somentenas reformas educacionais ou curriculares. Papert (1980) afirma que o papel do professor deve consistir, fundamentalmente, em saturar o

ambiente de aprendizagem com os nutrientes cognitivos a partir dos quais os alunos constroem conhecimentos.

Educar para a sociedade numa perspectiva inovadora significa dominar e transcender os recursos tecnológicos, desenvolver a capacidade de questionar, de analisar criticamente, tomar decisões, ter competência para enfrentar situações inesperadas, desenvolver valores éticos e morais voltados para o que dar sentido ao futuro, focando o que realmente tem significado ao cidadão. “A educação não pode deixar de ter os olhos no futuro” (SOUSA, 2004,p.73).

Pensar em uma mudança significativa na escola é muito mais que inserir meios técnicos, para a mudança das práticas docente. Uma educação baseada na tecnologia não nos aproxima de um ensino de qualidade, ou torna as nossas escola mais eficientes. A Inovação Pedagógica, é um processo de reflexão sobre antigos paradigmasque precisam mudar para se adaptar ao novo contexto ”não é induzida de fora, mas um processo de dentro, que implica reflexão, criatividade e sentido crítico e autocrítico”(FINO, 2008, p.2). Está mudança a que os autores se referem não estão relacionadas há equipamentos, programas multimídias, formação de professores, ainda que a boa formação seja importante, pois, estes fatores não tornam o ensino inovador.

Inovação sugere novas formasde concepções nas práticas de ensino e aprendizagem, materializando as práticas educativas que apresentam como foco principal o desenvolvimento do educando partindo de suas possibilidades. Desta forma, estas experiências pedagógicas que permitem que o educando seja construtor de sua própria aprendizagem, desenvolvendo suas potencialidades apenas com o auxílio de um professor, e não mais sob seu direcionamento.

1.3 Trabalho colaborativo

Muitos autores tem ultimamente reconhecido a grande importância das intervenções sociais no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos. Esta prática parece ter certa relação ao nível dos novos programas de matemática. A aprendizagem da matemática começa a ser vista como um processo construtivo e interativo de resolução de problemas.

De acordo com Dees (1990), quando os alunos trabalham em suas atividades juntos, com o mesmo objetivo de aprendizagem e produzem um produto ou solução final comum, estão a aprender cooperativamente. Sendo assim, quando os alunos trabalham cooperativamente percebem que podem alcançar os seus objetivos somente se os outros membros do grupo também alcançarem os seus, ou seja, existem objetivos de grupo.

Este método de aprendizagem colaborativa está entre as habilidades que incentiva a autonomia e a construção da aprendizagem, desta forma promovem a interação entre os estudantes, sendo também considerada uma estratégia efetiva de ensino e eficaz para a aprendizagem (BARKLEY; MAJOS; CROSS, 2014).

As primeiras falas em torno dessa prática originam-se na América do Norte, entre as décadas de 80 e de 90, a partir dos estudos sobre aprendizagem cooperativa realizados por Johnson, Johnson e Holubec (1988) e Jonhson e Jonhson (1994) no cenário da educação básica. Seguindo a mesma linha de pensamento, outras contribuições (LEW et al., 1986) sobre o tema abordaram a visão da interdependência dos objetivos de aprendizagem com os resultados e o desenvolvimento de habilidades colaborativas, surgindo discussões sobre a diferenciação entre aprendizagem colaborativa e aprendizagem cooperativa (BRUFFEE, 1995), uma vez que o trabalho cooperativo deveria preparar e desenvolver nos educandos da educação básica habilidades colaborativas necessárias para que uma aprendizagem significativa aconteça nas instituições escolares, tais como: confiança, autenticidade, comprometimento, tolerância, senso de equipe e comunicação.

Conforme Parrilla (1996, *apud* ARNAIZ, HERRERO, GARRIDO e DEHARO, 1999), grupos colaborativos são aqueles em que todos os componentes compartilham as decisões tomadas e são responsáveis pela qualidade do que é produzido em conjunto, conforme suas possibilidades e interesses.

No fim da década de 1990, diversos autores (BRUFFEE, 1995; PANITZ, 1995; ROCKWOOD, 1995) diferenciavam aprendizagem colaborativa de cooperativa, sendo a colaboração compreendida como uma filosofia de interação e um estilo pessoal, no qual os educandos são conscientes por suas próprias atuações. Entre essas ações, estão a responsabilidade sobre sua própria aprendizagem e o respeito e habilidades para trabalhar com seus pares. Nesse viés, a cooperação é uma estrutura criada para a realização de uma atividade ou produção de um produto que requer que os estudantes trabalhem em grupo (PANITZ, 1995). Compreendendo a complexidade da vida e o tamanho das tarefas do mundo atual exigem maior interação entre as pessoas, cada vez mais a solução de problemas passa pela necessidade de trabalho em grupo (LÉVY 1998).

Para Damon e Phelps (1989) o conceito do trabalho cooperativo e trabalho colaborativo são completamente distintos. No Trabalho colaborativo os educandos assumem diferentes funções ao desenvolverem as atividades propostas, ficam cada um responsável por exercer função diferentes da mesma. Com esta subdivisão das atividades, os alunos desenvolvem um

trabalho, na maior parte do tempo, sempre isoladamente. Logo, o elemento competição, torna-se por vezes uma variável com muito peso e com efeitos psicossociais não muito proveitosos.

Quando organiza-se um trabalho cooperativo, os aprendizes realizam suas atividades sempre em grupos em um mesmo objetivo, em vez de separados onde cada um assume atividades da tarefa. Desta forma cria-se um ambiente nutrido em aprendizagem e descobertas mútuas, *feedback* recíproco e um compartilhar de ideias constante.

1.3.1 Contribuições de um Trabalho Colaborativo

Um educador que desenvolve atividades grupais na sala de aula, favorece o surgimento de um método considerado, em geral, como facilitador da aprendizagem. Muitos pesquisadores da área de Educação Matemática e de Ciências como, (Brown et al., 1989; Wheatley, 1991; Kirschner, 1992; Duschl, 1995) afirmam que o trabalho desenvolvido em grupo fomenta os *insights* (intuições) e as soluções que não aconteceria durante a aprendizagem individual, criando oportunidades de discussão e de argumentação, além de propiciar a comparação entre conhecimentos prévios e a percepção da inadequação da estratégia de raciocínio.

Quando se tem um trabalho cooperativo (Johnson e Johnson, 1990) os alunos ganham segurança nas suas capacidades individuais, além de que os conceitos matemáticos são melhor apreendidos neste processo dinâmico em que, os alunos interagem. Outros argumentos apresentada por estes autores, para a utilização do trabalho cooperativo na sala de aula, é o fato de que com este tipo de metodologia, consiste num envolvimento dos alunos que tendem a estar mais intimamente motivados para estudar, pois deste modo, os educandos adquirem mais confiança do que estando individualmente estudando matemática.

A aprendizagem deve ser identificada, como uma construção social e não como a aquisição de estruturas prontas. Compreendendo o que diz à teoria de Vygotsky podemos entender melhor a importância do trabalho cooperativo na construção da aprendizagem, segundo o autor Wertsch nos fala: “Os processos inter-psicológico envolvem pequenos grupos de indivíduos ocupados com interações sociais e são explicados e das práticas comunicativas de pequenos grupos”. (WERTSCH, 1985, p. 60).

Segundo o pensamento de Vygotsky, “a construção do conhecimento implica em uma ação partilhada, exigindo uma cooperação e troca de informações conjuntas, com conseqüente ampliação das capacidades individuais” (1989, p.36). Ainda argumenta Vygotsky, que os seres humanos, diferente dos animais, desenvolvem os instrumentos necessários à concretização do

trabalho, sendo capazes, de conservá-los para uso vindouro e transmitir sua função, aos membros de seu grupo, aprimorar e produzir novos instrumentos.

Vygotsky (1989) é um dos autores que vem alicerçando um grande número de estudos voltados para o trabalho colaborativo dentro da escola. Ele menciona que as atividades realizadas em grupo, todos juntos, oferecem enormes vantagens, que não estão disponíveis em ambientes de aprendizagem individualizada. Neste sentido, a teoria histórico-cultural, de Lev Vygotsky, diz que o indivíduo aprende e desenvolve-se a partir das suas interações com o outro. Ou seja, o desenvolvimento psíquico ocorre do plano interpsicológico – referente à interação com o outro – para o plano intrapsicológico – na mente do indivíduo (Vygotsky, 1989).

Para Vygotsky (1989), é o aprendizado que possibilita o processo de desenvolvimento de uma pessoa, demonstrado por ele em dois níveis: um referente às conquistas já assimilado pelo indivíduo, que ele chama de nível de desenvolvimento real ou efetivo, e outro, o nível de desenvolvimento potencial, relacionado às competências que irão ser construídas. No nível de desenvolvimento real, encontra-se àquelas habilidades já existente no educando, aquilo que ele já sabe, domina, aprendeu e realiza sozinho, sem a ajuda de alguém ou de um grupo mais experiente. Já no nível de desenvolvimento potencial, encontra-se aquilo que o aluno é capaz de fazer, só que mediante a ajuda de um mediador ou de um grupo mais experiente.

A diferença entre as atividades que o educando é capaz de realizar de forma autônoma (nível de desenvolvimento real) e aquelas que ele realiza em colaboração com os outros indivíduos do seu grupo social (nível de desenvolvimento potencial) caracteriza o que Vygotsky (1978) denomina de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) ou Potencial. Essa zona define funções que não amadureceram que ainda estão em processo de maturação, em estado embrionário. A ZDP representa então, a área onde estão esses conhecimentos e essas habilidades que têm capacidade para ser internalizados e desenvolvidos por meio da mediação de outras pessoas ou de grupos culturais. A teoria de Vygotsky acerca do desenvolvimento da mente infantil descrita através na ZDP, não se aplica somente ao desenvolvimento infantil, mais acredita-se que este conceito se aplique a todos os seres humanos, de qualquer idade.

A distância entre o actual desenvolvimento determinado pela resolução independente de problemas e o nível mais elevado de potencial desenvolvimento determinado através da resolução de problemas sob a orientação de adultos ou em colaboração com pares mais capazes (VYGOTSKY, 1978, p.86)

A escola realizará perfeitamente seu papel, na medida em que, valorize o conhecimento trazido pelo educando e a partir de suas experiências vivenciadas, suas ideias, e teorias adquiridas acerca do que observa no mundo, assim, será capaz de adquirir e ampliar a construção de novos conhecimentos.

O importante na aprendizagem é, a construção de novos conceito pelos próprios alunos, e que estes proporcione redes conceptuais para a construção do novo conceito, em interação com o outro.

Vygotsky (1978) faz uma importante observação entre os conhecimentos construídos na experiência pessoal, concretas do dia a dia das pessoas, que ele chamou conceitos cotidianos ou espontâneos e aqueles construídos na sala de aulas, alcançados por meio do ensino sistemático, que chamou conceitos científicos. Apesar de diferentes, os dois tipos de conceito estão profundamente relacionados e se influenciam mutuamente, pois fazem parte, de um único processo: o desenvolvimento de formação de conceitos. O processo de construção de conceitos é fundamental no desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Para compreender um conceito é necessário, além das informações adquirida do exterior, um grande esforço mental por parte do aluno. Assim, um conceito não é compreendido e apreendido por meio de um treinamento mecânico, nem tampouco pode ser meramente transmitido pelo professor ao aluno. Nesse sentido, embora não seja assimilado pronto, o ensino escolar desempenha um papel importante na construção dos conceitos, de um modo geral, e dos científicos, em particular. A escola possibilita ao aluno um conhecimento organizado sobre pontos que não estão ligados a sua vivência direta. Possibilita que o educando consiga o conhecimento científico construído e guardados pela humanidade (teoria). Esses, entretanto, necessitam ser relacionados e misturados com os conceitos espontâneos dos alunos (prática) para que não fiquem no nível de mero verbalismo descontextualizado.

1.3.2 Efeitos de uma prática colaborativo na sala de aula

O desenvolvimento do trabalho colaborativo possibilidade o resgate de valores como o compartilhamento, solidariedade, que foram esquecidos ao longo do tempos por nossa sociedade competitiva e individualista. Neste viés argumenta Naura Ferreira (2003, p.134), “juntamos trabalhos” ao invés de trabalharmos juntos, e isso se aplica nas instituições escolares, onde as atividades pedagógicas e as administrativas, são constantemente, realizadas de maneira individual.

Desta forma, quando os alunos trabalham de forma coletiva podem ajudar uns aos outros, e aprender os conceitos mais básicos que, na maioria das vezes acontece num contexto diferente do habitual. Desta maneira proporcionam aos alunos a capacidade de interagir de diferentes maneiras para resolver uma situação problema, contribuindo assim, com uma aprendizagem significativa ao alcance de todos.

Estas práticas colaborativas indica que o desenvolvimento de atividades de forma colegiada pode criar um ambiente rico em aprendizagens acadêmicas e sociais tanto para alunos como para educadores, assim como proporcionar a estes indivíduos, um maior grau de satisfação em suas funções.

Colaço (2004) argumenta que as crianças, ao trabalharem grupo, “orientam, apoiam, dão respostas e inclusive avaliam e corrigem a atividade do colega, com o qual dividem a parceria do trabalho, assumindo posturas e gêneros discursivos semelhantes aos do professor” (2004, p.339). Isso nos faz ver a importância do educador quando incentiva seus alunos a trabalhar em grupo quanto fornece-lhes uma forma de participar que leve ao compartilhamento de ideias e não a uma ação autoritária e diretiva, que ocorre quando um estudante apenas corrige o trabalho do colega, como observa Moysés (1997). Assim, parece que o professor desempenha papel importante na promoção de benefícios do trabalho em grupo entre seus estudantes, tanto servindo como modelo de interação quanto organizando grupos de estudantes que possam tornar o trabalho frutífero. (MARTINS, 2002).

Os resultados das pesquisas realizadas ao longo destes anos por pesquisadores, indicam que a aprendizagem colaborativa oferece grandes benefícios e que não encontramos disponíveis em salas de aulas que desenvolvem metodologias mais tradicionais, uma vez que o trabalho conjunto permite um grau mais significativo de aprendizagem e reflexão do que qualquer indivíduo poderia fazer de forma isolada. Sendo assim, a liberdade que cada pessoa tem de pensar e externar, e defende seu ponto de vista. Quando pessoas estão envolvidas em convívios grupais, constantemente podem superar situações que não são capazes de compreender quando estão sozinhas, trabalhando de forma independente.

CAPÍTULO II - A INCLUSÃO SÓCIO-EDUCACIONAL: UMA QUESTÃO DE DIREITOS HUMANOS

“Certamente, tudo isso tem muito a ver com a construção de ambientes educacionais desejáveis, já que estamos preocupados em resgatar e cultivar a alegria na escola, em construir ambientes que realmente possam contribuir para o desenvolvimento de experiências ótimas de aprendizagem, para vivenciar o processo educativo, onde as crianças possam se sentir mais felizes e emocionalmente mais saudáveis.”

Maria Cândida Moraes

As primeiras escolas sempre foram tidas como um ambiente de aquisição de conhecimento e normas universais. Um lugar de muita cultura que tinha como característica a crença de que a escolarização era prerrogativa inerente de um grupo seletivo de pessoas consideradas capazes de atender as exigências acadêmicas impostas pelas instituições. Desta forma, estes pensamentos eram defendidos e apoiados pelas políticas públicas e metodologias educacionais reprodutoras da ordem social da época. A democratização da escola, faz surgir aos poucos uma opinião contrária a velha separação existente no ambiente escolar.

E estes novos entendimentos fez com que surgissem o desejo de resgatar aqueles que viviam as margens da sociedade. Desta forma vários movimentos buscou importantes ações afirmativas que permitiram o acesso e a manutenção do aluno com deficiência na escola.

Milhares de pessoas eram esquecidas nas comunidades que viviam ou eram impedidas de entrar no mercado de trabalho por serem consideradas incapazes de produzir ou desenvolver uma atividade com excelência. Este processo de exclusão social foi atribuído a elas por possuírem algum tipo de deficiência. Este tipo de preconceito é tão antigo quanto a socialização do homem.

A organização estrutural da sociedade humana, desde os seu surgimento, nunca olhou para estas pessoas com os mesmos direitos de oportunidades que todos os cidadãos tem. Este olhar sempre impossibilitou os portadores de deficiência o acesso os benefícios e oportunidades oferecidas dentro da sociedade. Essas pessoas invisíveis dentro de uma sociedade excludente, sem direitos, respeito, sem atendimento adequado, sem educação, sempre foram alvo de atitudes preconceituosas e ações impiedosas.

As políticas públicas, os movimentos sociais, as campanhas internacionais e nacionais que lutam pelos direitos humanos, e a própria história do homem refletem essas ações discriminatório, pois é mais fácil enxergar às aparências e ver as limitações do que enxergar o potencial e a capacidades que podem estar por traz da aparência destas pessoas.

No últimos tempos, ações de pais e de educadores têm avançado e concretizado a inclusão nas instituições escolares, de pessoas portadores de deficiência física ou, portadoras de necessidades educacionais especiais, e com essa iniciativa acabar com a exclusão e garantindo respeito e a dignidade desses cidadãos, com o objetivo de proporcionar o pleno desenvolvimento e o acesso a todos os recursos da sociedade.

Várias ações nacionais e internacionais tem realizado e buscado o entendimento para a criação de uma política de integração e de educação inclusiva, no ambiente escolar. E o seu apogeu aconteceu na Conferência Mundial de Educação Especial, que contou com a participação de 88 países e 25 organizações internacionais, em assembleia geral, na cidade de Salamanca, na Espanha, em junho de 1994.

Este episódio findou com a "Declaração de Salamanca", da qual observa-se, a seguir, pontos essenciais, que devem servir de base, reflexão e transformações da realidade atual, tão diferente destes seres humanos.

- ❖ toda criança tem direito fundamental à educação e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem;
- ❖ toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas;
- ❖ sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades;
- ❖ aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer tais necessidades;
- ❖ escolas regulares, que possuam tal orientação inclusiva, constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias, criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas provêm uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional.

A inclusão escolar, adquiriu uma grande base com a Declaração de Salamanca, contudo, não minimizou e não resolveu todas as questões de marginalização e exclusão dessas pessoas, pois, o meio de exclusão antecede muito ao período de escolarização, começando com o nascimento do indivíduo ou no momento em que algum tipo de deficiência física ou mental,

adquirida ou hereditária é descoberta pela família. Isso acontece em qualquer tipo de constituição familiar, sejam as bem estruturada ou, famílias totalmente destruídas em todas as classes sociais com um peso agravante para os menos favorecidos.

Quando uma família se depara com um indivíduo com deficiência ou o surgimento de alguma necessidade especial em algum membro da família altera totalmente a rotina no lar. É neste momento que os questionamentos surgem: Como proceder daqui para frente? O que será do futuro de meu filho? De quem é a culpa?

O temor do desconhecido, então, toma conta das ações desses pais e a rotina familiar fica fragilizada. Neste momento surge um sentimento de incapacidade, revolta, insegurança, o complexo de culpa, o medo do que podem enfrentar no futuro, como a rejeição, uma vez que todos tem a entendimento que, a partir da deficiência, terão um longo e árduo caminho de combate à segregação e ao isolamento.

A falta de informação e discernimento da sociedade, faz com que a deficiência seja vista como uma barreira, uma doença crônica, um problema sem resolução ou um fardo grandioso para a família. A deficiência é uma cicatriz, que torna as pessoas com deficiência auditiva ou visual, mentais ou físicas em pessoas incapazes, sem direitos constitucionais, sempre deixadas de lado, pois são improdutivas e inferiores. É necessário determinação e muita vontade para superar este estigma.

Esse quadro se agrava nas comunidades de baixa renda e carentes, pois a falta informações e de recursos econômicos minimiza as oportunidades de conseguir atendimento de qualidade. Tornando o potencial e as habilidades dessas pessoas desacreditadas no meio social em que vivem e pouco esclarecimento a respeito das deficiências.

Neste contexto, percebemos claramente a exclusão e a rejeição presentes neste contexto social e as ações do governo, são programas, propostas, projetos, leis e decretos, que permanecem, na maioria das vezes, só no papel e engavetados sem que aconteça a integração de objetivos e metas.

Ações paralelas acontecem entre o governo e a iniciativa privadas, que ficam separadas, sem consistência e direcionadas a um grupo restrito, investindo recursos financeiros e nada acontece para mudar este quadro vergonhoso de exclusão existente. Esse tipo de ações, muitas vezes bem estruturadas, mas não são permanentes, pois, as mudanças governamentais interrompem, perdendo a continuidade e o objetivo dando início a outras ações para exaltar o governo de quem está no poder.

Os estados e municípios, também se arrastam despreparados na maioria dos casos, pois não existe uma política organizada efetiva de inclusão que viabilize planos integrados de

urbanização, saúde, educação, acessibilidade, com metas e ações unidas com o mesmo objetivo proteger os direitos dos portadores de deficiências.

2.1 Inclusão dos Portadores de Deficiência

O Brasil assim como vários outros países do mundo, tem se esforçado para implantar a construção de um sistema educacional inclusivo. Vários movimentos nacionais e internacionais surgiram em prol de alunos que eram de maneira discriminatória excluído do ensino regular por não ter os requisitos estabelecido por um sistema de ensino regular.

A Educação Especial é uma modalidade de educação escolar, oferecida pelo sistema Educacional, para o atendimento das pessoas com necessidades especiais (BRASIL, Lei 9394/96). São assim chamadas as pessoas que apresentam necessidades próprias e diferenças acentuadas e relação aos outros alunos no domínio da aprendizagem curricular.

De acordo com a convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência promulgada pela Organização das Nações Unidas – ONU, em março de 2007, define o que seria uma pessoa considerada como pessoas com deficiência.

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade, em igualdade de condições com as outras pessoas. (BRASIL, 2007 c, p.17).

Logo assim, os Estados Partes assegurarão um sistema educacional inclusivo em todos os níveis de ensino, garantindo assim que as pessoas com deficiência não sejam excluídas sob alegação de possuir qualquer tipo de deficiência. Afim de promover e efetivar a educação, os alunos deverão receber o apoio necessário de acordo com suas necessidades individuais. (BRASIL, 2007c).

Outros importantes movimentos internacionais antecederam a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU que contribuíram para fortalecer ações em prol de uma Educação Inclusiva em muitos países. A conferência Mundial de Educação para Todos, de 1990, a Declaração de Salamanca, de 1994, e a Convenção de Guatemala, de 1999. Todos estes documentos defendem o público alvo da educação inclusiva. E comungam os mesmos ideais de que:

As pessoas portadoras de deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que outras pessoas e que estes direitos, inclusive o direito de não ser submetidas à discriminação com base na deficiência, emanam da dignidade e da igualdade que são inerentes a todo ser humano (GUATEMALA, 1999).

E ainda lemos textos como:

As crianças e jovens com necessidades educativas especiais deve ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através de uma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro dessas necessidades. (SALAMANCA, 1994).

A construção destes documentos, contou com o envolvimento de pessoas com deficiência que trouxeram importantes contribuições, no campo da compreensão desta condição humana, a deficiência e do respeito para com essas pessoas. E assim, para atender estas expectativas muitos países conduzidos por estes documentos organizaram seus sistemas educacionais para implantar práticas inclusivas e construir condições necessárias para ao acesso e permanência dos alunos com deficiência nos sistemas educacionais e almejando sucesso nos objetivos de aprendizagem de todos.

Nas últimas décadas, várias campanhas de políticas públicas foram instauradas no Brasil com o objetivo de resgatar direitos que favoreçam o exercício da cidadania,(APAE, 1945; Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional- LDBEN, 1961; Centro Nacional de Educação Especial- CENESP, 1973; Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, 1990;).Diante disso, é comum se ouvir discursos e ler nos projetos educacionais propostas de inclusão com temas relacionados às diferenças, à diversidade cultural e à inclusão de pessoas com deficiência no contexto social, principalmente no ambiente escolar.

A LDB n.º9.394/96 deu maior destaque a Educação Especial do que as outras leis anteriores. Isso se deve em razão dos argumentos fundamentados trazidos pelas ideias de movimento ocorridos pelo mundo - Conferência de Salamanca, Espanha, em 1994, como também o surgimento de outros movimentos ocorrido no Brasil decorrente das crescentes expressões da democracia e dos direitos do cidadão. Brandão (2007) comenta que o capítulo V desta lei, que trata da questão da Educação Especial, possui apenas três artigos, contudo, se forem cumpridas na sua íntegra todas as disposições neles contidas, o Brasil certamente será considerado como referência mundial nesse assunto. Assim diz a Lei:

Da Educação Especial

Art. 58. Entende-se por Educação especial, para os feitos desta lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.

§1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializados, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela da educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns do ensino regular.

§ 3º A oferta da educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educando com necessidades especiais:

I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organizações específicas, para atender às suas necessidades;

II – terminal idades específicas para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV – educação especial para o trabalho, visando à sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artísticas, intelectual ou psicomotora;

V – acesso igualitário aos benefícios dos programas dos programas sociais suplementares disponíveis para os respectivos níveis do ensino regular.

Art. 60. Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público.

Parágrafo único. O poder Público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede públicas regular de ensino, independente do apoio às instituições presente neste artigo.

Esta lei contempla a ideia de educação inclusiva, quando ela deixa bem claro no artigo 58, que a Educação Especial deve ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino dando ênfase ao ideário de incluir alunos com necessidades educacionais especiais, sempre que

possível, nas salas de ensino regular. Porém ela ressalta no §1 que se este atendimento educacional especializado não for possível ser ministrado no horário de aula, deverá ocorrer no contra turno das aulas regulares, desta forma este aluno não ficará limitado a ter acesso ao ensino obrigatório e gratuito do Ensino Fundamental, garantido pela constituição Federal e pela LDB, inclusive para os que ele não tiveram em idade própria.

O texto ainda nos mostra no próximo artigo que os sistemas de ensino deverão assegurar ao aluno com necessidade educacionais especiais os recursos necessários para seu aprendizado e promover a inclusão, que determina currículo, métodos e técnicas adequadas; recursos e organização; professores especializados e capacitados para a integração deste aluno na sociedade, para uma vida digna, sempre que possível, para o trabalho.

Não é fácil para uma instituição de ensino atender a todos os propósito da lei, pois para isso terá que, possuir uma rotina organizada e centrada à diversidade como também ter uma quadro de professores que tenham condições essenciais de trabalho para assim se atingir o seu objetivo.

Essas iniciativas de políticas públicas para o avanço da qualidade de vida dessas pessoas fazem brotar inúmeras propostas de inclusão que levam à busca da melhoria de vida de uma significativa parcela de cidadãos que, no passado viviam completamente excluídos/abandonados pelo Estado. Nesse sentido, Sasaki (1997), reconhece a construção de um novo tipo de sociedade, através de transformações nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, assim como das pessoas “com deficiência”.

2.2 Paradoxo Escolar: Um Espaço de Inclusão ou Exclusão

A palavra inclusão (1999) vem do latim, que significa “colocar algo ou alguém dentro de outro espaço”, ou “entra num lugar até então fechado”. Este termo, cada vez mais usado, e aplicado não somente em questões direcionadas aos portadores de necessidades especiais, mais a todo discurso de acessibilidade de pessoas que se encontram impossibilitados de participar de determinados espaços e situações. Assim, quando nos referimos a inclusão não nos referimos apenas às pessoas portadoras de alguma necessidade especial, mas a toda situação em que se é observada na sociedade. O processo de exclusão acontece quando valores e práticas de uma cultura se direcionam a ações humanas. E este resultado faz surgir um contexto histórico onde os valores morais são construídos por diversas culturas.

A função da escola, de acordo com a Declaração Mundial de Educação para Todos (1990), é ser constituída para atender as demandas educativas dos alunos independentes de

características étnicas, físicas, culturais e socioeconômicas. Nesse sentido, toda criança tem direito à educação e acesso ao conhecimento, um dever do Estado e da escola que deve ser cumprido. Sendo assim, a educação inclusiva tem como objetivo tornar a escola uma local onde a diversidade, as diferenças culturais e sociais sejam trabalhadas de forma a combater as desigualdades e exclusão existentes.

Nessa linha de pensamento, Mantoan (2003) enfatiza a importância de uma escola inclusiva afirmando que:

A escola, para muitos alunos, é o único espaço de acesso aos conhecimentos. É o lugar que vai proporcionar-lhes condições de se desenvolverem e de se tornarem cidadãos, alguém com uma identidade sócio-cultural que lhes conferirá oportunidades de ser e de viver dignamente (2003, p. 53).

A Constituição Brasileira contempla expressamente o direito à liberdade, à igualdade, à segurança, à propriedade (art. 5º), tratando nos artigos 205 e seguintes, do direito de todos à educação. Esse direito, segundo o art.205, deve visar o “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1999, p. 32). Sendo assim, o atendimento especializado diante da lei deve ter:

[...] por meio de desenvolvimento de estratégia de aprendizagem, centrada em um novo fazer pedagógico que favoreça a construção de conhecimento pelos alunos, subsidiando-os para que desenvolvam o currículo e participe da vida escolar. (BRASIL, 2006, p. 13)

É possível que todos, independentemente de suas limitações, possam ter acesso a um desenvolvimento e sucesso em suas atividades escolares, é só compreender que a diversidade pode andar junto e harmonicamente. Davenport e Prusak (1998) consideram o conhecimento como um sistema vivo, que cresce e se modifica na medida em que interage com o ambiente. A partir deste comentário percebe-se que esse conhecimento específico surge com êxito quando o aluno encontra no ambiente escolar que se contrapõe a atitudes discriminatórias.

A educação para todos é uma possibilidade de transcender a teoria como diz Mantoan (2001). Porém, quando se trata de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento ou de alunos que acumulam um histórico de fracasso na sua vida escolar, nem sempre são olhados como indivíduos capazes de aprender, e na maioria das vezes acabam por ser excluídos do processo. Nesse sentido, o atendimento especializado no início da vida escolar pode mudar essa triste realidade, e dar a esses alunos condições para permanecer com sucesso na escola.

Com esse entendimento, se um aluno portador de deficiência adquirir conhecimentos através das práticas pedagógicas utilizadas em uma escola de ensino regular e essa mudar o destino desse aluno, o sucesso fica dividido entre aluno e a escola que se encontra dentro de uma perspectiva inclusiva.

Como afirma Vygotsky (1991), um profissional capacitado para atendimento educacional especializado deve esforçar-se para que haja a desconstrução de um sistema escolar excludente, dar prioridade à aprendizagem do aluno, a partir de suas potencialidades, visto que os avanços na aprendizagem são avanços no desenvolvimento do aluno, numa intensa relação de sua potencialidade, numa intensa relação de simultaneidade, como afirma Vygotsky (1991). O comentário de Zabala (1998, p. 98) afirma:

Aprender significa elaborar uma representação pessoal do conteúdo objeto da aprendizagem, fazê-lo seu, interiorizá-lo, integrá-lo nos próprios esquemas de conhecimento. Esta representação não inicia do zero, mas parte dos conhecimentos que os alunos já têm e que lhes permitem fazer conexões com os novos conteúdos, atribuindo-lhes certo grau de significância. (ZABALA, 1998, p. 98)

Dessa forma, para atingir um estado de harmonia social onde todas as crianças possam conviver e ter acesso a um ensino digno é imprescindível que se reconheçam as diferenças como fator inerente à vida, o respeito à individualidade e a equiparação das oportunidades como condição para a igualdade social e educacional (CARVALHO, 2000).

Portanto, a escola deve acolher a todos, sem olhar condições físicas, intelectuais, emocionais, sociais, linguísticas e outras. As escolas têm que procurar uma maneira de dar acesso ao conhecimento com êxito a todo aluno, inclusive aos portadores de deficiência. E sendo ela uma instituição criada para libertar homens e mulheres da opressão e alienação política, não deve ter atitudes de seleção ou marginalização que deixam de promover a igualdade. Como caracteriza Brandão (1994):

(...) porque a educação sobrevive aos sistemas e, se em um ela serve à reprodução da desigualdade e à difusão de ideias que legitimam a opressão, em outro pode servir à criação da igualdade entre os homens e à pregação da liberdade. Uma outra poderia ser: “porque a educação existe de mais modos do que se pensa e, aqui mesmo, alguns deles podem servir ao trabalho de construir um outro tipo de mundo” (BRANDÃO, 1994, p. 99).

As sociedades nos mostra no decorrer dos anos uma história de preconceito e discriminação que, vem se arrastando ao longo dos tempos e promovendo atitudes de exclusão em todas as épocas e níveis da sociedade.

A sociedade muitas vezes não respeita a diversidade, não enxerga o diferente, cria rótulos que permitem a disseminação do preconceito em várias classes sociais, até mesmo em ambientes onde não deveria ter que é na escola. No entanto, dessa separação pode atingir os normais como os anormais, pois a violência com que isto acontece, piora a qualidade de vida em sociedade.

Para que esse espaço possibilite um ensino de qualidade é preciso criar projetos político pedagógicos de acordo com as práticas inclusivas, com infraestrutura física tornando um ambiente agradável e adequado para a segurança e o bem estar do aluno. Contudo, essas medidas só se concretizarão se o Estado se responsabilizar na formação política e financeira que garanta o direito a uma educação de qualidade para o aluno, em uma escola capaz de atender suas necessidades educacionais especiais (MELO, 2006).

Garantir o acesso das crianças com necessidades especiais nas escolas da rede pública de ensino e organizá-las para que permitam o acesso ao ensino a partir de recursos, serviços e profissionais que auxiliem o trabalho pedagógico do professor enquanto mediador social na intervenção pedagógica direcionada às habilidades da criança é função do estado.

Atualmente os alunos com necessidades especiais não precisam ficar às margens do processo educacional, ou em um sistema paralelo ao do ensino regular, pois os programas de inclusão têm buscado a integração desses alunos, diante de uma sociedade conservadora e excludente. Porém, a Educação Especial vem a cada dia integrando-se às propostas pedagógicas das escolas pertencentes ao sistema regular de ensino, com o atendimento educacional especializado, a fim de garantir a inclusão de todos os alunos.

A trajetória histórica das instituições escolares traz como característica uma educação seletiva privilegiando apenas pequenos grupos. Contudo, compreende-se que no interior das escolas é possível adquirir valores que possibilitem seus integrantes a juntos, convivendo na coletividade, possa construir conceitos e valores aprendendo assim a respeitar o próximo. Sendo assim, haverá tolerância, sensibilidade e respeito para com o outro evitando assim a exclusão.

Neste contexto, a Inclusão passou a ser tema centralizador nas pautas de debates entre educadores que procuram promover, uma educação inclusiva com direito social para alunos portadores de deficiência e analisar as dificuldades e as contribuições que esses alunos enfrentariam no ensino regular. Essas discussões impulsionam o atual momento vivido pelas escolas de ensino regular e os profissionais de educação que nela atuam, pois o objetivo da inclusão social é que todos os alunos ocupem o seu espaço de maneira democrática. Morin (2000) entende que esse espaço deve realizar o direito de todos e de cada um de seus alunos em frequentar a escola com qualidade e dignidade.

Essas transformações ocorridas no espaço escolar provocaram o surgimento de uma sociedade mais flexível e acolhedora à diversidade. Nesse viés, urge novos caminhos para pessoas com deficiência. Contudo, para que os alunos com limitações oriundas de várias etiologias possam ter suas potencialidades desenvolvidas é necessário que novos instrumentos e estratégias pedagógicas surjam como auxílio no processo de aprendizagem.

A presença crescente das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no ambiente escolar proporcionam novas formas de integração com o conhecimento e sua construção, assim como para novas concepções e possibilidades pedagógicas. Dessa forma a Tecnologia Assistiva surge como uma expressão nova, que se refere a um conceito que está em processo de construção e sistematização. Contudo, a utilização de Novas Tecnologias nos reporta aos primórdios da história da humanidade. Qualquer pedaço de pau usado como arma, ou bengala, pode caracterizar um recurso de Tecnologia Assistiva, como descreve Manzini (2005):

Os recursos de Tecnologias Assistivas estão muito próximos de nosso dia-a-dia. Ora eles nos causam impacto devido à tecnologia que apresentam, ora passam quase despercebidos. Para exemplificar, podemos chamar as Tecnologias Assistivas uma bengala, utilizada por nossos avós para proporcionar conforto e segurança no momento de caminhar, bem como um aparelho de amplificação utilizado por uma pessoa com surdez moderada ou mesmo veículos adaptados para uma pessoa com deficiência. (MANZINI, 2005, p. 82)

Contudo, para que a inclusão aconteça em um ambiente escolar se faz necessário que esses alunos tenham oportunidades educacionais, de acordo com as suas necessidades, e assim, a aprendizagem faz diferença na vida dessas pessoas. Para tanto, as instituições devem estar equipadas e preparadas com recursos de apoio à educação dos alunos com necessidades educacionais especiais, de modo que o proporcione oportunidade de construir seus próprios conhecimentos mediados por esses recursos. Essas mudanças necessárias ocorridas no interior dessas instituições devem estar presentes também na postura e atitude do professor, pois assim, compreenderá a real necessidade de mudança que almeja uma educação plena e inovadora para o mundo atual.

2.3 Retrospectiva Histórica

“Ser outro, outro, outro. Cada um também deveria voltar a ver-se como outro”.

Elias Canetti

A trajetória de vida de um indivíduo portador de deficiência é marcada por preconceito e lutas em favor ao direito a vida e a cidadania de acordo com a cultura dentro da sociedade. Em diferentes épocas e culturas, a forma como as pessoas portadoras de alguma deficiência eram vistas e tratadas de forma diferentes. Como explica Diaz (1995), sempre existiu uma constante histórica: a marginalização. Termos como idiotas, imbecis, excepcionais, cretinos, amantes, doentes, oligofrênicos, deformados são algumas das nomeações utilizadas para tratar e definir o deficiente ao longo da história da humanidade. Na contemporaneidade, pessoas incomuns ainda são designadas por muitos desses termos e rejeitadas pela sociedade, legitimando-se o preconceito.

Durante muitos anos, a deficiência era vista como um castigo. Em períodos como a Inquisição e na época da Reforma Protestante, pessoas portadoras de deficiência eram vistas como uma personificação do mal. Com o passar de décadas e os progressos obtidos das ciências na medicina, novos olhares e conceitos foram sendo formados em relação a essa deformação genética. Desta forma, a concepção que se tinha de uma pessoa portadora de alguma deficiência passou por diversas fases ao longo da história humanidade. E esses conceitos tiveram vários julgamentos aos olhos da realidade social de cada época. A forma com que a deficiência era vista e compreendida e suas prováveis causas influenciou a integração destas pessoas na sociedade. O conjunto de conceitos físicos, biológicos, morais e até metafísicos, surge o conceito que se procura estudar.

Naquela época, importantes cidades como Roma e Grécia matavam ou escondiam seus filhos do convívio social. Em Esparta e Atenas uma cidade grega, era comandada por Leônidas, e os homens de seu reino deveriam ser perfeitos guerreiros, de corpos atléticos, e de um beleza clássica, pois lutariam para defender as fronteiras de sua cidade e serviriam de base à organização sociocultural destes dois lugares. Platão descreve em seu livro “A República”, que as crianças mal constituídas ou deficientes eram sacrificadas ou escondidas pelo poder público. Em Espartas lançadas do altos dos rochedos e em Atenas eram abandonadas em Locais públicos como praças ou nos campos.

Aristóteles e Platão concordavam com essa prática, coerente com a visão de equilíbrio demográfico, elitista e aristocrático, principalmente se a pessoa deficiente fosse dependente financeiramente. Esta fase é fortemente marcada pelo assistencialismo. A medicina buscava

avanços incessantes para alcançar a cura de certas limitações. Essa pessoa portadora desta doença deveria ser acolhida pela sociedade enquanto sua cura não fosse descoberta.

2.4 Políticas Públicas Voltadas aos Portadores de Deficiência no Brasil

Muitas cobranças sociais foram feitas as políticas educacionais, fazendo surgir medidas legislativas que defendem o direito às pessoas portadoras de necessidades educativas especiais em frequentarem as instituições escolares. Neste sentido, observamos que a legislação de muitos outros países do mundo, como o artigo 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), a Convenção dos Direitos da Criança (1989) e as Diretrizes da Primeira Conferência Mundial sobre a Educação, reunida em Jomtien, Tailândia (1990); o Fórum Mundial sobre a Educação, realizado em Dakar, Senegal (2000), o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90), dentro outros documentos, ressalta a necessidade e um direito inalienável que a educação tem na vida de qualquer ser humano, para que viva com dignidade em sociedade. Pode-se ver uma unanimidade em opiniões políticas, sociais, econômicas, culturais e sanitárias que não haverá desenvolvimento expressivo nestes setores, sem um investimentos na educação (BIANCHETTI, 1995).

A educação traz consciência, postura e aceitação das desigualdades e da diversidade que existe entre a humanidade, só assim, haverá o respeito aos direitos humanos. Contudo, este cenário no que se refere às pessoas com necessidades educacionais especiais nem sempre teve esse aceitação das desigualdades.

Nesse cenário, para enfrentar esse desafio o Ministério de Educação e Cultura – MEC, buscou nos marcos legais, políticos e pedagógicos da educação brasileira, em conjunto com as demais camadas do governo, construir projetos com o objetivo de superar os processos históricos de exclusão e desta forma, garantir o direito a toda pessoa a educação. A Conferência Mundial de Educação para Todos, Jomtien /1990, alerta aos países que tem altos índices de crianças, adolescentes e jovens que estão fora da escola, tendo como objetivo promover as transformações nos sistemas de ensino para assegurar o acesso e a permanência de todos na escola.

Importantes referenciais que dão ênfase a educação de qualidade para todos, vêm a necessidade de elaboração e a organizações de ações voltadas ao acesso na escola do ensino fundamental, a implantação da educação infantil nas redes públicas, estruturação do atendimento às demandas de alfabetização e da modalidade de educação de jovens e adultos, além da construção da gestão democrática da escola.

No ano de 1961, o atendimento educacional às pessoas portadoras de deficiência passa a ser protegida pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei nº 4.024/61, que ressalta o direito dos “excepcionais” à educação, principalmente no sistema geral de ensino no Brasil.

A Lei nº 5.692/71, que altera a LDBEN de 1961, ao ressaltar “tratamento especial” para os estudantes com “deficiências físicas, mentais, os que se encontram em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados”, não promove a organização de um sistema de ensino capaz de atender aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação e acaba reforçando o encaminhamento dos estudantes para as classes e escolas especiais.

O MEC cria em 1971, o Centro Nacional de Educação Especial – CENESP, responsável pela gerência da educação especial no Brasil, que, sob a égide integracionista, impulsionou ações educacionais voltadas às pessoas com deficiência e às pessoas com superdotação, mas ainda configuradas por campanhas assistenciais e iniciativas isoladas do Estado.

CAPITULO III - O PAPEL MEDIADOR DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS

“Temos o direito de ser igual, sempre que a diferença nos inferioriza. Temos o direito de ser diferentes, sempre, que a igualdade nos descaracteriza”. (Boaventura Souza Santos, 1996).

A educação inclusiva surgiu a partir da sensibilidade de pessoas e educadores de várias partes do mundo que juntos, criaram e fundamentaram movimentos educacionais com uma visão voltada para os direitos humanos e o reconhecimento das diferenças.

No Brasil esses movimentos de humanização e democratização, principalmente depois da aprovação da Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDBEN 2006) fizeram surgir na escola um paradoxo de inclusão/exclusão ao reunir nos espaços escolar pessoas portadoras de deficiência física com alunos sem deficiência física, quando o sistema escolar permitiu que pessoas portadoras de necessidades educacionais especiais fossem incluídas no ensino regular, porém, continuam excluídas desse grupo quando não apresentam um perfil homogeneizador da escola. Assim, a segregação destes educandos continuam excluindo e impossibilitando o crescimento escolar destes alunos.

Essas discussões complexas que giram em torno do processo de inclusão escolar e social de pessoas portadoras de Necessidades Educacionais Especiais estão pautadas em estudos e na legislação brasileira. A Constituição Federal de 1988, trata essa questão de forma expressiva e grandiosa, pois, defende o atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência, no ensino regular.

Logo após, temos a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL, 1996) e as Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001), as quais organizam os sistema de ensino e formação de professores. Outras importantes referências são a Política Nacional para a Integração das Pessoas Portadoras de Deficiência (BRASIL, 1999), o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001), Educação Inclusiva: direito à diversidade – documento orientador (BRASIL, 2005), e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2007), e a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (BRASIL, 2008), entre outras.

O Plano Nacional de Educação (PNE 2011- 2020), é o documento mais recente entre outras metas e propostas inclusivas, que dão um novo direcionamento á Educação Especial com

modalidades de ensino que contempla todos os segmentos da escolarização (da Educação infantil ao Ensino superior) realiza o atendimento educacional AEE, disponibiliza recursos próprios do atendimento do (AEE) e orienta alunos e professores quanto à sua utilização nas turmas comuns do ensino regular.

Esses movimentos transformaram o espaço educacional e provocaram mudanças na forma de pensar e agir de alunos, professores, gestores, familiares e a sociedade civil quando, aceitam inserir a prática da inclusão de todos independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou origem cultural nas escolas e salas de aulas, onde todas as necessidades dos alunos são satisfeitas.

A convenção sobre os direitos das Pessoas com Deficiência (ONU/2006), por meio do decreto n° 6949/2009, assume a responsabilidade de inserir as pessoas com NEE no sistema educacional inclusivo em todos os níveis escolares. Para tanto, adotou medidas que permitem a esses alunos a participação efetiva, para que não sejam excluídas do sistema educacional geral por serem portadores de alguma deficiência.

O plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) criado em 2007, tem como objetivo a formação de professores para a educação especial, e a implantação de salas de recursos multifuncionais, a acessibilidade arquitetônica dos prédios escolares, acesso e a permanência de pessoas com deficiência na educação superior e o monitoramento do acesso a escola dos favorecidos pelo benefício.

Em 9 de julho de 2008, o Senado Federal, por meio do Decreto Legislativo n°186, tornou a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com deficiência e seu Protocolo Facultativo equivalente a emendas constitucionais à Constituição Brasileira. O art. 24 desta Convenção garante que as “pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino fundamental inclusivo, de qualidade e gratuito, em igualdade de condições com as demais pessoas na comunidade em que vivem”.

Contudo, construir um espaço inclusivo é criar um ambiente sensível ao desenvolvimento de todos, de forma igual, sejam alunos com deficiência ou não, para que todos tenham bom êxito escolar. Sendo assim, é necessário um olhar atento por parte dos professores que percebam o ritmo de aprendizagem de cada aluno, como este indivíduo compreende enquanto pessoa singular, pois, alguns aprendem com facilidade e outros não.

Promover a interação respeitosa e amigável entre esses alunos não é suficiente para garantir a escolarização, é necessário ensinar e dar sentido aos ensinamentos e conteúdos trabalhados. Esta não é uma tarefa muito fácil, entender a diversidade é dar oportunidade a

todos de receber os mesmos ensinamentos e conteúdo de maneira flexível atendendo às diferenças.

Portanto, esta função compete ao professor que mesmo não estando sozinho, nos primeiros momentos, deverá direcionar a sua prática pedagógica e o seu modo de agir em sala de aula, de forma que venha proporcionar a seus alunos qualidade de interação nas situações de ensino e aprendizagem. Desta forma, também poderá influenciar de modo positivo a forma como os demais alunos irão interagir com aquele colega.

Estudiosos têm mostrado em suas pesquisas que crianças com necessidades educacionais especiais em situações de ensino regular têm melhor desempenho social e acadêmico, quando comparadas às que só recebem Educação Especial, destacando a importância da fusão Educação Especial com a Educação Regular (STAINBACK & STAINBACK, 1992; STRULLY; STRULLY, 1996).

O Brasil como muitos outros países têm almejado um acordo para atingir literalmente uma integração com a educação inclusiva, devendo ressaltar a Conferência Mundial de Educação Especial, que teve a participação de 88 países e 25 organizações internacionais, em assembleia geral, na cidade de Salamanca, na Espanha, em junho de 1994.

A Declaração de Salamanca (1994) afirma que “dentro das escolas inclusivas, as crianças com necessidades educacionais especiais devem receber apoio extra que possam precisar, para que lhes assegure uma educação efetiva[...] e não apenas fazerem parte de uma instituição que priorize somente o aspecto cognitivo. Desta forma, para se introduzir o sistema educacional inclusivo, conforme as metas estabelecidas da Declaração de Salamanca, é instituído serviços pedagógicos entre eles o Atendimento Educacional Especializado (AEE), desenvolvidos nas salas de recursos, local destinado a atendimento para estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades / superdotação matriculados no ensino regular (BRASIL, 2008a).

A implantação das salas de recursos no Brasil ocorreu no ano de 1988 como uma maneira de solucionar a exclusão que acontecia com a segregação enfrentada naquele período e, oferecendo apoio pedagógico aos educandos portadores de necessidades especiais que necessitavam superar limites e lacunas do ensino regular (COSTA, 2009).

A política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEE-EI), de 2008, estabelece metas como oferecer formação ao professor capacitando-os para os atendimentos (AEE), e qualificação aos demais profissionais da educação para a inclusão escolar. Esse atendimento tem como função complementar ou suplementar à formação do

aluno, através de recursos pedagógicas que venham diminuir as barreiras para que este aluno possa frequentar as salas de aula regular.

No texto das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001) encontra-se o conceito desse serviço de apoio à inclusão, pelo qual deve ser desenvolvido o atendimento educacional especializado (AEE) na escola, envolvendo-se professores com diferentes funções:

Salas de Recursos: serviço de natureza pedagógica, conduzido por professor especializado, que suplementa (no caso dos superdotados) e complementa (para os demais alunos) o atendimento educacional realizado em classes comuns [...]. Esse serviço realiza-se em escolas, em local dotado de equipamentos e recursos pedagógicos adequados às necessidades educacionais especiais dos alunos, podendo estender-se a alunos de escolas próximas, nas quais ainda não exista esse atendimento. Pode ser realizado individualmente ou em pequenos grupos, para alunos que apresentem necessidades educacionais especiais semelhantes, em horário diferente daquele em que frequentam a classe comum. [...]. (BRASIL, 2001, p.50).

Atualmente a educação de alunos portadores de necessidades educacionais especiais (NEE) esta acontecendo em sala de aula do ensino regular, pois, o trabalho realizado nestes ambientes chamados de Atendimento Especial Especializado (AEE), é um importante aliado para o desenvolvimento e capacitação destes alunos. Este serviço foi instituído pelo mesmo documento que em 2008, concebeu as diretrizes para a inclusão escolar. O AEE ocorre no contra turno nas salas de recursos, ambientes adaptados para auxiliar indivíduos com uma ou mais deficiência.

O atendimento educacional especializado identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminam as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializados diferenciam – se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vista a autonomia e independência na escola e fora dela. (Brasil, 2008).

Esses atendimentos oferecem serviços de apoio pedagógico e passa a ser um dispositivo positivo a partir do momento em que assume o compromisso de formar estudantes com autonomia e independência no processo educativo. O desafio de facilitar a aprendizagem, dos alunos portadores de Necessidades Educacionais Especiais na escola regular e minimizar as lacunas que existe na escolarização destes alunos, alguns serviços de apoio pedagógico foram

instituídos, envolvendo o atendimento especializado desses alunos, pois, acredita-se que este trabalho individualizado e direcionado as dificuldades particulares de cada aluno atendam às suas dificuldades. Sendo assim, a escola regular cumpria o seu papel de formar estudantes com autonomia e independência no processo educativo dentro e fora da escola. O trabalho realizado pelos professores especialistas AEE, é pedagógico e não clínico, onde o professor ajuda o aluno a desenvolver habilidades e utilizar instrumentos de apoio que facilitam o aprendizado nas aulas regulares.

No começo, este atendimento das salas de recursos era direcionado apenas a alunos das séries iniciais, atual “anos iniciais” do Ensino Fundamental(BARRETO; GOULART, 2008), e estas salas funcionavam na mesma instituição escolar, com a finalidade de realizar um atendimento direcionado ao alunado com deficiência e aos demais alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem nas salas de aula comuns. Oliveira (2004), comenta o funcionamento das salas de recursos.

(...) sugeria-se observância, quanto aos recursos humanos, materiais, agrupamento de alunos por idade cronológica, problemas, relacionamentos no grupo, nível de aprendizagem e composição numérica das turmas. Além disso, orientava-se ampla articulação entre o professor da sala de recursos com o professor da sala de aula comum e com toda a comunidade escolar, para facilitação da integração do aluno com deficiência na classe comum (OLIVEIRA, 2004, p. 59).

Esse ponto de vista, ainda comum nos dias de hoje no desenvolvimento deste serviço, tem passado por modificações nas políticas educacionais para acompanhar as necessárias mudanças de reorganização dos sistemas de ensino, na tentativa de acabar com padrões de exclusão, e objetivando transformar o ambiente escolar em um lugar que garanta aprendizagem, e permanência sem qualquer distinção.

Assim, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal, o Ministério da educação e Cultura (MEC), em abril de 2007, lançou o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) (BRASIL, 2007c), que fundamentou ações para Educação Especial; as Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), que, no Edital N° 01/2007 (BRASIL, 2007b) MEC do Programa de Implantação de Salas de Recursos Multifuncionais (BRASIL, 2012a) tem objetivos de:

Apoiar o sistema de ensino na organização e ofertas do atendimento educacional especializado, por meio da implantação de salas de recursos multifuncionais nas escolas de educação básica da rede pública, fortalecendo o processo de inclusão nas classes comuns de ensino regular (BRASIL, 2007b, p. 1).

De acordo com a Legislação Nacional, estas salas possuem um material, e mobiliário adaptado, sendo do tipo I e do tipo II. A sala do tipos II destina-se a disponibilizar recursos a pessoas portadoras de deficiência visual (BRASIL, 2007c).

Porém, com todo empenho da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEE-EI), de 2008, ainda corre que a uma série de elementos que contribuem para que este objetivo maior de autonomia não se concretize, fazendo com que se consolide a independência e discriminação, do público alvo da inclusão.

O professores, monitor ou a monitora nem sempre fazem um papel de mediação e podem intervir de forma autônoma ou paternalista; as tecnologias disponibilizadas podem ser usadas inadequadamente reforçando o processo despreparo ou incompetência do aluno para andar com os próprios pés. Técnicos, gestores, ou PPP da escola sempre apresentam uma proposta de espaço pedagógico formador de autonomia; as famílias geralmente despreparadas para conhecer, intervir, nas diferenças de seus filhos, alimentam hábitos de manutenção dos problemas identificam em seus filhos; por fim os próprios alunos incorporam posturas vitimizadoras que passam a margem da auto estima e da possibilidade dos limites.

Outro ponto negativo que acontece em ambientes escolares é colocar uma grande expectativas com o uso das TA, acreditando que com o uso desse recurso os alunos colocariam um ponto final nas dificuldade e que o sucesso escolar aconteceria. Com essa visão, o deslumbrante mercado vende sua ideia, induzindo a compra. E muitas vezes o milagre não acontece e nem muda de forma espetacular e milagrosa a vida desse aluno.

Um ambiente escolar envolvente, provido de conhecimento sem dúvida, proporciona ao professor comprometido com seu trabalho, o caminho para o desenvolvimento de uma prática pedagógica eficiente, cheia de energia e criativa com ferramentas que favoreçam o conhecimento ao aluno e o desenvolvimento de sua capacidade através do uso de suas habilidades.

De acordo com o pensamento de Vygotsky, a aprendizagem das crianças ocorre com a interação do sujeito no ambiente, que determina amplamente o conhecimento que a criança internaliza.

Alunos amadurecem quando constroem o conhecimento. Contudo é necessário que as instituições escolares estejam comprometidas e organizadas para garantir uma aprendizagem que alcance a todos, através da construção de uma proposta pedagógica significativa e participativa. O ambiente escolar é um espaço social que leva o educando além, da aquisição de uma cultura geral adquirido em uma sala de aula controladora.

Um ambiente escolar inclusivo, acontece não somente com a implantação de recursos pedagógicos mas também pela qualidade humana. Um espaço escolar atraente e adequado é uma necessidade elementar na educação, contudo, frequentemente nos deparamos com instituições sem preparo e esses requisitos.

Os educandos precisam sentir-se bem, acolhidos naturalmente em um ambiente disciplinado que não o subjuga mas o prepare para o aprendizado. Muitos alunos chegam a escolas com suas vidas desestruturadas. Indisciplinados ou desatentos, abatidos ou desmotivados, precisam serem atraídos pelo ambiente escolar. Este local deve estar apropriado para o ensinar e aprender, na intimidade de cada aluno. Este entendimento deve vir antes de qualquer ensinamento. Desta forma, o professor no ambiente escolar da criança pode ampliar o conhecimento e facilitar sua aprendizagem por meio de suas interações com a mesma.

Em uma instituição escolar a sala de aula representa para o educador o exercício do conhecimento que reflete a sua prática, seu trabalho, o seu conhecimento e não apenas a presença de um profissional que apenas cumpre com suas funções burocráticas sem envolvimento. O exercício docente requer sensibilidade por parte do professor para adquirir a percepção que cada aluno aprende diferente e com habilidades distintas. E as práticas docentes deve ser, então, movida por uma natureza pedagógica, que é a articulação do professor com o processo do fazer pedagógico desenvolvendo a prática do magistério, tanto no ensinar em sala de aula, como nas atividades de planejamento, desenvolvimento e avaliação, que acontecem em todo espaço escolar (DAMIS, 2004), contudo a organização do trabalho pedagógico deve caminhar junto com a produção do conhecimento, com o currículo escolar.

Nesse sentido, Candau (2000), comenta em um de seus textos o cotidiano escolar, que a cultura escolar das nossas escolas se apresenta “(...) culturais das crianças e jovens a que se dirige” (CANDAU,2000, p.68 grifo d autora). Assim percebemos que é de fundamental importância a organização dos ambientes escolares e as metodologias de ensino, desejando desta forma alcançar a todos os educandos.

3.1 Aprendizagem Significativa

A teoria de aprendizagem significativa criada e defendida pelo pesquisador Ausubel (Ausubel *et al.*, 1980; Ausubel, 2003) nos faz compreender como o ser humano aprende e retém na mente os conteúdos estudados em sala de aula, ou em ambientes de aprendizagem semelhantes. (Ausubel *et al.*, 1980, p.98; Ausubel, 2003, p.21-2). Essa aprendizagem acontece na medida em que o aluno retém o novo conteúdo incorporando a conhecimentos anteriores, já

retido por esse aluno. Desta forma acontecerá o desenvolvimento de estratégias de ensino proporcionando assim, uma aprendizagem significativa.

Os estudos de Ausubel sobre a aprendizagem mostra como a mente humana aprende e retém conteúdos disciplinares transmitidos em ambientes escolares ou locais de aprendizagem semelhantes. Esta teoria da aprendizagem desenvolvida por Ausubel e colaboradores (Ausubel *et al.*, 1980; Ausubel, 2003) se propõe a criar caminhos para a compreensão de como o ser humano adquire significados e assim, encontre caminhos para a elaboração de estratégias de ensino que facilitem uma *aprendizagem significativa*.

Ausubel reflete a necessidade de valorizar os conhecimentos prévios adquiridos pelos aprendizes. Assim desta forma estes alunos construirão conceitos mentais sólidas e a partir dessa bagagem irão incorporando aos novos conhecimentos. Se esse mecanismo de junção e descoberta não acontecer, a aprendizagem torna-se mecânica.

Quando o aluno recebe um novo conteúdo, ele pode absorver esse conteúdo e passá-lo de maneira evidente, pois ele só conseguirá apenas reproduzir esse conteúdo que lhe foi transmitido de maneira idêntica. Nesse caso não existiu um entendimento real da estrutura da informação que lhe foi ensinado, e o aluno não conseguirá transmitir o aprendizado da ordem que essa informação foi apresentada para a solução de problemas equivalentes em outros contextos. Porém se o aluno consegue ver uma ligação do conhecimento absorvido com uma nova forma corpo de informações esses assuntos ligados terá conseguido construir significados sobre o conteúdo que lhe foi transmitido. Essa construção sólida de significados não será um aprendizado literal de um corpo de informações, será uma aprendizagem subjuntiva de tudo que lhe foi transmitido.

Sendo assim, se o aprendiz tem pela frente um novo corpo de informações e consegue fazer conexões entre esse material que lhe é apresentado e o seu conhecimento prévio com assuntos correlatos, ele estará construindo significados pessoais para essa informação, transformando-a em conhecimentos, em significados sobre o conteúdo apresentado. Essa construção de significados não é uma apreensão literal da informação, mas é uma percepção substantiva do material apresentado, e desse modo se configura como uma aprendizagem significativa (Tavares, 2004)

A teoria da aprendizagem significativa de Ausubel procura mostrar de que forma o ser humano aprende e como a mente humana armazena os conteúdos disciplinares ministrados em sala de aula, ou em ambientes de aprendizagem semelhantes (Ausubel *et al.*, 1980, p.98; Ausubel, 2003, p.21-2).⁵ Essa aprendizagem ocorre quando uma determinada ideia, ao ser aprendida, relaciona-se de forma não arbitrária e não literal a alguns conhecimentos já

existentes na estrutura cognitiva do aprendiz (Ausubel et al., 1980, p.34; Ausubel, 1968, p.38-9). Os conhecimentos importantes da estrutura cognitiva, que servem de base para a nova informação, são denominados subsunçores. No momento em que o aluno se depara com um material de aprendizagem, para compreendê-lo significativamente é necessário que ele tenha compreensão disponíveis em sua estrutura cognitiva. Caso não haja compreensão em que o material de aprendizagem possa encontrar suporte, não será possível a aprendizagem significativa.

3.1.1 Compreensão dos tipos de aprendizagens

A teoria de Ausubel explica como se processa a aprendizagem de um indivíduo em um ambiente escolar, ressaltando a importância significativas das tarefas de ensino.

A natureza do assunto, que deve ser suficientemente não arbitrário e não aleatório, permitindo, dessa forma, que o aluno estabeleça uma relação não arbitrária e não literal com informações correspondentemente relevantes localizadas no domínio da capacidade intelectual humana; a estrutura cognitiva de cada aluno, pois a aquisição de significados se dá em cada indivíduo, por isso, não é suficiente que o conteúdo ministrado seja somente relacionável a ideias relevantes que a maioria dos seres humanos pode adquirir, é preciso que cada aprendiz tenha essas ideias relevantes em sua estrutura cognitiva. (Ausubel et al., 1980, p.36-37). Ele ainda afirma que:

É importante destacar que, no processo de aprendizagem significativa, a relação não arbitrária e não literal que ocorre entre os subsunçores e o novo conteúdo não é uma mera conexão, é algo mais “forte”, sendo que tanto a nova informação quanto aquela que o aluno já possui se modificam no processo de aprendizagem (AUSUBEL et al., 1980, p.48)

O autor explica a forma como se processa a aprendizagem produzida na escola, para isso ele propõe distingue dois pontos diferentes que a partir de diversos valores, pode se observar o tipo de aprendizagem que se forma.

De acordo com o autor a aprendizagem se dividem em: *aprendizagem significativa e aprendizagem memorística*. A primeira aprendizagem demonstra a forma como o aluno processa e organiza o conteúdo, ou seja, quando um conceito ou uma ideia chega até o aluno esse aprendizado aos poucos vão se associando as estruturas cognitivas já existentes e a partir daí, ocorre uma interação entre o conhecimento existente e o novo conhecimento onde os dois se modificam para o aluno ocasionando a construção do conhecimento de uma forma particular

para cada indivíduo, pois, aprender significativamente implica em conceder significado com componentes pessoais do conhecimento se assim não proceder a aprendizagem se torna mecânica, desta forma, se o aluno não se interage com o conhecimento já existente a nova informação adquire pouco ou nenhum significado para o educando, por outro lado, quanto o aluno constrói por descoberta, sua aprendizagem se concretiza recebendo esse conteúdo de forma inacabada ele busca compreender e se relacionar com o conteúdo concretizando a aprendizagem significativa.

CAPITULO IV –ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este capítulo apresenta aspectos do processo metodológico tomando para a consecução desta pesquisa. Aqui, expomos a sua natureza, o seu local e os sujeitos por ela focalizados. Também são descritos os procedimentos referentes à coleta e às análises dos dados, bem como, os instrumentos e as categorias consideradas.

4.1 Natureza da Pesquisa

O objeto de pesquisa- a participação de todo o Corpo Docente e Discente da Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira em atividades realizadas na Sala de Recursos- conjuga ações de natureza educacional e tecnológica. Trata-se da adoção de entrevistas, e atividades a serem observadas e indagar as práticas pedagógicas na Sala de Recurso da referida escola.

A presente pesquisa trabalha como fundamentos metodológicos a pesquisa qualitativa, pois essa pressupõe a importância que os sujeitos atribuem às suas práticas cotidianas. A pesquisa qualitativa permite uma aproximação maior do pesquisador ao local e ao objeto de estudo e possibilita que o investigador mergulhe no universo de sua pesquisa. Ao inserir-se no local e interagir de tal forma com o mundo do outro é que a pesquisa com metodologia qualitativa alcançará um âmbito qualitativo da realidade estudada. Como explica Macedo,(2006)

(...) para um olhar qualitativo, é necessário conviver com o desejo, a curiosidade e a criatividade humana; com as utopias e esperança; com a desordem e o conflito; com a precariedade e a pretensão; com as incertezas e o imprevisto. Acredita-se, desta forma, que a realidade é sempre mais complexa que nossas teorias, que não cabe em um só conceito. É interessante frisar que olhar qualitativo não estranha as sutilizas paradoxais da cotidianidade. (Macedo, 2006, p.28)

Com esse olhar hermenêutico e um posicionamento crítico diante do grupo de estudo, o investigador não altera as informações coletadas e exerce o papel de investigador participante dos dados coletados. A investigação ocorreu dentro da abordagem qualitativa de cunho etnográfico, onde pretendeu-se indagar as práticas pedagógicas na Sala de Recursos da Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira. Para tanto as técnicas etnográficas trabalhadas foram a observação participante, entrevista não estruturada e a análise de documentos.

4.2 Local e Sujeitos da Pesquisa

Atualmente, vemos que cada vez mais a Tecnologia Assistiva faz parte da vida de pessoas com deficiências físicas, mentais ou neurológicas. Esses recursos têm facilitado à vida de muitas pessoas que buscam adquirir uma vida “normal” diante de suas limitações. Carros adaptados para deficientes físicos, ônibus com plataformas e elevadores, implantes cocleares para surdos, computadores com softwares capazes de fazer leituras de uma tela ou monitor para um aluno cego e muitos inventos.

Sendo assim, devido os grandes benefícios que essa ferramenta pode proporcionar aos portadores de necessidades especiais, é que pensamos em usar as TA, como fonte de pesquisa no intuito de proporcionar a aprendizagem e desempenho funcional de crianças com necessidades educacionais especiais.

Contudo, acredita-se que esses arsenais de recursos podem fazer parte da vida escolar ou profissional dessas pessoas, pois permite que haja desenvolvimento de suas potencialidades e inclusão na sociedade. Assim, convém refletir: Serão inovadoras as práticas pedagógicas envolvendo a Tecnologia Assistiva? É nessa perspectiva de construção de conhecimento e quebra de paradigma que a pesquisa etnográfica é a mais apropriada para investigar esse processo de ensino e, sobretudo de aprendizagem.

A etnografia foi utilizada nessa pesquisa, como propósito de verificar o estudo da as práticas pedagógica mediadas pelas Tecnologia Assistiva, dentro de um olhar participativo. Dessa forma, a pesquisa tivemos como base metodológica a abordagem qualitativa de cunho etnográfico que permitiu a compreensão da realidade a partir do contexto estudado, e dá margens interpretativas ao mundo em torno do objeto de estudo.

Como afirma Bogdan e Biklen (1994,p.134) “(...) a entrevista é utilizada para recolher dados descritos na linguagem própria do sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”.

Sendo assim, permitiu ao pesquisador o exame dos elementos no local, observado com objetividade aos fenômenos revelados com seus significados, contexto operacional próprio dessas tecnologias, a partir do momento que utilizamos a observação com um olhar diferenciado.

Nesse contexto Spradley (1979) contribui afirmando que a etnografia é descritora de uma cultura, que pode ser de um grupo ético, ou de uma instituição escolar, permitindo ao investigador conhecer o modo de vida desse grupo, nos processos de aprendizagens e sua autonomia na construção de novos saberes.

Como cita Fino (2008,p.3), “(...) a inovação pode começar na ideia, mas envolve obrigatoriamente as práticas. E essas só são verdadeiramente entendíveis se olhadas de dentro”. Ele acredita que é necessário uma observação minuciosa, fundamentada na etnografia crítica que irá produzir bons resultados e proporcionará assim, uma mudança pedagógica eficaz.

No século XVIII, o mundo científico acreditava que a introdução de biografias era necessária para compreender processos educacionais e formativos da história como das sociedades, e, desta forma introduz métodos biográficos e etnográficos na pedagogia científica, que não tinham muito valor naquela época. Contudo, no final do século XIX e início do século XX que essas discussões epistemológicas e metodológicas adquiram grande importância. E foi nesse período que as pesquisas qualitativas ganharam destaque entre americanos e europeus.

Na visão de Macedo (2010), a Hermenêutica (concepção antipositivista), a Sociologia do conhecimento e a Fenomenologia (em países de língua alemã), e o Pragmatismo, o Interacionismo Simbólico Etnometodologia (norte-americana), encaminham uma abordagem coerente e orientada pelo social, e provocaram assim, uma das principais diferenciações entre investigação qualitativa e quantitativa no campo das ciências.

Portanto, nesse trabalho apresentamos a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, por acreditarmos que através dela favoreceu o debate epistemológico e a reflexão sobre as especificidades sociais, culturais e a troca de experiências entre o pesquisador e o objeto da pesquisa.

Entretanto, nas ciências sociais e na educação, as pesquisas qualitativas de cunho etnográfico são importantes tanto na elaboração da pesquisa empírica e teórica, como no processo de ensino e aprendizagem, como comenta Waller e Pfaff (2010) o trabalho etnográfico pode originar ponderações “(...) sobre a prática pedagógica e, ao mesmo tempo, contribui para o aperfeiçoamento do discurso cooperativo e colegial dos estudantes, sobre paradoxo e problemas relacionados a diferentes áreas do trabalho pedagógico e educacional” (WALLER e PFAFF, 2010,p.14).

Sendo assim, a pesquisa com metodologia qualitativa utilizou-se de coerente estratégia para análise desse do estudo, com o tema Tecnologia Assistiva em ambiente escolar, criando um ambiente inovador capaz de proporcionar aprendizagem e desempenho funcional de crianças com necessidades educacionais especiais.

É nesse contexto que nesse estudo utilizamos a pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, para analisar o que Macedo (2010), conceitua de etnografia crítica, que é quando a descrição do fenômeno supera o viés da neutralidade humana. Sua metodologia desenvolveu-se através de etapas de reflexão e análise com a observação desenvolvidas nas Salas de Recurso

com o auxílio das Tecnologias Assistivas, análise documental e relação educador-aluno e ferramentas pedagógicas.

A análise foi baseada nas ações desenvolvidas pelos educadores no cotidiano escolar da Sala de Recurso, bem como, pela participação dos alunos. Foram realizados estudos e análises dos documentos e a foram como se relacionam e utilizam tais recursos, assim como a metodologia usada no processo de ensino aprendizagem. São sujeitos desta pesquisa Diretor, coordenador, os educadores e educando portadores de necessidades especiais da Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira, de Campo Formoso-BA.

4.3 Sujeitos de Pesquisa

Realizou-se entrevistas com a professora responsável da Sala de Recursos, com obter informações que pudessem caracterizar a relação da professora com alunos e se existiu uma práticas inovadoras na Sala de Recursos, bem como as Tecnologias Assistivas, sobretudo, no que diz respeito a forma como vem conduzindo suas práticas pedagógicas para com os alunos portadores de necessidades especiais, também buscamos elementos que permitissem interpretar o modo pelo qual o educando participa da aula, para, com isso, refletir sobre o aspecto da autonomia efetiva e segurança do educador na realização das atividades propostas por meio da Tecnologia Assistiva, na Sala de Recurso.

As entrevistas foram realizadas também quatro pais, quatro alunos que frequentam a sala de recurso e a coordenação da escola na qual a sala recursos está inserida. Além disso, ocorreu a recolha dos documentos da escola foram concretizadas as entrevistas com os autores sociais, e relato feito no diário por meio das observações dos alunos, através delas, procuramos confrontar e complementar os dados obtidos.

Além de possibilitar o co-relacionamento de alguns aspectos qualitativos necessários para análise das categorias tomadas nessa pesquisa, o estudo dessas observações feitas no diário, permitiu-nos apurar as dificuldades dos educadores e educando enfrentados no cotidiano da Sala de Recurso, por meio das Tecnologias Assistivas, os quais os educadores demonstraram ainda uma necessidade muito grande de informação, segurança e inovação na sua prática cotidiana. Assim, percebemos que não basta apenas utilizar a Tecnologia Assistiva na Sala de Recurso, o educador precisa buscar de meios efetivos, habilidades, metodologia e uma prática pedagógica segura, significativa, lúdica e inovadora, principalmente que ocorra por meio de uma relação prazerosa e dinâmica.

4.4 Análises

Para efetivação da análise dos dados coletados, foram estabelecidas duas categorias:

- ✓ Sala de Recursos como mediadora no processo de construção da autonomia e da superação da exclusão que acompanha os alunos a ela destinados;
- ✓ A prática pedagógica na sala de recursos como reveladora da existência de uma concepção inovadora que possibilita aos alunos e à escola a superação da dependência e da exclusão que acompanha os referidos alunos.

Em um primeiro momento, buscou-se averiguar aspectos que poderiam inferir na própria prática do educador no seu cotidiano escolar na Sala de Recursos, se realmente há ou não elementos de inovação pedagógica envolvendo a Tecnologia Assistiva com alunos portadores de necessidades especiais. Procurou-se refletir sobre os dados que pudessem representar a relação estabelecida entre o educador educando e prática pedagógica. Para tanto, compreender a prática pedagógica utilizada pelo educador proporciona uma aprendizagem interativa, autônoma, qualidade de vida e inclusão social aos alunos portadores de necessidades especiais.

Em um segundo momento, realizou-se as entrevistas com os atores sociais com o objetivo entender se há ou não existência de elementos de inovação pedagógica envolvendo a Tecnologia Assistiva, assim, concepção inovadora que possibilita aos alunos e à escola a superação da dependência e da exclusão que acompanha os alunos portadores de necessidades especiais, bem como, apontar possíveis dificuldades encontradas por educadores e educando para o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem.

4.5 Instrumento da Pesquisa

As atividades pedagógicas desenvolvidas nas Salas de Recursos que utilizam a Tecnologia Assistiva, podem vir desenvolver um ensino diferenciado do passado centrado no paradigma fabril e no instrucionismo. E assim, pode promover inovação na aprendizagem dos alunos nas Salas de Recursos.

Para Fino, (2008), “(...) não será tão controverso, pelo menos a essa luz, propor a etnografia como forma de estudar as práticas pedagógicas para decidir se são inovadoras”. (FINO,2008,p.3). Investigando se as práticas pedagógicas que aplicam a Tecnologia Assistiva

podem garantir uma aprendizagem inovadora às crianças com necessidades educacionais especiais da Sala de Recursos da Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira, foi o objeto que esse estudo pretende alcançar.

Para tanto, a etnografia enfatiza a observação participante do investigador durante um período de tempo em que esteja em contato direto com o grupo de estudo. Esse estudo ajuda a buscar a identidade de uma comunidade humana que se desenvolve num âmbito sócio cultural concreto. Como explica Lüdke e André:

Perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 26).

É a imersão na realidade que levará o pesquisador a extrair o máximo de informações possíveis, a fim de ter acesso às experiências, às condutas, às interações e aos documentos de tal modo que haja uma compreensão dinâmica e relevante a si e ao grupo estudado. (MACEDO, 2012)

Ela atua enfatizando a exploração da natureza e de um fenômeno social particular. O trabalho pode ser feito com entrevistas não estruturadas em profundidade para recolher mais informações e descobrir dados que sejam inacessíveis a simples vista para uma pessoa que não pertença a uma cultura visada. Fino (2010) complementa esse pensamento quando afirma que:

Com efeito, à etnografia apenas compete fornecer os meios para sondar, questionar, descrever e compreender as práticas culturais fundadas na intersubjetividade dos que aprendem e o dos que facilitam a aprendizagem, no seio de uma instituição específica à escola ou no seio da própria sociedade, além de implicar, também, o debate epistemológico sobre a validade do conhecimento obtido pelo seu intermédio. (FINO,2011,p.4).

A pesquisa foi desenvolvida na Sala de Recursos com crianças, adolescente e jovens com deficiência física ou neurológica, da Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira, situada na cidade de Campo Formoso, no Estado da Bahia. Trata-se de uma instituição que possui uma Sala de Recursos bem equipada de professores engajados em criar um ambiente capaz de proporcionar aprendizagem e desempenho funcional, através das práticas educacionais inovadoras, fazendo uso das Tecnologia Assistiva, o qual objetivamos principalmente focar no desempenho das crianças deficientes, e se as práticas pedagógicas tem ajudado no

desenvolvimento do ensino-aprendizagem desses educando de forma a promover ruptura ao paradigma fabril e ao mesmo tempo analisamos se possibilita a utilização de práticas inovadoras diante da realidade enfrentada por esses alunos.

Para tanto, usamos observações e interpretações, sem se apegar a indivíduos e nem a situações específicas. Assim, o resultado da pesquisa objetivou clareza diante do grupo e cenário estudados. Ao verificar se as práticas pedagógicas da Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira têm criado um ambiente inovador contemporâneo.

Utilizamos no decorrer da pesquisa os seguintes instrumentos: análise de documentos da escola e da Sala de Recursos, observação participante, diário de campo, fotos, entrevistas, análise e interpretação de dados, conversas informais, como todo e qualquer método que ajudou na síntese conclusiva dessa investigação. Para adquirirmos as informações necessárias, foi necessário como investigador ter uma participação ativa junto aos autores sociais, como comenta Macedo (2006):

Uma das bases metodológicas da etnopesquisa, a observação participante (OP), termina por assumir sentido de pesquisa participante, tal grau de autonomia e importância que assume em relação aos recursos de investigação de inspiração qualitativa. (MACEDO, 2006, p. 96)

Nessa atividade como pesquisador assumimos o papel de investigador participante possibilitou-nos um senso crítico das atividades do grupo observado. No caso dessa pesquisa, todo o Corpo Docente e Discente da Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira, participou de forma indireta para que seu posicionamento não venha prejudicar o seu papel e dificultar a análise dos dados coletados.

Assim, as análises foram feitas detalhadamente com as informações ceifadas no campo, com o objetivo de dar suporte a temática indagada e sua importância. Para compreender a objetividade dessa pesquisa, foi fundamental focar a atenção na análise final, para que a saturação de dados e as informações obtidas no campo fossem suficientes.

Na opinião de Macedo (2006), a medida em que a saturação de dados for concluída, é preciso investir na análise dos elementos colhidos no campo. Esses detalhes importantes não devem passar despercebidos, pois ajudaram a descrever o fenômeno, que não são fragmentados para não comprometer a realidade vista durante a pesquisa, compondo assim as “sínteses das unidades significativas”, que passaram por uma análise crítica e contextualizada diante de tudo que foi observado, possibilitando na “organização e síntese das conclusões” (MACEDO, 2006, p.148).

E dessa forma a pesquisa etnográfica terá credibilidade. E seguindo esses procedimentos, alcançamos a construção de uma dissertação compreensível, e de fundamental importância para compreender o processo evolutivo referente à proposta pedagógica em estudo.

Aplicamos o instrumento de coleta de dados após a análise documental e observação aos alunos e relação professor-aluno e práticas pedagógicas na Sala de Recurso em uso das TA, que compreendeu uma carga horária de 20 horas, e também, depois de completado o tempo adicional disponibilizado para que alguns educadores respondessem ao questionário.

4.5.1 Observação participante

A observação participante é uma técnica de coleta de dados essencial nos estudos etnográficos, pois permite que o pesquisador esteja em contato direto com o seu objeto de estudo. Segundo Lapassade (2005, p. 69), “é a técnica fundamental de investigação etnográfica”. Refere-se de uma pesquisa que se caracteriza por um espaço de convívio sociais intensas entre o pesquisador e os sujeitos.

A observação participante teve sua origem pela Escola de Chicago, no século XX no anos 1920, foi profundamente rejeitada pelos pesquisadores experimentais da época, e ignorada por décadas. Conforme a etnografia, a observação participante começou seus estudos na Antropologia e Sociologia sendo vista como um dos instrumentos fundamentais na pesquisa qualitativa para coleta de dados. O ato de olhar tudo a nossa volta é uma ação comum de todo ser humano, e está impregnado com nossos conceitos e valores.

Para Sousa (2008) a observação participante em uma técnica de investigação caracterizada por uma “intensa interação social entre o pesquisador investigador e os sujeitos”, levando assim, a uma troca experiências e vivências que resultara no trabalho de campo.

A pesquisa etnográfica, é o método escolhido neste estudo onde o pesquisador integrante vai a campo para perceber atentamente e detalhar na integra todo convívio diário. Lapassade (2005, p. 69), afirma:

Os dados coletados, ao longo dessa permanência junto das pessoas, provêm de muitas fontes e, principalmente, da “observação participante” propriamente dita (o que o pesquisador nota, “observa” ao vivo com as pessoas, compartilhando de suas atividades), das entrevistas etnográficas, das conversas ocasionais de campo, do estudo dos documentos oficiais e dos documentos pessoais. (LAPASSADE, 2005, p. 69)

Este método, Lapassade (2005, p. 70) expõe que:

O observador participante vai se esforçar em adquirir um “conhecimento de membro”. Vai tentar identificar os motivos que os membros tinham para fazer o que fizeram, estabelecer o que seus atos significam para eles mesmo naquele momento. (LAPASSADE, 2005, p. 70)

Esta observação facilitará ao pesquisador na descrição e compreensão de uma forma mais completa, permitindo que seus registros e conclusões sejam de maneira condizente e coesa com a realidade investigada. Foi uma método essencial para as referências das experiências vivenciadas pelos atores da pesquisa. Com a finalidade de documentar a luta pela inclusão em que os atendimentos educacionais da sala de recursos se propõem, abrindo caminhos que podem levar a ruptura paradigmática facilitando para construção de conhecimentos e práticas pedagógicas direcionadas para a dentro de um contexto inovador.

4.5.2 Entrevista

Utilizei a entrevista como uma ferramenta extremamente necessária para atingir resultado na pesquisa etnográfica, foi uma técnica onde me embasei para ter percepção dos fatos concreto ocorridos diariamente, dos sujeitos pesquisados autores de minha pesquisa são eles: direção da escola, coordenação, professores e alunos. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 134), “[...] a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”. Sendo assim, esta técnica é um excelente recurso para compreender o modo de agir e de pensar do autor social, utilizando a linguagem como um forte aliado intermediário que fica entre a realidade verbal e a corporal, são necessárias para entender as práticas do dia a dia. Para Fino (2008), “de um ponto de vista etnográfico (...) é necessário, para avançar nas explicações válidas para o comportamento dos seus membros, a centralidade da pesquisa na observação participante e das entrevistas não estruturadas” (FINO, 2008b, p. 6).

Na etnopesquisa a simples função de colher dados funciona como recurso importante na compreensão e na construção da realidade pesquisada. Entendendo que, esse tipo de entrevista assume geralmente uma estrutura flexível, mais aberta e que começa em ocasiões singular, imprevisíveis e inesperados, no qual transformei simplesmente uma contexto de entrevista. A luz de Macedo (2010).

[...] a entrevista etnográfica é flexível, mas também coordenada, dirigida e, em alguns aspectos, controlada pelo pesquisador, portanto se trata de um instrumento com um objetivo visado, projetado, relativamente guiado por uma problemática e por questões, de alguma forma, já organizadas na estrutura cognitiva do pesquisador (MACEDO, 2010, p. 105).

A entrevista Etnografia foi uma técnica de grande contribuição e valor para a natureza deste trabalho. Do ponto de vista de Bogdan e Biklen (1994, p. 43), mostram que as entrevistas etnográficas retratam o tipo adequado de entrevista, já que é entendida “por ser uma relação ocasional entre pesquisador e sujeito assim como uma particular extensão e abertura da entrevista”.

A entrevista aberta etnográfica tem como finalidade acrescentar acontecimentos vivenciados através de diálogos ocasional sobre o campo de observação e investigação, como explica Lüdke e André (1986) “[...] o entrevistador tem que desenvolver uma grande capacidade de ouvir atentamente e de estimular o fluxo natural de informações por parte do entrevistado”. As entrevistas foram realizadas em abril a maio na 2017, na instituição no ambiente escolar e nas casas de alguns alunos.

4.5.3 Registros Fotográficos e Áudios

A pesquisa de campo realizado nesta pesquisa foi acompanhado por registro de fotografias e áudios que comprovam a veracidade dos fatos observados. Estes registros auxiliaram na compreensão do contexto e na maioria das vezes e mostram fatos e detalhes que passaram despercebidos no momento de atividade em campo, e serviram de material para o desenvolvimento deste estudo. Todos os registros foram analisados cuidadosamente, para serem anexados nesta produção. Porém, limitei estes registros apenas em momentos que foi permitido para não ser invasora, todos os registros só foi possível ser feito com a permissão dos autores da pesquisa.

O equipamento usados para fotografa e gravar os áudios foi apenas um celular, este equipamento foi usado de forma discreta para não quebrar o ritmo das observações. Para Bogdan e Biklen “Nas mãos de um investigador, uma máquina fotográfica pode ser utilizada de uma forma simples, para fazer o inventário dos objectos no local da investigação [...]” (1994, p. 140).

As imagens fotográficas, muitas vezes descrevem situações que dispensam o uso de palavras. De acordo com o raciocínio de Vergara (2010, p. 83) a foto etnografia, que se insere no campo da antropologia visual, é considerada uma variante da etnografia, que vai além da

ilustração, tendo como proposta narrar por meio de imagens. O texto feito através de imagens procura mostrar através de registro visuais, situações e detalhes através das imagens. E essas fotografias e o som trazem. A imagem é uma excelente ferramenta pedagógica que permite uma reflexão e percepções do que ocorre em nosso redor e dos sentimentos ali existentes.

4.5.4 Recolha documental

Depois de recolher os dados documentais e seguir o direcionamento dos autores, utilizando as técnicas onde analisamos os documentos e acreditamos que estes registros de campo contêm as informações e imagens das situações observadas. Contudo, as análises e as observações que estão registradas no diário de campo, e que no decorrer do processo serão utilizadas para uma interpretação crítica de tudo que foi visto e enumerado nas abordagens qualitativa. Os documentos serão necessários para a compreensão e esclarecimento do trabalho realizado na sala de recurso dentro desta instituição educacional.

Decidir o que constitui realmente o caso, como os dados serão coletados, quem será entrevistado ou observado, que documentos serão analisados é uma atividade que pode ser apenas esboçada num primeiro momento, mas terá que ser repensada, redefinida, modificada ao longo da pesquisa. Ela dependerá de como vão ser os contatos iniciais do pesquisador, de sua forma de entrada em campo, de sua aceitação ou não, de sua interação com os participantes e só então é que poderá ir sendo mais especificada (ANDRÉ, 1995, p. 60).

A análise dos dados recolhidos, permitiu que o trabalho do pesquisador fosse desenvolvido com mais facilidade. “Ademais, os documentos têm a vantagem de serem fontes relativamente estáveis de pesquisa, o que facilita, sobremaneira, o trabalho do pesquisador interessado nos significados comunicados das práticas humanas” (Macedo, 2010). Este processo de análise documental ocorreu toda escolha de informação contidas em documentos escolares. Visto que, quando se refere em educação existem inúmeros documentos que são necessários para a organização da ação educativa.

Como etno texto fixador de experiência, revelador de inspirações, sentidos, normas e conteúdos valorizados, o documento é uma fonte quase indispensável para a compreensão/explicação da instituição educativa. Justifica-se ademais essa nossa assertiva, partindo-se da premissa de que foi na escola moderna que a cultura gráfica veio, de vez, sedimentar-se, e é por meio dela, predominantemente, que a escola obtém e avalia seus produtos. (MACEDO, 2010).

Todos os procedimentos à recolha de arte factos campo escolar e social que ajudaram-me a compreender, conhecer e descrever a cultura local. Esta coleta de dados mostram “um recurso precioso para esse tipo de investigação, seja revelando novos aspectos de uma questão, seja aprofundando-a” (MACEDO, 2010, p. 107). Um dos documentos analisados foi o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira que ainda se encontra em construção, compreendido como uma ação da autonomia conjunta, que visa alcançar objetivos educacionais para garantir o direito a uma educação de qualidade, exigindo devoção, empenho e muita criatividade no fazer. O Projeto Político Pedagógico busca organizar as atividades pedagógicas desta instituição, e já passou por várias análises, sempre que necessário.

Estudei os documentos e a história dos atores inseridos no processo de aprendizagem daquela instituição de ensino e outros sujeitos da malha social, analisando áudios, fotos, em busca de um processo de aprendizagem que desse indícios de uma prática pedagógica inovadora.

De acordo com Macedo (2009), os dados obtidos através da observação participante, das entrevistas, dos registros no diário de campo, da análise documental e dos artefatos, como também das gravações e fotografias deverão ser examinados e colocados a uma saturação de dados e, caso seja insuficiente, o investigador deverá retornar a campo. Utilizei nesta investigação, a observação participante, a entrevista e análise documental junto os registros em áudio, fotografias para assimilar o máximo da realidade local vivenciada na sala de recurso.

4.5.5 Ética na Pesquisa

A ética vem do grego *ethos* que significa costume, hábito caráter entre outros. “A ética é uma palavra com uma forte carga emocional e plena de significados ocultos”(BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 75), pressupõe que o pesquisador precisa se expor de maneira cuidadosa e respeitosa com o objetivo de sua pesquisa, garantindo o respeito, e confiança pelo sujeito pesquisado na sua individualidade e coletividade. “Para que as informações que o investigador recolhe não possa causar-lhes qualquer tipo de transtorno ou prejuízo”.(idem, 1994, p. 77).

Por isso quando estive em campo procurei desenvolver uma postura de respeito e confiança, pois uma pesquisa que envolve seres humanos, se faz necessário assegurar que as informações que o pesquisador obteve não possa causar-lhe qualquer tipo de danos. O investigado precisa ter ética para proteger a identidade e a confiabilidade dos autores da pesquisa, e autorização para publicar as análises de suas observações“ Os sujeitos devem ser

tratados respeitosamente e de modo a obter a sua cooperação na investigação (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 77). Desta forma, procurei não revelar a identificação obtidas em campo sobre os sujeitos da pesquisa dada sala de recurso, somente quando me foi permitido mediante documento assinados.

Por entender e ter conhecimento prévio, das interferências que poderia ocorrer na investigação, adotei uma postura Moral não revelando descobertas colhidas fora do campo de pesquisa principalmente, a descobertas íntimas pois a maioria dos alunos da sala de recurso são criança de menor, ou jovens que se encontram vulneráveis, e tem direito a ser protegidos em relação a sua identidade. Desta forma os nomes dos alunos da sala de recurso foram substituído por siglas criadas pelo pesquisador preservando assim a identidade dos mesmos.

Seja autêntico quando escreve os resultados. Ainda que as conclusões a que chegam possam, por razões ideológicas, não lhe agradar, e se possa verificar pressões por parte de terceiros para apresentar alguns resultados que os dados não completam, a característica mais importante de um investigador deve ser a sua devolução e fidelidade aos dados que obtém. (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

As entrevistas contidas na dissertação bem como as imagens, têm por objetivo mostrar reais situações vivenciadas o mais próximas da realidade, tal como o investigador etnográfico vivenciou durante suas observações em campo. Como cita o autor, “A característica fundamental do investigador deve ser a sua fidelidade e veracidade em relação aos dados, tornando-se confiável ao escrevê-los” (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

PARTE II – EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

CAPÍTULO V – DADOS RECOLHIDOS NO *LÓCUS* DE PESQUISA

No desenvolvimento desta pesquisa, procurei estar atenta, e compreender cada detalhe e significado que os atores a serem estudados construíram no fazer de suas atividades, nas descobertas e superação em um ambiente escolar. Essa observação participante ocorreu no mês de abril de 2016, em horários alternados, e proporcionou-me uma visão privilegiada sobre as rotinas da sala de recurso, o convívio, os avanços e as frustrações, que ocorrem diariamente neste ambiente escolar, dos professores, coordenadores, gestores e demais profissionais da educação, os quais fazem parte como sujeitos da presente pesquisa..

O local desta pesquisa foi a Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira, situada à Avenida Joana de Araújo Régis, s/n- bairro Esplanada, Campo Formoso BA, com uma população aproximadamente de 70.912 habitantes(Censo de 2018, IBGE). Esta escola recebe alunos tanto da Zona Urbana como da Rural.

Figura 1 - Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira.



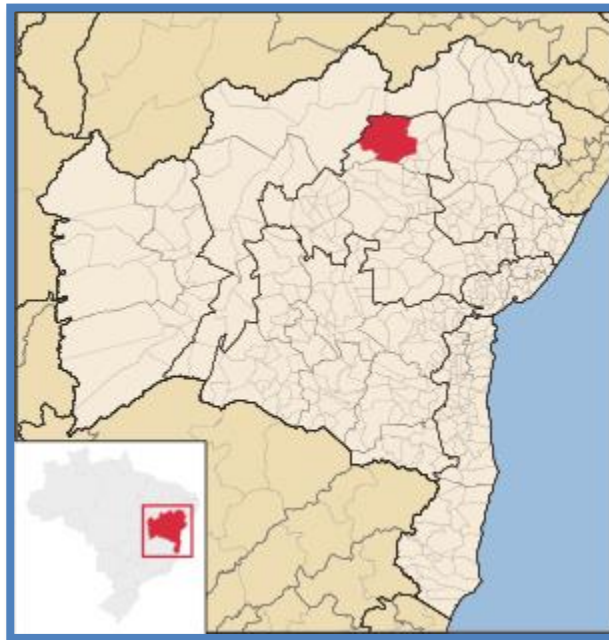
O município de Campo Formoso, conhecido como as cidades das esmeraldas e das grutas, está localizado no Centro-Norte da Bahia, região de clima semi-árido faz parte do polígono da seca do sertão nordestino. Estaa400km da cidade de Salvador, limita-se ao norte com a cidade de Sobradinho e Juazeiro; ao sul estão as cidades de Antônio Gonçalves, Mirangaba e Umburanas; ao leste temos as cidade de Senhor do Bonfim e Jaguarari; e no oeste encontra-se a cidade de Sento Sé. O município é cercado por lindas serras pertencentes à

Chapada Diamantina e tem uma área territorial de 7.258,676 km. Campo Formoso é um dos maiores municípios do estado da Bahia possui 177 povoados alguns sendo muito afastado da sede necessitando de cuidados e atenção das autoridades municipais e estaduais.

O Município de Campo Formoso teve sua emancipação política em 28 de julho de 1880, através da lei provincial de nº 2051, sendo desmembrado do município de Senhor do Bonfim. O local onde está situada a cidade de Campo Formoso foi nos seus primórdios, um aldeamento indígena. Os Jesuítas (missionários da Companhia de Jesus) encarregados da catequese dos indígenas da região, prestando a estes habitantes orientação cristã e preparando-os para uma vida secular, contribuíram impreterivelmente para a desenvolvimento da povoado que aí se formou. Os portugueses foram os primeiros colonizadores e trouxeram com eles novos hábitos culturais, tradições da religião do católica. Passou à categoria de cidade, pelo Decreto-Lei nº 11.089 de 30 de novembro de 1938.

Campo Formoso também é conhecido como "cidade das esmeraldas ", por existir no povoado de Tuiutiba um garimpo com esmeraldas tida como pedras de excelente qualidade, em comparação com outros garimpos de esmeraldas do Brasil.

Figura 2 – Mapa da Localização de Campo Formoso no estado da Bahia.



https://pt.wikipedia.org/wiki/Campo_Formoso

A Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira foi fundada no século XX na gestão do Sr. Prefeito Salomão Galvão de Carvalho. Inicialmente funcionava com duas turmas de

alfabetização no turno diurno . No ano de 1985 passou a funcionar com mais uma turma de alfabetização. Só no ano de 1986 a referida escola passou a atender turmas do ensino regular (fundamental I), nesta época também atendia a uma turma do Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) no período noturno. No ano de 1989 a escola passou a receber alunos de 1ª a 4ª série e Alfabetização de jovens e Adultos (EJA) deu sequência a Fundação Educar (Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos).

A Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBREAL, instituída pelo Decreto nº 62.455, de 22 de março de 1968, nos termos do artigo 4º da Lei nº 5379, de 15 de dezembro de 1967, passa a denominar-se Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos - EDUCAR, com o objetivo de fomentar a execução de programas. Atualmente a Escola funciona com fundamental I e II e tem 220 alunos e 9 alunos com necessidade especiais.

Figura 3– Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira .



5.1 Observação do Ambiente Educacional

A Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira foi inaugurado em 14 de dezembro de 1983, possui código 29050693 recebeu este nome em homenagem um cidadão campofornosense, morador do bairro que tinha muita influência na cidade, doou o terreno para a construção da escola, e ajudava muito os moradores carentes. A escola iniciou suas atividades acadêmicas com apenas 2 turmas de alfabetização com 56 alunos, um ano após recebeu mas uma turma de alfabetização e a noite uma turma do Mobral. Apenas em 1986 começou a atender crianças do fundamental I de 1ª a 4ª séries e no ano de 2010, a escola recebeu alunos do fundamental II alunos da 5ª a 8ª série, passando a trabalhar com os três seguimentos.

A referida escola é composta de quatro salas amplas e bem ventiladas de aula, uma sala de Recurso Multifuncional para Atendimento Educacional Especializado (AEE), uma sala para a direção, uma sala para professores, uma secretária, uma cozinha com um depósito, dois banheiros adaptados para alunos e um banheiro para professores, uma sala de informática que foi desativada para ser usada para sala de aula devido necessidade da escola, um depósito. A escola possui um campo de futebol, um pequeno parque infantil e uma rampa de acessibilidade que liga a entrada da escola para o interior do prédio. A mesma funciona nos turnos matutino e vespertino, possuindo uma área total 1400 m² e 800m² de área construída e atende 220 estudantes distribuídos desde a Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, e turmas de EJA, formadas por jovens, senhoras e senhores que por algum motivo não conseguiram terminar seus estudos pois precisavam trabalhar. Possui ainda em seu quadro de funcionários nove professores, dois auxiliares de professores e/ou cuidadoras, três auxiliares de serviços educacionais, três auxiliares de secretaria e um vigia, conforme dados abaixo:

5.2 Ambiente da sala de recursos

Figura 4 – Entrada da Sala de Recurso



Atualmente 9 alunos estão matriculados na sala de recurso, com várias deficiências: Paralisia cerebral, Transtornos cognitivos, Transtorno de aprendizagem entre outras deficiências. Durante a observação da sala de recurso presenciei uma sala ampla climatizada aconchegante com os seguintes equipamentos: 1 computador, 1 e-reader, 1 notebook, 2 armários, 1 com vários jogos e materiais didáticos na maioria criados pela professora e outro onde a professora arquiva as pastas com documentações dos alunos, que vai desde as entrevistas

dos pais, o encaminhamento da sala regular, os avanços e demais anotações que facilite o entendimento do trabalho que está sendo feito com o aluno, nas paredes alfabetos em libras (linguagem de sinais), um cartaz de aniversariante, 2 mesas com 4 cadeiras onde as crianças fazem suas atividades.

Figura 5– Sala de Recurso



5.3 Descrição das observações participantes

As observações feitas por mim durante a estadia na Sala de Recurso serão descritas agora, as práticas da professora e outros elementos que tive contato me fazem refletir sobre vários aspectos no decorrer de meus questionamentos. Analiso e interpreto os dados recolhidos para entendimento desta pesquisa, realizada diretamente na Escola Samuel Galvão de Oliveira sobre a existência de práticas pedagógicas inovadoras desenvolvidas dentro da sala de recurso deste estabelecimento.

1º Observação

Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira.

Data: 04 / 04 / 2016

Atividade vivenciada: Português - Gênero do substantivo masculino e feminino.

Início – 8:00h às 9:40h

A professora sempre iniciava sua aula com descontração e alegria, colocou na mesa cola tesoura e folhas de ofício com gravuras masculino e feminino. Quando o aluno AC chegou foi

recebido carinhosamente, pela professora. Perguntou como ele estava: “ - Estou bem.” e como tinha sido na sala de aula, ele respondeu apenas com outra frase curta: “Foi bem”(registro de observação diário dia do dia) Continuou a conversa: - Você aprendeu coisas nova? E ele disse que sim, mas não soube explicar o que tinha aprendido. Sentou-se na mesa olhou o material com curiosidade e perguntou o que faria. Ela riu e disse: “Calma.” Perguntou a ele se não queria saber quem era a pessoa que estava na sala. Ele baixou a cabeça e me olhou, então, ela me apresentou e ele deu uma risadinha desconfiado.

A professora explicou que construiriam um jogo de memória para trabalhar o assunto que sua professora de português tinha trabalhado na sala de aula de português, gênero do substantivo masculino e feminino (Gênero). Então ela lhe deu as folhas e ele observou, identificou os pares e perguntou se podia pintar. A professora disse que sim, ele pintou algumas figuras e começou a recortar. Perguntei se eu podia tirar uma foto dele fazendo o jogo e ele falou que não. - “Não gosto de fotos” completou a frase. Enquanto ele pintava a professora, lembrava a ele que os pares teriam que ser pintados usando as mesmas cores pois as figuras teria que ser iguais. Logo que terminou de montar a atividade, a professora lhe explicou as regras do jogo. O aluno perguntou quem jogaria com ele, a educadora respondeu que os dois fariam um dupla.

Quando o jogo estava pronto a professora brincou com ele algumas vezes, e depois ela deu uma lista com os nomes masculino do jogo para o aluno colocar o feminino. O aluno não teve dificuldade em executar a atividade. O horário de AC acabou e ele pediu para levar o jogo para casa e a professora disse rindo que era dele. Saiu todo feliz!!

As observações feitas neste dia, ficou claro, o grande empenho da professora em tornar o ambiente escolar organizado, aconchegante, acolhedor e humanizado, para que o estudante sinta-se à vontade em desenvolver as atividades proposta, que avance cognitivamente, alcançando os objetivos proposto pela professora. A empatia entre educador e aluno fica claro no decorrer da aula. Durante o desenvolvimento do jogo o método utilizado pela educadora para ensinar ao aluno a entender o conteúdo e aprender prazeroso e descontraído isso por que e a todo momento a afetividades entre eles. Podemos notar que neste relacionamento entre educador e aluno rompe as antigas normas de aprendizagem tradicionais dentro das instituições escolares, permitindo surgir um novo paradigma entre esses pares, educador e aluno. É importante Salienta que o aluno não permitiu o registro fotográfico.

2º dia de observação**Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira.****Data:05/ 04/ 2016****Atividade vivenciada:** Português – Trabalhando as memorização das vogais.**Início – 8:00h às 9:40h**

Como podemos ver através das fotos, a professora sempre trazia materiais didáticos novos, ou bem conservado, coloridos, chamativos que despertava a atenção das crianças e o interesse de executar a atividade proposta pela professora. As aulas sempre começavam de forma descontraídas e alegre, percebi que estes alunos na maioria gostavam de esta presentes na sala de Recurso, Talvez pelo fato de sempre estarem ansiosos para ver o que a professora iria desenvolver com eles.

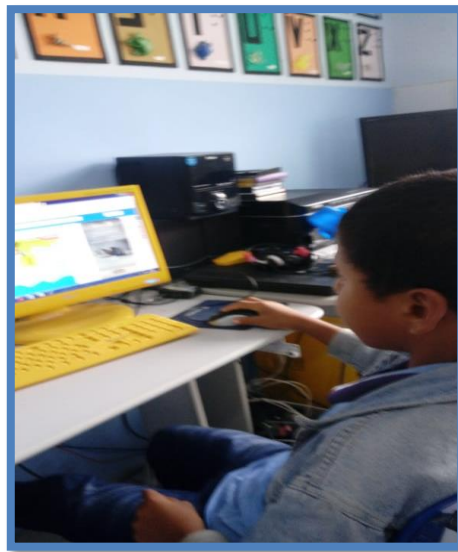
O aluno CE chegou cedo antes mesmo de professora, está esperando próximo a porta da sala. Então ela disse que naquele dia iriam trabalhar com o alfabeto ilustrado (as vogais). Colocou na mesa letras grande cortadas em cartolina azul A, E, I, O, U e espalhou na mesa várias gravuras cujos nomes começam com estas letras.

Figura 6 – Identificação de Vogais

No primeiro momento foi feito o reconhecimento da gravuras, para ela ter certeza que o aluno reconhecia as gravuras, logo em seguida pediu para ele fixar as letra as gravura que tinham nomes começados com estas letras. O aluno pegava a gravura dizia o nome olhando para professora, como que esperava aprovação dela para colocar na letra correspondente. Sempre que ele acertava a professora o aplaudia com muito entusiasmo. O aluno se saiu bem

nesta atividade seu número de acerto foi bem maior que de erros. Esta atividade durou uns 00:30 minutos, logo após a professora pediu para ele sentar-se na mesa do computador e passou um vídeo musical com o alfabeto. Esta atividade finalizou o atendimento do aluno. Despediu-se da professora com um abraço tímido e saiu correndo.

Figura 7 – Reconhecendo O Alfabeto Através de um Vídeo Musical.



Durante todo o atendimento percebi que a professora observava minuciosamente o fazer e a maneira como o aluno vencias suas dificuldades e quando questionava, fazia com que o aluno reorganizasse seu pensamento e formasse sua opinião. Durante a atividade o aluno sempre explicava a professora a forma como resolvia as atividades proposta, e quando seu pensamento era correto ela o encorajava, elogiava e lhe dizia o quanto ele era capaz.

Neste sentido, percebe-se que a professora estimula o aluno através do reforço positivo, dessa forma, a educadora demonstra desejo de que o processo de ensino aprendizagem seja concretizado de forma satisfatória e ainda vinculo estabelecido entre ela e o aluno fica ainda mais fortalecido. Sousa (2000) afirma que:

Em nosso entender, a teoria da motivação humana veio deixar o aluno-formando muito mais rico pela valorização da sua componente cognitiva. Ao “libertá-lo” das contingências do presente, ao fazê-lo antecipar o seu futuro, sob a forma de planos de acção e projectos de vida, ela veio dignificar a sua pessoa, “cognitizando-a”, propondo-o a preparar, conscientemente, os meios adequados para a concretização dos fins por ele estabelecidos. Ela fundamenta o aparecimento de um novo homem, que, por tomar o destino nas suas mãos, se torna verdadeiramente humano (SOUSA, 2000, p. 189).

3° Observação

Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira.

Data:06 / 04/ 2016

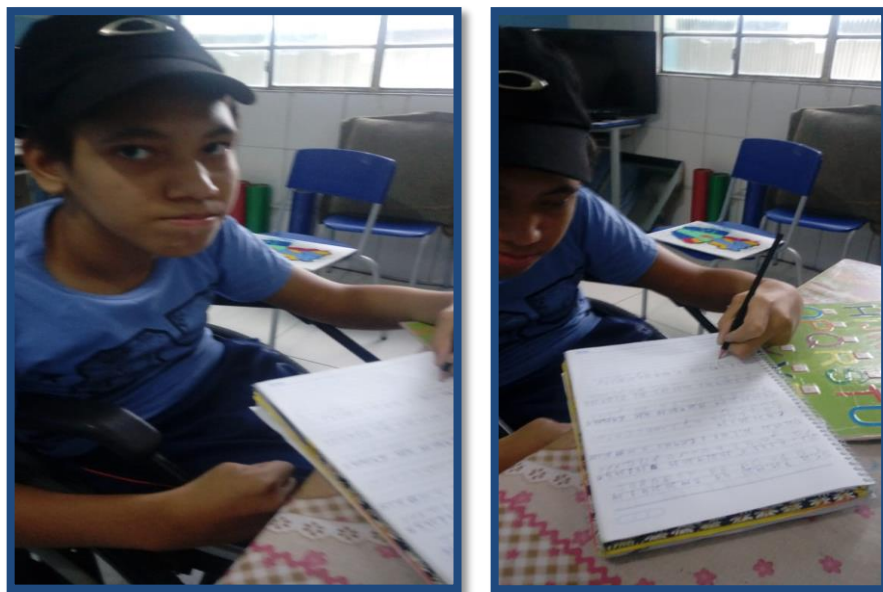
Atividade vivenciada: Coordenação motora

Início – 8:00h às 9:40h

Assim que cheguei na escola me dirigir a sala e observei a chegada de um pai que empurrava a cadeira de seu filho até a sala de aula dá boa tarde, e sai. A professora pergunta ao aluno GS como é que ele está e ele de cabeça baixa só dar um risinho de leve, e diz: - *Bem*. Fui apresentada e ele, e a professora perguntou se minha presença o incomodava, ele com a cabeça baixa disse que não o incomodava. Me olhou...e retirou seu olhar rapidamente. Eu o cumprimentei rapidamente pois percebi que ele é muito tímido.

A atividade desenvolvida nesta tarde, na sala de recurso veio com a proposta de trabalhar a flacidez na musculatura dos braços e mãos do aluno GS (ocasionando pela paralisia) que o impede de executar algumas atividades. A professora explicou ao aluno a atividade que seria feita, e com esta atividade seria trabalhado o traçado da letra para torna sua letra mas legível. Mostrou um tabuleiro quadriculado e em cada quadro uma letra e um número pequeno no lado esquerdo.

Figura 8 – Escrevendo para treinar a escrita manuscrita.



Entregou ao aluno um caderno com uma carta enigmática onde Gabriel tinha que olhar o número e copiar a letra correspondente formando assim palavras e em seguida formaria frases. Ele teve dificuldades em fazer esta atividade, pois teria que escrever as palavras com letra cursiva, e a professora a todo momento mostrando o traçado das letras. Na leitura das palavras fazia com um esforço, mas conseguia sozinho ler e formar as frases. Mostrou interesse em fazer a atividade proposta, porém, ele não conseguiu terminar no tempo previsto. Ela perguntou a ele o que achava de escrever com a letra cursiva, ele não hesitou em falar que preferia escrever bastão, mas gostaria de escrever como os outros colegas. A professora disse a ele que aquela atividade o ajudaria a melhorar a sua coordenação motora e deixaria sua escrita mais legível e bonita.

Ficou claro a preocupação da professora em incorporar atividades, procurando criar condições em que igualdade e diferenças sejam minimizadas, principalmente o lado de quem se acha mais incapaz. E se este tipo de práticas e intervenções não forem desenvolvidas, provoca a sensação de ilegitimidade no objetivo a que se propõem a sala de recurso.

O convívio dos autores desta pesquisa na sala de aula regular, dividindo o espaço da sala com outros ditos normais, traz incontáveis benefícios como o bem estar social, a melhoria do desenvolvimento físico, aumento da autoestima, ocasionado pela diversidade dos pares. Após o término do horário, a professora o conduziu até o pátio onde seu pai já o estava esperando.

4ª Observação

Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira.

Data: 07 / 04 / 2016

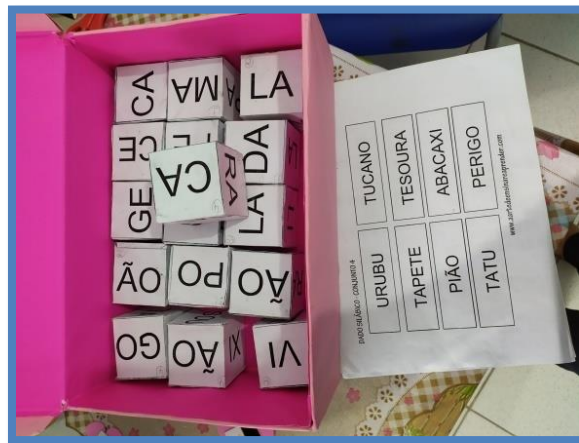
Atividade Vivenciada: Português – Produção Textual.

Início – 8:00h às 9:40h

Neste primeiro horário de atendimento inicia com a aluna MA, que chega no horário 8:00h. Porém fica encostada na porta do lado de fora, esperando que a professora lhe veja e a chame. A professora estava explicando o perfil da aluna quando olhou para a porta e lá estava uma menina com um fita dourada na cabeça e uma traça nos cabelos. A professora riu e dirigiu-se até a porta e a cumprimentou. MA apenas riu e falou algo no ouvido da professora, que ficou somente entre elas. A aluna entrou segurada na mão da professora e sentou-se à mesa. Foi apresentada a ela como uma professora que iria passar alguns dias na sala com elas apenas

observando. A comprometei com um bom dia, e passei a mão em sua cabeça, porém, a aluna não fez nenhum sinal. A professora perguntou quem havia a levado escola ela respondeu que tinha sido sua irmã e que sua mãe lhe pegaria. A educadora mostrou uma caixa rosa e pediu que a aluna abrisse a caixa. A criança abriu, olhou pegou, a professora perguntou o que ela podia fazer com aqueles dados e ela fez apenas um sinal com os ombros que não sabia.

Figura 9 – Caixa com dados silábicos



A professora retirou quatro (4) dados e os colocou sobre a mesa, mostrou que em cada face dos dados havia sílabas simples enumeradas. A professora explicou que naquele dia elas iriam brincar de formar palavras e que a aluna teria que juntar as faces seguindo a mesma numeração. Mas antes elas revisaram as sílabas e a aluna falava o nome das 24 (vinte e quatro) sílabas existente nos quatros respectivos dados.

Figura 10 – Reconhecimento das sílabas



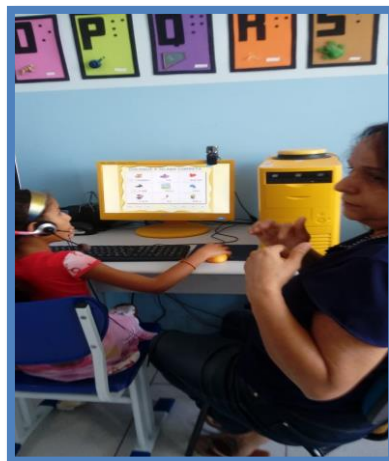
O aluno depois de revisar o nome das sílabas, começou a formar palavras timidamente, colocou os dados em ordem seguindo os comandos da professora, casando os números iguais de cada face. Contudo na hora de verbalizar as palavras tinha um pouco de dificuldade.

Figura 11 – Trabalhando a leitura de palavras.



Esta atividade durou quase quarenta 40:00 minutos, no segundo momento a professora a pediu que ela fosse até a mesa do computador e ela gostou da ideia, pois, saiu rapidamente e sentou – se na mesa que ficava na frente.

Figura 12- Trabalhando a memorização das sílabas através de vídeos



A professora explica que a aluna agora teria que ouvir a pronúncia da palavra atentamente e clicar na sílaba correspondente, esta atividade tinha como objetivo preencher as lacunas com as sílabas faltosas. No desenvolver desta atividade a educadora mediava o processo de construção das respostas oralmente e a aluna clicava na sílaba correspondente. A todo acerto a professora parabenizava a aluna que sorria contente com seu avanço na construção de seu conhecimento. Terminou o horário e a mãe da aluna não havia chegado, MA continuou sentada na sala a pedido da educadora.

5ª Observação

Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira.

Data: 07 / 04 / 2016

Atividade Vivenciada: Português – Produção Textual.

Início – 9:40h as 10:30h

A próxima criança chega na Sala de Recurso as 9:40, com sua avó que cumprimenta a professora deixando a aluna na porta, a professora responde e ela se afasta. O atendimento será com a aluna GL que cursa o 2º ano e tem 8 anos, a aluna entra na sala e senta enquanto a educadora pega um cartaz e coloca em cima da mesa. Neste momento as duas crianças fitam os olhares na trilha que a professora coloca sob mesa. A educadora me apresentou e a aluna somente me olha e rir, sentou-se calada com de olhos fixos no material que está sob na mesa. A professora pergunta como foi a semana de aula, e o que ela aprendeu com sua professora e seus colegas na sala regular.

A aluna responde que aprendeu algumas coisas (responde de cabeça baixa). A professora diz que hoje iria trabalhar uma atividade de matemática, que iria ajudá-la nas aulas e deixá-la muito esperta. A criança só ria junto com a outra aluna que estava sentada ao lado, a educadora convidou a aluna MA a sentar-se próximo e começou a desenvolver um jogo de multiplicação usando uma trilha. Enquanto as alunas realizavam a atividade a educadora fazia questionamento problematizando sobre suas escolhas e resultados, deixando as alunas bem à vontade. As alunas envolveram-se e neste momento percebi a interação entre os pares e a partir deste momento não havia competição entre elas, só cooperação e a partir desta interação a construção do conhecimento era visível no desenvolver do jogo.

Figura 13 – Trabalho entre pares



A construção da aprendizagem acontece quando o sujeito apresenta o interesse em fazer algo que desenvolva plenamente seu conhecimento e melhore sua prática, essa aprendizagem é o que Papert (2008) conceitua como aprendizagem construcionista. Esta atividade durou 40:00 minutos, a mãe da aluna MA chegou pedindo desculpas, pois, havia acontecido um imprevisto.

A professora continuou o atendimento com um caça palavras gigante. Primeiro mostrou o cartaz e pediu para que ela identificasse alguma palavra, em seguida mostrava algumas gravuras já com os nomes e a aluna tinha que encontrar estas palavra no cartaz fazia a leitura das letras e sílabas. Esta atividade findou o horário.

Figura 14 – Trabalhando com cartaz



A professora comentou que está aluna apresenta dificuldade na leitura e na escrita e com atividades lúdicas e materiais concretos proporciona atividades organizadas para desafiar o pensamento sempre da criança sempre partindo do seu interesse com a finalidade de melhorar o seu desempenho escolar.

6ª Observação

Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira.

Data: 08 / 04/ 2016

Atividade vivenciada: Coordenação motora - Orientação espacial.

Início – 8:00h às 9:40h

A aluna chega acompanhada de sua mãe, que pede desculpas pois tinha acontecido um imprevisto em sua casa. A professora a cumprimenta e leva a aluna IZ pela mão até a mesa. Na presente observação a professora mostra os materiais que estão sobre a mesa e explica o que deverá ser feito. Sobre a mesa tinha uma cartolina e alguns corações vazados. A professora pega um coração e começa a preencher com tinta, entrega a ela um coração e pergunta qual a tinta que ela quer pintar, a aluna aponta e a professora deixa ela pintando. A aluna olha para a professora e para a pesquisadora com um olhar de excitado e movendo as mãos com muita rapidez, pega o pincel e começa a pintar de forma desordenada. A aluna IZ não consegue seguir as orientações da professora de pintar somente no lugar vazado, começa de forma tímida mas sai a todo instante do local determinada mesmo, com a professora lhe mostrando onde deveria pintar.

A professora comenta que a aluna IZ tem uma ansiedade muito grande que atrapalha na realização das atividades propostas, nos atendimentos procuro trabalhar a coordenação motora, a estimulação, a tenção e a concentração com atividades que venham amenizar sua ansiedade dando-lhe mais autonomia e capacidade para interação com as outras pessoas. As atividades artísticas utilizando tintas, pincel, colagem, modelagem, pintura a deixam as tranquila. Quando a professora retira o molde, ela sorri e aponta para outra tinta.

Durante a observação desta atividade a professora sentou-se em frente da aluna que se divertia pintando toda a folha saindo a todo instante do direcionamento que a professora tinha mostrado, sua expressão facial era de felicidade e contentamento em está fazendo aquela atividade. A todo momento mostrava a professora sua pintura. As duas estavam rindo e a professora deixou ela pintar como queria. A professora comenta que nos atendimentos procuro

trabalhar a coordenação motora, a estimulação, a atenção e a concentração com atividades que venham amenizar sua ansiedade dando-lhe mais autonomia e capacidade para interação com as outras pessoas.

Pude observar esta atividade e ouvir os relatos da professora, percebi sua preocupação em incluir e socializar a aluna com as pessoas e futuramente na sala regular. Esta atividade artística além de trabalhar a coordenação motora, a estimulação, promove o bem estar, e estimula a aluna IZ, por fazer parte daquele um ambiente escolar. Vimos aí prática inclusiva, uma forma que se aplica aos mais variados espaços físicos e simbólicos. E assim, estas pessoas adquirem nos contextos inclusivos, têm suas características próprias reconhecidas e valorizadas.

Como afirma Mantoan (2004, p. 7-8): "há diferenças e há igualdades, e nem tudo deve ser igual nem tudo deve ser diferente, [...] é preciso que tenhamos o direito de ser diferente quando a igualdade nos descaracteriza e o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza. Durante esse semestre a aluna ainda frequentou a sala de aula regular, pois necessita de uma cuidadora que foi solicitado desde o início do ano, frequentou somente a sala de recursos. É importante informar que a aluno não permitiu os registros de fotos.

7ª Observação

Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira.

Data: 11/04/2016

Atividade vivenciada: Discriminação visual.

Início – 8:00h às 9:40h

A professora conduz a cadeira de MI até a mesa, depois coloca um vaso com alguns palitos em cima da mesa. Mostra a aluna as cores e diz o que ela deve separar os palitos por cores e encaixá-los nos lugares correspondente. Enquanto a professora explicava MI está olhando para vários pontos da sala, inclusive para a professora. Em alguns momentos pensei que ela não compreendia o que estava sendo explicado, mas seu olhar voltou – se para o vaso e com a ajuda da professora que segurava em sua mão pegava os palitos e colocava nos orifícios indicado pela cor do palito. A professora perguntava se aquele palito estava no lugar certo e ela ria, então a professora batia palmas. E desta maneira a educadora e a aluna seguiram até preencher todos os orifícios. Esta atividade durou 30:00min. Em outro momento a aluna foi conduzida até o computador e a professora colocou um fone onde ela apertava e gravuras e ela ouvia o nome do objeto. Usava um mouse adaptado para sua deficiência e com a ajuda de sua

professora desenvolvia o jogo. Mas uma vez pude observar a dedicação e preocupação com o desenvolvimento dos alunos, contudo ainda não conseguir visualizar práticas Inovadoras nesta atividades. Mas uma vez não consegui registra com imagens, pois a aluna, baixou a cabeça e sinalizando que neste momento não queria ser fotografada.

No terceiro momento a professora pegou um quadro que a aluna já havia trabalhado nele em atendimentos passados, era uma atividade com pintura e colagem de areia coloridas. Neste momento a aluna permitiu que eu realizasse os registros através das fotos.

Figura 15–Pintura com colagem.



A aluna usando pincel pintava com as cores escolhidas por ela, tinha autonomia de escolha, depois colocava areia colorida. A intenção era, comprovara competência da aluna como sujeito capaz de aprender, construir, possibilitando o desenvolvimento da criatividade, incentivando fazendo com que a sua autoestima promova o processo de integração quando ela estiver na sala regular. Questionei a professora por que a aluna teve um horário maior que os outros alunos, ela disse que a aluna tinha adoecido e faltado alguns dias, então combinei de encaixar mas alguns minutos. Ela gosta muito de frequentar os atendimentos. Diz a educadora.

8ª Observação

Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira.

Data:12/ 04/ 2016

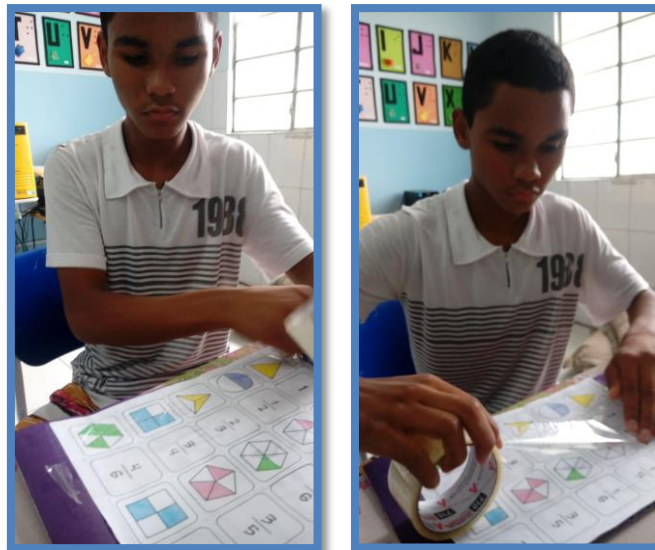
Atividade vivenciada: Inglês- memorização das palavras (material escolar).

Início – 8:00h às 9:40h

O aluno a ser observado neste dia é VS, ele tem quatorze anos e cursa o 6º ano. Frequenta a sala de recurso há algum anos. A professora começa elogiando o aluno que chegou pontual, e conversa com ele a importância de frequentar regularmente os atendimentos, pois, nas últimas semanas ele tem faltado muito. No momento de estudo a professora perguntou ao aluno como ele estava na sala de aula. Ele apenas balançou a cabeça e falou que ia bem.

O atendimento seria com conteúdo de matemática, a educadora seguia sempre a sequência didática trabalhada no atendimento passado retomando o assunto de frações. Ela começou a explicar a atividade que seria feita, um jogo de memória trabalhando a leitura e identificação numérica e com desenhos de frações. Entregou folhas com as imagens de frações representadas através de desenhos e com representação numérica, depois, de fazer a identificação e leitura o aluno deveria colar em uma cartolina, plastificar com fita adesiva e em seguida recortar, assim ele fez.

Figura 16 – Construção de Jogos



O aluno apresenta um certa dificuldades para entender o conteúdo. A professora deixou ele construir o jogo sozinho e a medida que ele ia cortando as peças ela ia questionando o valor de cada gravura e pedindo que ele formasse pares. Aos poucos, o aluno foi construindo a aprendizagem manuseando o próprio objeto produzido por ele. A forma como o processo acontece e se desenrola quebra as antigas práticas pedagógicas tradicionais, já que permitiu a valorização da capacidade e construção por parte do aluno enquanto aprendiz. Presenciei uma atividade matemática onde a aprendizagem acontece com o mínimo de ensino e de forma

motivadora. Esta ação visualiza uma aprendizagem significativa alicerçada na construção do próprio aprendiz.

5.4 Síntese das Observações

A investigação ocorreu dentro do lócus da pesquisa, entre os meses de abril e maio do ano de 2016. Neste período a pesquisadora buscava indícios de inovação pedagógica, através da observação participante na Sala de Recurso da Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira, adquirindo assim, a compreensão do desenvolvimento das práticas pedagógicas na Sala de recurso da dita escola.

Durante, as observações percebe-se que a professora atende com horário marcado, de forma individual, porém, a descrição das atividades na observação minuciosa e cuidadosa da pesquisadora permitiu a análise de como acontecia o desenvolvimento das práticas pedagógica desta Sala de Recurso. A educadora que orientava sempre ensinava com clareza, e dedicação as atividades executadas com estes alunos. O papel da educadora consistia em mediar e orientar as ações dos alunos, oferecia-lhes um leque de experiências e práticas que muito serviu e ajudou para facilitar a compreensão dos conteúdos trabalhados com os educandos, desta maneira, possibilitava a interação, a confiança entre alunos e educadora. E assim, muitas vezes presenciei a excursão de atividades dentro da Sala de Recursos, quando a educadora trabalhava com crianças, adolescentes e jovens, instigando com os aluno e levando-os refletir, a discutir, produzir, a resoluções de situações problemas diante das atividades proposta pela educadora.

Percebemos que o planejamento das atividades desenvolvidas dentro da Sala de Recursos pela educadora, eram norteadas de acordo com os conteúdos curriculares desenvolvidos nas salas regulares. A educadora criou um ambiente de aprendizagem acolhedor e humanizados para o melhor desenvolvimento das tarefas que no decorrer das aulas criaram um espaços de interação com os alunos. A educadora observava as atividades desenvolvidas pelos alunos, intervindo com ações e exemplos práticos, buscando sempre melhorar a compreensão e execução das mesmas atingindo assim, resultado positivos que era a compreensão dos conteúdos trabalhados na sala regular.

O direcionamento traçado pela professora foi guiado pelas necessidades cognitivas dos alunos, principalmente, no que se refere a aquisição da leitura e escrita e dos que não consegue acompanhar à aquisição das habilidades acadêmicas, pois, a maioria destes alunos se encontravam no processo de alfabetização. A educadora sempre que podia, ia mais além,

procurando caminhos que levassem seus alunos a ter confiança que eles podiam aprender e de certa forma melhorar seu rendimento escolar..

As práticas pedagógicas usadas pela professora valorizavam os jogo, brincadeiras, as expressões artísticas que estimulavam o desenvolvimento motor, físico, cognitivo surgindo assim nas crianças sentimento de alegria, prazer em desenvolver as atividades fazendo deste ambiente prazeroso de aprendizagem significativa. Promovendo aprendizes com alta estima e confiança para permanecerem na sala regular sem se sentirem inferiorizados.

Podemos detectar a presença dos familiares, parceiros de fundamental importância no desenvolvimento do trabalho da educadora. Percebe, a todo momento trocas de informações, conhecimento particularidades de cada aluno, que contribuem para o desenvolvimento do trabalho pedagógico facilitando assim, o sucesso das práticas pedagógica planejada pela professora.

Conforme a descrição das observações, notamos o empenho da professora em elaborar atividades criativas, que chamasse atenção das crianças e as envolvesse a fim de alcançar seu objetivo, em melhorar a capacidade de aprendizagem destes alunos. A todo instante a professora cuidadosamente, criava situações que lhe permitia uma comunicação amigável entre os alunos portadores de necessidades especiais e ela facilitando o processo de aprendizagem. O clima socioafetivo existente na Sala de Recurso permite que as atividades sejam desenvolvidas de maneira a surtir bons resultados.

Deste modo a observação participante nesta sala de recurso, nos permitiu vivenciar práticas pedagógicas, envolventes, instigantes, criativas, onde podemos ver a aprendizagem sendo desenvolvida nos momentos em que a educadora interagiu com seus alunos formando pares, e juntos criavam jogos, atividade artística. Quando as atividades eram explicadas e discutidas, e os alunos buscavam executar com o direcionamento dado pela educadora. Notamos que os alunos eram encorajados a ter iniciativa para escolher que caminho que melhor podiam tomar para a excursão e a compreensão de suas atividades. E assim, eram concluídas seguindo as orientações dadas pela professora.

5.5 Conversa com os autores sociais

De acordo com a ética da pesquisa não podemos citar o nome dos autores sociais, alunos , professora, coordenador, aqui serão chamado alunos AS, aluno CM, aluno GJ, aluna GL, aluna GL, aluno IN, aluna MC, aluna MM, aluno VS, Professora MR e o coordenador OS.

5.5.1 Conversando com o professora

A entrevista foi realizada com o professora, na Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira, no ano de 2016. Com a finalidade de fazer parte desta pesquisa, concordou ser entrevistada porém sua identidade será reservada tendo seu nome identificado por letras.

Durante nossas conversa, a entrevistadas comenta que quando chegou a escola já havia a Sala de Recurso e acreditava que a implantação desta sala se deu pelo motivo da escola ter sido beneficiada por uma ações do Governo Federal, preocupado com a inclusão de muitos alunos que por inúmeros motivos e dificuldades, não tinham acesso a escola, e não finalizavam seus estudos.

“Não foi do meu tempo, foi antes de eu vim trabalhar aqui já estava implantada não sei dizer com precisão que eu trabalhava na escola especial ai essa implantação da sala de recurso no Samuel presenciei. “(pró).

A entrevistada explica o motivo que levou ela a escolher a educação especial para docência.

“Sempre gostei de psicologia, inclusive o meu sonho era fazer psicologia como na época não deu certo, então, eu não fiz [...] tudo que tem nesta área eu me interessava para ler, e assim, quando eu fiz o concurso tive a opção de ir para sala de aula regular ou para educação especial. Eu optei para educação especial pois me identificava demais com essa área” (pró).

O papel da educadora é de fundamental importância, no processo de construção do conhecimento. Os trabalhos desenvolvido da Sala de Recurso eram explicados sempre com clareza e objetividade tornando mais fácil a compreensão dos alunos. Além disso, quando orientava, deixava sempre eles executarem, e ficava supervisionando até concluírem completamente. A educadora comenta sobre a importância do trabalho do profissional atuante na Sala de Recurso:

“Muito importante, sem ele o aluno fica desassistido praticamente por que ele não tem condição que o aluno dito normal tenha, então necessita de um apoio, de um cuidado melhor, de um apoio que a gente na sala de recurso tem como dar e direcionar o que ele necessita para que ele possa melhorar no seu na sala de aula”. (pró)

A função da educadora era mediar e conduzir o que fazia os alunos, levando muitas atividades práticas que permitia que através desta ações houvesse a construção do

conhecimentos pelos alunos. Pois acreditava que desta forma usando a sua criatividade proporcionaria oportunidades de evoluir suas crianças na sala de recurso.

“Através de jogos, através de várias ferramentas que a gente utiliza dependendo da necessidade daquele aluno as vezes ele tem uma necessidade ele não consegue aprender o alfabeto a gente vai através dos jogos de material concreto ai ele vai conseguindo”. (pró)

A educadora descreve o perfil dos educandos que frequentam a Sala de Recurso são alunos portadores de várias deficiências com intelectual leve, moderada ou severa, deficiência física e autismo.

Explica como estes alunos são encaminhados aos atendimentos:

“Através da matrícula, os alunos geralmente tem laudo explicando que tipo de deficiência intelectual ou que seja outro a tipos de deficiência, [...] então já e encaminhado para a sala de recurso.” (Pró)

A professora fala da importância da Sala de Recurso na vida das crianças que apresentam algum tipo de deficiência:

“A Sala de Recurso é para auxiliar aluno que tenha algum tipo de deficiência seja ela visual, auditiva ou transtornos globais ou intelectual aluno que tenha algum tipo de problema algum tipo de deficiência ele necessita atendimento especifico para que ele possa se desenvolver e tenha a oportunidade de se desenvolver igualmente os outros que estão na sala regular.” (Pró)

Continuando, ela fala sobre os objetivos traçados por lei para Sala de Recurso.

“A Sala de Recurso é para auxiliar aluno que tenha algum tipo de deficiência seja ela visual, auditiva ou transtornos globais ou intelectual aluno que tenha algum tipo de problema algum tipo de deficiência ele necessita atendimento especifico para que ele possa se desenvolver e tenha a oportunidade de se desenvolver igualmente os outros que estão na sala regular”. (Pró)

5.5.2 Barreiras e as contribuições da Sala de Recurso para alunos portadores de deficiências

Quando observava os alunos a desenvolver atividades na sala de Recurso, percebi que eles estavam tranquilos, à vontade. Aluno e professora trabalhavam de forma participativa e colaborava havendo interação entre eles, e assim o processo era construído e o aluno sentia-se feliz.

Neste item mostrarei as barreiras e as contribuições vivenciadas pela educadora na Sala de Recurso no processo de ensino e aprendizagem dos alunos portadores de deficiências. A

Professora diz que encontra algumas barreiras que dificultam o bom desenvolvimento do trabalho, pois, a família por muitas vezes não acreditar no desenvolvimento destes alunos não se dedicam como deveriam.

“Eu as vezes encontro algumas barreiras na família , se a família ajudasse mais acredito que os resultados sereia melhores mas no geral a Sala de Recurso é muito bom para quem tem algum tipo de problema e que necessita”.(Pró)

O não comparecimento assíduo dos alunos aos atendimentos interrompem o processo de ensino aprendizagem como afirma a educadora.

“Uma das maiores dificuldades que encontro são com alunos que faltam muito, nem sempre a mãe leva aos atendimentos, fica difícil trabalhar assim, este é um grande problema.” (pró)

Ainda neste contexto, ela explica que a superproteção por parte de alguns familiares e o descaso por parte de outros, com crianças portadoras de alguma deficiência interrompe o avanço e a autonomia dos alunos.

“Outro empecilho, está com relação a família de alguns alunos que superprotege, não permitindo o avanço deste aluno. Não sei se por medo ou não querer que eles passem por algum tipo de discriminação ou constrangimento, protegem demais interrompendo o processo de inclusão e de aprendizagem. Por outro lado, tem aqueles alunos que a família não acreditam na evolução destes alunos fazendo pouco caso. É muito comum encontramos este tipo de sentimento em relação a família infelizmente.” (pró)

A professora lamenta que a família não tenha um papel especial reservado na Sala de Recurso ou no PPP da escola.

“O PPP da escola vai ser construído, irei enfatizar isso bem, por que é muito importante que a família esteja nesse processo [...] o aluno passa mais tempo com a família e é muito importante que a família esteja junto para que acompanhe direitinho esse aluno e dê o suporte que ele necessita por que ele necessita sim, então, a família tem que ser convocada .” (Pró)

A educadora afirma que o atendimento seria duas vezes na semana de quarenta minutos com cada criança, contudo, para ter mais tempo com os alunos prefere atender apenas uma vez na semana de uma hora e dez minutos com cada criança, e não correr risco da criança não ser levada ao colégio duas vezes por algum empecilho da família, já que todos necessitam de acompanhante para leva-los a escola.

“O certo dos atendimentos tem dois tipos ou a gente faz duas vezes na semana, dias alternados ou em um dia, (...) um atendimento é cinquenta minutos e dois atendimentos a gente faz em uma hora e pouca. Eu já faço isso de botar um atendimento na semana e sendo maior o tempo, por conta da família, que as vezes não quer trazer o aluno, ou não pode.” (Pró)

Ainda, nesta entrevista, a educadora explica como ela planeja suas aulas na Sala de Recurso.

”Eu sempre estou perguntando qual o assunto que ele está dando, qual é o conteúdo, a gente tem essa troca e eu sempre oriento nas provas como que deve fazer ou eu aplico. A professora aplica a prova sempre eu vejo qual o assunto que ela está dando para que eu na sala de recurso está produzindo material para ele qual é o conteúdo dele que ele está dando para poder melhorar o desenvolvimento dele na sala de aula.” (Pró)

A professora descreve como ela executa seu trabalho na sala de recurso.

“Dou suporte e orientação a alguns professores, orientação a família e o aluno que precise, tudo que o aluno necessita eu estou sempre perguntando aos professores vendo o que está passando e adequando o material ao dele para que ele se desenvolva melhor.” (Pró)

Descrição do trabalho pedagógico da educadora.

“Ai vai depender da necessidade de cada aluno. Dependendo da necessidade do aluno a gente faz jogos sempre alguns tipo do assunto que ele está dando na sala de aula agente transforma em jogos... mas é o lúdico geralmente o papal eles já estão cansados principalmente alunos com deficiência intelectual eles não funcionam bem com o papel e ai a gente faz através de jogos e material concreto eles consigam assimilar os assuntos.” (Pró)

A professora explica a divisão dos alunos no atendimento.

“Geralmente eu gosto de trabalhar com um aluno só mas acontece de ter duplas, mas priorizo um aluno só por que eu dedico mais de perto esse atendimento.” (Pró)

Ela comenta que trabalhar em dupla pode trazer bons avanços para a construção do conhecimento dos alunos.

“Quando é possível eu faço em dupla e é muito bom por que o aluno um ajuda o outro, um complementa o que o outro [...]quando ele está ensinando ele está fortalecendo seu aprendizado, tanto é bom para o que sabe mais fortalece como o que sabe menos por que complementa o que ele sabe e é muito proveitoso quando é em dupla é muito bom as vezes trabalho com dupla também.” (Pró)

A educadora expressa o que espera concretamente como resultado de seu trabalho no processo de ensino aprendizagem dos alunos que frequenta a sua sala de recurso.

“Eu espero, é que ele se desenvolva para mim o desenvolvimento do aluno é como um prêmio não tem preço pra mim é um prêmio quando eu vejo um simples avanço para mim é uma vitória eu fico torcendo para que este aluno tenha um desenvolvimento.” (Pró)

A professora acredita que as atividades da Sala de Recurso procura abrir espaços para autonomia o crescimento livre do aluno.

“A gente busca dar autonomia para esse aluno poder na sala de aula ele está acompanhando a turma para ele está se desenvolvendo da mesma forma que os outros se desenvolve.” (Pró)

5.5.3 Síntese da conversa com a professora da Sala de Recurso

No decorrer da entrevista a educadora falou de sua aptidão vocacional em trabalhar com a Educação Especial, explicou o objetivo da Sala de Recurso e a importância da mesma no desenvolvimento da aprendizagem das crianças que apresentam alguma deficiência física ou mental. A educadora afirma que, para seu trabalho ser realizado com bom êxito e atinja aos objetivos previsto por lei é necessário ela contar com a parcerias da família, com profissionais que serão de extrema importância no desenvolvimento das crianças que frequentam este ambiente de aprendizagem.

A educadora comenta sobre as barreiras que encontra em seu trabalho quando a família deixa de fazer sua parte, não se envolvendo no processo desenvolvimento da aprendizagem da criança, sem essa parceria os atendimentos não atingem seu objetivo e o aluno fica prejudicado. Por isso, a todo momento está convocando os familiares e mostrando a importância deles caminharem juntos com a escola.

Durante nossa conversa a educadora fala como desenvolve seu trabalho, não só dentro de sua Sala de Recurso, mas orientando alguns professores, a família e buscando sempre dar o suporte para que os alunos se desenvolva. Enfatiza a importância do trabalho comprometido da Sala de Recurso, pois, sem esse atendimento os alunos com necessidades especiais ficam totalmente desassistidos.

Deixa claro que o trabalho com atividades utilizando material lúdico faz a criança assimilar melhor, quando o tradicional da sala regular já não permite seu entendimento, pois, através de jogos, e várias ferramentas desenvolve trabalhos na Sala de Recurso faz o com que este aluno avance na aprendizagem. A educadora socializa com muita emoção que espera como fruto de seu trabalho, ver o desenvolvimento, o avanço dos alunos de sua sala, e possa

acompanhar e se desenvolver da mesma forma que os alunos da sala regular, e ter autonomia em sua vida acadêmica.

5.5.4 Discurso do Diretor e Coordenador da escola.

Os educadores que gentilmente aceitaram participar da entrevista, e que serão usados como citação, terão suas identidades em sigilo, sendo identificado com as iniciais PED.1 e PED.2. A entrevista realizada com a equipe pedagógica da escola, um diretor e um coordenador, que fazem parte da gestão desta instituição já algum tempo.

5.4.5. Processo de implantação da Sala de Recurso, escolha e capacitação dos profissionais atuantes nesta área e o perfil dos alunos que frequenta este ambiente.

Durantes as falas dos entrevistados coincidem quando falam na implantação do projeto da Sala de Recurso no município e na escola Samuel Galvão de Oliveira.

“Bom é a Sala de Recurso da Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira como as demais escola do município elas foram implantada com base nos dados do censo. Estes dados do censo apontavam a escola que tinham o maior número de crianças especiais e a escola Samuel Galvão de Oliveira era uma destas escolas, por esta razão a escola foi contemplada com o projeto Sala de Recurso. (PED. 1).“

“Devido a quantidade de aluno com necessidades especiais e com deficiências de aprendizagem que a escola possui, então houve essa necessidade da Escola Municipal Samuel Galvão abrir uma Sala de Recurso.(PED.2).”

No decorrer da entrevista um dos atores explica como deve ser montada a Sala e que tudo já vem especificado pelo programa do governo.

Sim. Existe toda uma estruturação para a Sala de Recurso, bem como também os materiais que acompanha a sala de Recurso, eles já vem destinados a esta sala toda mobília e como está mobília também deve ser colocada na sala, os espaços como eles são ocupados assim como há esta discriminação já no projeto em relação a esse que é usado na sala de Recurso (PED.1).

O entrevistado cita os objetivos previamente definidos de Sala de Recurso.

[...] os objetivos que contemplam a esse projeto e o principal dele é fazer com que a criança que esteja no ensino regular na escola ela passe pela Sala de Recurso passe por um processo de reabilitação através da Sala de Recurso, ela pode através das atividades desenvolvidas lá, desenvolver as suas limitações motoras e também cognitivas. (PED.1)

Na opinião do entrevistado a Escola tem se esforçado em cumprir seu papel em atingir os objetivos previsto por lei.

“Sim. A Sala de Recurso ela garante isso. Ela garante que essa criança seja inserida dentro da escola dentro do processo formativo e que ela se sinta incluída dentro desse processo”. (PED.1)
 “Se não todos objetivos mas pelo menos a maior parte deles sim, estão sendo alcançados a gente ver que os alunos atendidos pela sala de recurso eles tem um desenvolvimento melhor na sala regular.”(PED.2)

Um dos gestores explica como o município faz a escolha dos profissionais que trabalham neste ambiente no primeiro momento escolhendo por seu perfil. Porém o fator político tem interferido neste processo de escolha.

“Os primeiros profissionais da sala de Recurso eles foram selecionados primeiros por professores que tinham uma certa responsabilidade no emprego no dia a dia de sala de aula quem era aquele professor mais preocupado que geralmente não faltava aula no primeiro momento tiveram esse olhar”. (PED.1)
 “Depois claro, foi surgindo alguns outros critérios algumas interferências políticas até esses professores foram ocupando essas vagas.” (PED.2)

Os entrevistados acreditam que a sala de recurso desenvolve seu papel e atinge os objetivos definidos por lei.

“os objetivos que contemplam a esse projeto e o principal dele fazer com que a criança que esteja no ensino regular na escola ela passe pela sala de Recurso passe pelo um processo de reabilitação através da sala de Recurso, ela pode através das atividades desenvolvidas lá desenvolver as suas limitações motoras e também cognitivas.”(PED.1)
 “Se não todos objetivos mas pelo menos a maior parte deles sim, estão sendo alcançados a gente ver que os alunos atendidos pela sala de recurso eles tem um desenvolvimento melhor na sala regular isso é notório.”(PED.2)

No decorrer da entrevista os gestores explicam como os alunos chegam a esta sala de atendimento especial.

“Alguns alunos possuem especialidades que são visíveis, como os cadeirantes, os visuais, então esses alunos só de olhar você já sabe que esse é um aluno que precisa passar pela sala de recurso, porém outras especialidades que não se apresentam só nos olhares precisam ser investigadas no momento em que o aluno está na sala de aula o professor ele percebe que aquele aluno tem alguma coisa que precisa ser investigada alguma coisa que ele não se coloca no mesmo desempenho que de outros alunos então o professor faz uma queixa ao professor da sala de recurso e esse professor da sala de recurso vai analisar esse aluno e se for confirmado depois que estudos e fazer anamnese e se confirmado que esse aluno realmente ele tem uma especialidade ele passa a ser aluno da sala de recurso.”(PDE.1)

Ainda neste contexto, afirmam que a Sala de Recurso contribui com a escolarização das crianças da escola que apresentam déficit de aprendizagem.

“Com certeza, nós já podemos colher frutos de crianças que não apresentavam é um aproveitamento bom na sala de aula e depois que passou pela sala de recurso esse aluno avançou e conseguiu galgar seus degraus dentro da escola mudar de série passar de ano e hoje são vencedores dentro da sociedade que dá muito gosto de ver trabalhando incluídos no mercado de trabalho nós temos muitos casos de adolescentes que saíram da escola e são vencedores na vida.” (PED.1)

“Contribui sim e muito, não só na questão da aprendizagem mas também na escolarização toda na questão social a gente percebe quando os professores na sala de recurso fazem algum trabalho diferenciado com os alunos ditos normais nesta questão de valorização, respeito as deficiências, a gente vê que tanto um como outro eles trabalham socialmente juntos, então a sala de recurso contribui sim muito com a escolarização dos nossos alunos.” (PED. 2)

Os entrevistados acreditam que o ensino oferecido na sala de recurso complementa e faz avançar a aprendizagem do aluno em sala de aula regular, desde que ele frequente regularmente os atendimentos.

“Os exercícios que são feitos em Sala de Recursos eles priorizam o desenvolvimento Motor da criança então alguns alunos que tem dificuldade de pegar no lápis para escrever, indo para a sala de recurso essas atividades vão ser eficazes focada nesta deficiência desse aluno e com tempo ele está pegando melhor no lápis ele já está escrevendo melhor isso é só um exemplo que eu estou citando um avanço que este aluno pode apresentar. (...)alguma dificuldade que seja cognitiva que o professor vai trabalhar com esse aluno com base nisto aí este aluno também apresenta também melhoras sim no ensino regular.”(PED.1)

O entrevistado fale sobre os desafios enfrentados para implantação da Sala de Recurso nesta escola e dos cuidados que eles tiveram que tomar para organizar os recursos disponibilizados pelo projeto.

“Um dos desafios enfrentados para implantação desta Sala de Recurso era o espaço onde está seria implantada, visto que, (...) todas as salas estavam ocupadas, mas houve uma reorganização das turmas e esta sala de recurso foi colocada em um espaço que era uma sala de aula totalmente arejada com boa iluminação, foram colocadas grades nesta sala para que houvesse melhor segurança por causa dos recursos que ali seriam disponibilizados esta sala foi forrada para que este aluno tivesse o maior conforto possível está ali naquela sala de aula.”(PED.1)

A diretora durante o momento da entrevista faz um desabafo, pois sempre ouvia a seguinte frase “A Sala de Recurso era a sala dos doidinhos...”, o que a incomodava muito.

“Bom alguns pais eles entendem a necessidade da Sala de Recurso. Primeiro eu queria lhe dizer que havia um tabu muito grande com a sala de Recurso, porque muitos alunos gritavam *“olha a sala dos doidinhos, eu não quero nunca ir para a sala dos doidinhos”*. Era assim que eles tratavam a sala de recurso. E quando a gente diagnosticava um caso de aluno que precisava ir para a sala de recurso havia uma resistência muito grande por conta dos pais, por que não queria que o filho fosse para essa sala chamada a sala dos doidinhos. Então o que foi que a escola fez, um trabalho de conscientização com esses pais que não se tratava disso a criança que era especial precisava passar por aquela sala por que era uma sala de readaptação então foi um trabalho feito pela escola para desmistificar tudo que estava em volta desta sala de recurso que não era uma sala de doidinhos , que a sala de Recurso não era um lugar só para marcar uma consulta com Tem muita tarefa e é boa e que o professor tinha que levar essa criança no neuro como muitos achavam que era para isso então foi um trabalho que a escola precisou fazer pra dizer realmente para a comunidade escolar o que era a Sala de Recurso, quais os seus objetivos, para que realmente ela servia, então depois de ter feito esse trabalho entre os pais, entenderam que a criança precisava passar por ali pela aquela sala.”(PDE.1)

Neste ponto a fala dos entrevistados concordam com a fala da professora, quando se trata do papel da família que deve estar envolvida no professor de aprendizagem dos alunos na Sala de Recurso.

“Alguns pais se dedicaram ao máximo a levar seu filho para o atendimento na Sala de Recurso. Já outros pais não levam a sério o fato do filho está frequentando a Sala de Recurso. E há uma diferença muito grande entre os alunos que frequentam regularmente a Sala de Recurso para o aluno que faltam. Há uns diagnósticos que ficam durante todo ano o professor precisando fechar e não fecha, por conta da ausência desta criança na sala de recurso. Então a importância da família é muito grande por que[...] esse aluno é do turno matutino, ele vem para a escola no turno matutino meio dia ele vai para casa e ele precisará voltar a tarde para fazer o atendimento na Sala de Recurso, se a família não tiver o interesse ele não volta, por que a mãe, o pai, o responsável precisa encaminhá-lo. [...] Se tiver essa ajuda da família em casa a criança vai voltar para sala de recurso se não, ele vai ficar sempre perdendo o atendimento e isso vai com certeza influenciar no desempenho dele.”(PED.1)

“Infelizmente a família deixa a desejar né não só na Sala de Recurso mas em toda a escola...mas se tratando da sala de recurso lógico que quando eles são chamados quando os professores da sala de recurso convocam para fazerem uma reunião eles aparecem mas isso é periodicamente eles trazem os filhos alguns trazem esperam, .mas outros ainda os filhos vem sozinhos não são bem presentes como deveriam ser.” (PED.2)

Ainda nesta conversa afirmam que a educadora tem contato com a maioria dos pais, quando eles vão a escola levá-los.

“Bom é a Sala de Recurso os professores da sala de recurso eles estão o tempo inteiro mantendo o contato com essa família para dar esse feedback de como a criança está avançando e como a família pode ajudar também em casa nesse avanço então existe essa integração e essa parceria entre Sala de Recurso e família os pais quando levam os filho a maioria ficam aguardando no pátio da escola a saída do filho então quando acaba o atendimento a mãe entra na sala conversa com o professor e eles fazem essa troca que é muito boa é muito significativa.” (PED.1)

No decorrer desta entrevista fica claro que os entrevistados acreditam que os educadores da sala de recurso respeitam a história e a vivencia do aluno que está no processo de ensino aprendizagem deste ambiente escolar.

“Sim com certeza, é feito todo um histórico da vida do aluno a partir do que ele passa a ser aluno da sala de recurso é feito um levantamento histórico da vida do aluno e isso é tão positivo que muitos professores da escola procuram quando tem alguma dúvida o professor da sala de recurso, para saber o que ele sabe da vida daquele aluno para ajudá-lo na sala de aula, em que eles podem estar somando neste conhecimento e sempre que há uma dúvida é a sala de recurso que o professor vai recorrer.” (PED. 1)

A entrevistada comenta a importância do vínculo existente entre o professor e o aluno da sala de recurso dentro e fora da escola.

“Alguns alunos pegam um vínculo muito grande com o professor e acaba que o professor da Sala de Recurso muitas vezes ele sai do ambiente de sala para ir para o ambiente do aluno, para presenciar suas conquistas que ele vivencia na sociedade por um convite que muitas vezes é do próprio aluno e o professor vai e o aluno se sente privilegiado por tem a presença do professor da sala de recurso em vários movimentos sociais em que o aluno ele é participante e o professor está lá vibrando torcendo por ele então existe essa parceria.” (PED.1)

A entrevistada acredita que os trabalhos realizados pela educadora da sala de Recurso proporciona autonomia e crescimento aos alunos portadores de necessidades especiais.

“O trabalho do professor da sala de recurso é justamente propiciar essa autonomia, se o trabalho da sala de recurso não for de dar ao aluno essa autonomia então a sala de recurso não tem por que existir” (PED.1)

5.5.6 Síntese do conteúdo dos discursos da equipe gestora, Diretora e Coordenador da Escola.

No decorrer dos diálogos, as entrevistadas afirmavam que a escola foi contemplada com o projeto da Sala de Recurso, por ter um número considerável de crianças portadoras de necessidades especiais apontada pelo censo escolar. Existe toda uma demanda para a organização da Sala de Recurso imposta pelo projeto e que deve ser seguida pela equipe gestora da escola durante a montagem desta sala. Existe vários desafios para o profissional que atua nesta sala especial como o preconceito por parte dos pais e alguns alunos, a frequência assídua dos alunos, e o pouco envolvimento por parte da família.

Estes alunos são encaminhado a esta sala por meio de queixas feitas por escrito pelo professor da sala regular e encaminhado a Sala de Recurso. A análise é feita por psicopedagogo e depois encaminhado para os atendimentos.

Os entrevistados ressaltam que o ensino oferecido neste ambiente de aprendizagem faz avançar o aluno em sala de aula regular, desde que ele frequente regularmente os atendimentos. O trabalho da educadora, realizado na da sala de Recurso ajuda a compreensão dos conteúdos e proporciona o crescimento aos alunos portadores de necessidades especiais, apesar das barreiras encontradas é possível ter uma aprendizagem de qualidade. Que o Lúdico se faz presente nas atividades desenvolvidas nos atendimentos tomando mas fácil a compreensão e o avanço dos conteúdos trabalhados.

5.5.7. Diálogo com os alunos

Os sujeitos que gentilmente aceitaram participar da entrevista, e que serão usados para fins de citação, terão suas identidades conservadas em sigilo, sendo cada autor identificado aluno A, aluno B, aluno C, Aluno D, entrevista realizada com quatro alunos.

5.5.8. A importância da escola, e do vínculo emocional existente entre o aluno e o profissional

Os alunos demonstram gostar do ambiente escolar, que é um ambiente de aprendizagem.

“Tem muita tarefa e é boa.” (Aluno A)

“Sim” (Aluno B)

“Gosto” (Aluno C)

“Um lugar para estudar”(Aluno D)

A maioria dos alunos acredita que a escola é um lugar importante e necessário para um futuro seguro, no mercado de trabalho. Como podemos comprovar nos relatos abaixo.

“Sim, para crescer na vida.” (Aluno A)

“Por que para trabalhar.” (Aluno B)

“Estudar, brincar e escrever” (Aluno C)

“Por que se a gente não estudar não é nada na vida.”(Aluno D)

Durante nossas conversas as crianças afirmam que as atividades realizadas melhora seu desenvolvimento.

“Já estou misturando a letra de forma e a letra cursiva” (Aluno A)

“Diminuiu a dificuldade que eu tinha em matemática.” (Aluno B)

“Ajudam eu a aprender mas um pouco” (Aluno D)

Alguns afirmam gostar mais da sala de aula regular, pois a sala tem seus colegas.

“Por que em uma tem só eu e a professora e na outra tem meus colegas” (Aluno A).

“Lá tem mais espaço e tem colegas para ajudar” (Aluno B)

“Regular.” (Aluno C)

O aluno D explica sua preferência pela Sala de Recurso pois, tem assistência direta da professora a todo momento.

“Na sala de recurso.” (Aluno D)

“Por que a professora fica perto de mim par falar” (Aluno D)

E durante a conversa fica claro o envolvimento emocional que eles tem pela professora.

“Porque ela é uma boa pessoa e boa para ensinar.” (Aluno A)

“Gosto.” (Aluno B)

Comentam ainda neste contexto a diferença entre os dois ambiente de aprendizagem.

“A professora me ensina o que eu não consigo aprender.” (Aluno D)

Durante nossa conversa os alunos dizem que conseguem superar suas dificuldades na Sala de recurso.

“Me ensinando a ler e me ajudando a fazer as atividades” (Aluno D)

O aluno comenta que em alguns momentos na Sala de Recurso, o trabalho coletivo ajuda na construção da aprendizagem e que teve ajuda e ajudou na excursão das atividades.

“Nós se ajuda, um e o outro”. (Aluno C)

No decorrer da entrevista buscou saber se havia envolvimento e parceria entre a família dos alunos e os trabalhos da Sala de Recurso. Conforme as falas abaixo:

“Meu pai já! Só conversar com a professora.” (Aluno A)

“Minha mãe para mim trazer e meu irmão para estudar.” (Aluno B)

5.5.9 Síntese do conteúdo dos discursos dos alunos

No decorrer da entrevista percebemos que todos os alunos têm consciência da importância da educação na vida deles. Sabem que o futuro depende do alicerce que é feito dentro de uma instituição escolar e que uma oportunidade de emprego depende de muito de um bom nível escolar adquirido por cada um. Afirmam gostar do ambiente escolar que frequentam, que se sentem bem e felizes. Um aluno relata gostar da escola mas sente dificuldades em entender os assuntos estudados na sala regular, mas quando está na Sala de Recurso ele aprende mais. Todos verbalizam que gostam da educadora, pois ela explica bem e eles aprendem, e que as atividades realizadas na Sala de Recursos de forma prazerosa fazem com que os alunos, além

de gostarem de realiza-las ao proposta trazidas pela educadora, os ajudam a avançar no desenvolvimento da aprendizagem. Foi citado na entrevista que a maioria dos atendimentos são feitos de forma individual, uns gostam do atendimento individual e outros gostam em grupo, contudo há momentos em que a educadora atende em dupla quando isso acontece os pares se ajudam proporcionando descobertas e aprendizagem. Apesar de alguns alunos afirmar gostar da sala regular, pois lá eles tem contato com os outros colegas, reconhecem que é na Sala de Recurso que eles aprendem mais.

Os alunos da Sala de Recurso se sentem bem em frequentar esta sala, não se percebe o preconceito e a vergonha de esta neste ambiente, gostam dos jogos, das pinturas, e de mexer e brincar no computador, pois sabem que estas atividades, os fez avançar nos conteúdos ensinados na sala regular. A família está sempre em contado com a educadora, que sempre está a chamar os pais para explicar sobre as suas dificuldades e orientá-los como proceder.

5.5.10 Conversas como os pais dos alunos da sala de recurso

Os pais que gentilmente aceitaram participar da entrevista e que muito contribuíram, terão suas falas usadas como citação, em respeito terão suas identidades em sigilo, sendo identificado com as iniciais Mãe 1, Mãe 2, Mãe 3 e Pai 1. A entrevista realizada com os responsáveis pelos alunos foi analisada em seus discursos percebemos a categoria Contribuição na Sala de Recurso no processo de aprendizagem destes alunos.

Os pais aprovam a implantação da Sala de Recurso na escola. Conforme as afirmações abaixo:

“Acho assim que foi de suma importância não só para ele que é um especial a locomover mas para outras pessoas outras crianças que não consegue ler e escrever direitinho.” (Pai 1)

“Foi muito bom.” (Mãe 1)

“Foi muito boa.”(Mãe 2)

“Achei muito bom.” (Mãe 3)

Durante as conversar com os atores sociais afirmam que os atendimentos realizados na Sala de Recurso ajudam as crianças a desenvolverem a aprendizagem e a socialização das crianças portadoras de deficiência.

“Acho assim que é importante por que como ele faz fisioterapia a sala de recurso é um recurso a mais para que ele a prenda a fazer a letra cursiva.” (Pai 1)

“É bom muito por que ele não sabia ler bem e ai depois que ele foi para aulas da Sala de Recurso ele aprendeu muito bem ler e escrever mais.” (Mãe 1)

“Gosto por que ela está desenvolvendo bastante na sala de recurso e ela mesmo gosta também.” (Mãe 2)

“Acho muito bom.” (Mãe 3)

“Porque desenvolve o estudo dele.” (Mãe 3)

Eles comentam que sempre estão em contato com o professor da Sala recurso.

“Não eu só fui convidado para ir lá dar algumas informações sobre ele para professora mas para eu ver ela trabalhando com ele ainda não.” (Pai 1)

“Sim, assim todas as atividades que a Pró Marcia passou ela me mostrava e via a resposta o resultado dele que ele respondia tudo certo.” (Mãe 1)

“Já sim.” (Mãe 2)

“Já.”(Mãe 3)

Todos concordam que o atendimento da Sala de Recurso melhorou o desempenho escolar de seus filhos na Sala regular.

“Mudou sim eu já acho diferença na letra que ele fazia tudo torta, tudo enrolada já acho alguma diferença na letra que ele já faz alguma letra cursiva.” (Pai 1)

“Até o momento ajudou muito a ele por que ele já sabe ler e escrever e responder umas coisas que nem eu sei.”(Mãe 1)

“Mudou bastante.” (Mãe 2)

“Acho assim para desenvolver os estudos dele.” (Mãe 3)

5.5.11 Síntese da análise da conversa dos autores sociais.

Durante as conversas, os pais reconhecem a importância da implantação da Sala de Recurso na Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira, e que o trabalho desenvolvido pela

educadora tem ajudado muito no desenvolvimento da aprendizagem e a socialização do aluno na escola das crianças portadoras de deficiência ou com alguma dificuldade.

Na opinião dos pais, acham ruim que os alunos frequentam apenas um dia na semana, gostariam que os atendimentos fossem todos os dias, assim, estas crianças venceriam mais rápido suas dificuldades. De acordo com a conversa tida com os pais elogiam as atividades desenvolvidas neste ambiente escolar e afirmam que os alunos gostam de frequentar a Sala de Recurso, pois, através dos jogos, e as ferramentas utilizadas durante as aulas facilitam a compreensão destas crianças nas suas dificuldades e deficiências.

Ainda no discurso dos responsáveis pelos alunos, a educadora tem o cuidado de sempre chamar os familiares para conversar sobre o desenvolvimento escolar dos alunos, mostrando a evolução deles através das atividades e os recursos pedagógicos que são muito importante para o processo de aprendizagem das criança.

Ainda no decorrer das conversas alguns familiares afirmam que os atendimentos têm mudado aos poucos a vida das crianças na sala regular eliminando barreiras que impedem o pleno desenvolvimento pelas crianças. Contudo existem alguns que não sabem dizer se os atendimentos ajudam na sala regular.

CAPITULO VI - ANALISE DOS RECOLHIDOS NO LOCUS DE PESQUISA

Nesse capítulo será analisado os dados colhidos no *Locus* de pesquisa, com o intuito de averiguar se os objetivos foram alcançados, sabendo que o objetivo geral dessa pesquisa consiste em investigar elementos de inovação pedagógica nos processos de aprendizagem com o uso de Tecnologias Assistivas, na Sala de Recurso com crianças portadoras de necessidades educacionais especiais da Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira, no município de Campo Formoso- BA. Além disso, tendo com objetivos específicos deste trabalho compreender em que medida a prática pedagógica desenvolvida na Sala de Recursos pode realizar os processos de autonomia e inclusão dos alunos, superando-se o estado de dependência que gerou a criação da própria Sala de Recurso; Verificar se há ou não elementos de inovação pedagógica envolvendo a Tecnologia Assistiva: Entender se essa tecnologia proporciona aprendizagem interativa, autonomia, qualidade de vida e inclusão social a esses alunos.

Esta pesquisa foi desenvolvida com metodologia de abordagem qualitativa, de cunho etnográfico, já que “a metodologia de investigação etnográfica surge como sendo a que se considera mais apta para se sondarem as dinâmicas de natureza social e cultural que perpassam [...] locais onde se movimentam grupos portadores de características próprias.” (SOUSA; FINO, 2007, p.07). Assim, esta definição se deve por compreender que a etnografia proporciona os instrumentos de sondagem, fortalecimento do debate epistemológico como questionamento direto entre pesquisador e os autores da pesquisa a serem observado, proporcionando uma descrição e entendimento do fazer pedagógico nos ambientes de aprendizagens que são imbuídos de subjetividade. Nesse sentido, a pesquisa de abordagem qualitativa produz representações a medida que uma rotina de campo for realizada com os sujeitos sociais da pesquisa.

“[...] as metodologias de natureza qualitativa, clínica, compreensiva e finalista, procuram melhor apanhar a ‘realidade’ tal como a vivem e a significam os sujeitos em observação, pois levam em linha de conta as suas crenças e os seus valores face ao mundo em que vivem. Elas privilegiam a pertinência, a globalidade e o raciocínio teleológico. Elas fazem apelo à interpretação dos fenômenos, reconhecida a sua opacidade. Elas recorrem a processos de hermenêutica e de descoberta pois não partem de modelos já elaborados, mas de esboços de modelos, esboços de teorias que sofrerão necessariamente ajustamentos graduais, reformulações e recriações progressivas, num processo dialéctico entre a teoria e a prática. Elas aceitam a construção de instrumentos especificamente adaptados às finalidades a atingir. Elas dão lugar à comunicação e à compreensão entre o sujeito

observado e o sujeito que observa, a partir de diálogos abertos, entrevistas e questionários flexíveis, sem uma ordem rígida a seguir. (SOUSA, 1997, p.08)

Os fatores para identificação de uma pesquisa possuem aspectos como, objetivos, campos, situações, objeto de estudo entre outros fatores. Para que este trabalho fosse desenvolvido, precisa ser compreendido como um estudo descritivo, em que a compreensão final equivale na “descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 1991, p. 46).

Pois, a metodologia de base qualitativa segue as diretrizes da pesquisa etnográfica como direção. Compreendemos que uma abordagem etnográfica, o pesquisador se faz parte do universo abordado. De acordo com André (2010, p.17) a pesquisa etnográfica” é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural”.

Como foi descrito as observações no capítulo anterior, para análise das dados coletadas utilizamos como procedimento metodológico o estudo cuidadoso de todo conteúdo. Esta análise dos fatos foi surgindo ao longo da investigação, com todos os dados como aconteceram de fato. Foi feito uma leitura detalhada do material colhido durante a observação participante, que está apontado no diário de bordo, bem como as imagens fotográficas, nas entrevistas gravadas e transcritas, todos anexados em apêndice.

Em seguida, todo material foi separado e classificado de acordo com as semelhanças encontradas nos registros para que a análise fosse realizada de modo a seguir com muita fidelidade. O período destinado as observações foi do mês de março ao mês de abril de dois mil e dezessete, durante este tempo realizou-se as observações das práticas pedagógicas desenvolvidas neste espaço educativo, que decorriam com uma rotina fixa para os atendimentos, dias e horários. O desabrochar do aprendizado vai acontecendo naturalmente, permitindo a participação ativa e o aumento da autoestima de muitos alunos.

Estes ambientes educativos das Salas de Recursos multifuncionais, num espaço escolar, é uma sala composto com materiais didáticos, pedagógicos, equipamentos e educadores capacitados com formações para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos. Brasil (2008), foram implantados nas instituições escolas municipais, com objetivo de contribuir na aprendizagem que advém na sala regular. A sala de recursos multifuncional é como uma ponte entre o ensino regular e as necessidades educativas especiais é descrita por Oliveira, Gotti e Dutra (2006):

[...] salas de recursos multifuncionais são espaços da escola onde se realiza o atendimento educacional especializado para alunos com necessidades educacionais especiais, por meio do desenvolvimento de estratégias de aprendizagem, centradas em um novo fazer pedagógico que favoreça a construção de conhecimentos pelos alunos, subsidiando-os para que desenvolvam o currículo e participem da vida escolar (OLIVEIRA, GOTTI e DUTRA, 2006 p. 13).

Convém ressaltar que “incluir” não se limita a colocar a criança na escola e sim fazer com que ela consiga interagir de acordo com o meio e com outras crianças, assim como afirma Mantoan (2003). E é nestes ambientes da sala de Recurso que a realidade escolar de muitos alunos é transformada. Este ambiente educativo apresenta um proposta de estudo e de atendimento em horário contrário ao que crianças ou adolescentes estão na escola na sala regular. E beneficiam o aprendizado de estudantes que apresentam algum tipo de deficiência de aprendizagem.

Atualmente, o município de Campo Formoso conta com 21 Salas de Recurso multifuncionais, sendo que cinco estão na sede e as dezesseis estão no interior do município nos povoados da zona rural, de acordo com dados extraídos do censo, critérios de complementação pelo FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. A escola Samuel Galvão de Oliveira, foi a segunda escola do município a receber a Sala de Recurso, *locus* de minha pesquisa, por ter uma grande demanda de crianças e adolescentes portadoras de necessidades educacionais especiais.

Dessa forma essa pesquisa Mostrar de forma compreensiva e clara as práticas pedagógicas observadas na Sala de Recurso da Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira no ano de 20017, onde foi realizado a observação participante, sendo assim, relatará os atributos característicos deste grupo, por intermédio das observações e análise do quadro descritivo diário que foi apresentado. Com este olhar, percebe-se que o conhecimento que os alunos já tinham adquirido anteriormente não eram descartado e sim era o ponto de partida para os atendimentos, os temas debatidos e os conteúdos fazendo com que aumentasse a auto estima do aluno, contribuindo para que aquela dificuldade diminuísse, melhorando assim, sua participação ativa, fazendo com que estes alunos, buscasse ânimo para a aprimorar seu conhecimento. Notamos uma preocupação constante da educadora em fazer com que a inclusão fosse realmente feita dentro da sala de aula regular, em estimular seus alunos a dialogar, refletir, analisar e solucionar problemas.

Essa ação de incentivar pelo intermédio da educadora fazia com que todos se sentissem visto, encorajados em vencer os obstáculos. De acordo com Fino (2001, p.7) “a interação social

não se define, portanto, apenas pela comunicação entre o professor e o aluno, mas também pelo ambiente em que a comunicação ocorre, de modo que o aprendiz interage também com os problemas”. Neste contexto o professor pode facilitar e permitir que a aprendizagem no ambiente escolar aconteça de maneira eficiente, prazerosa e significativa. Tal como afirma Papert (1985), o professor pode designar um “ambiente de aprendizagem” cognitivamente “nutritivo”, para que os alunos construa seu próprio conhecimento. Desta forma o educador favorece um ambiente escolar prazeroso de aprendizagem significativa.

Indo de encontro com o que traz a educação escolar inclusiva, que tem como objetivo que a crianças tenham direito à acessibilidade com qualidade e que não fique exposta a riscos de aumentar a exclusão social e educacional, como afirma Lima (2006).

Inclusão na escola, tal como a concebemos hoje, não é só uma questão de receber, acolher e incluir alunos com diversidades que chegam à escola. É uma questão, também, de entender qual é o papel do adulto da espécie no desenvolvimento das novas gerações e que nuances vão fazer parte deste papel, quando elementos destas novas gerações apresentam diversidade em sua constituição biológica. Esta é uma perspectiva antropológica, segundo a qual o espaço escolar não se restringe à realização de aulas e transmissão de conteúdo, mas assume uma dimensão mais ampla: formar as novas gerações (LIMA, 2006, p. 7).

Com o mesmo pensamento Sanchez (2005, p.11) explicar que “a filosofia da inclusão como educação capaz para todos, ancorada nas escolas e comunidades educativas, devendo favorecer a todos os alunos em suas necessidades físicas ou psicológicas, contribuindo para a extinção da desigualdade e injustiça social”. Desta forma entende-se que a educação inclusiva, vai além, pois uma instituição escolar para ser inclusiva é necessário promover a integração do indivíduo que seja portador de qualquer tipo de deficiência. Assim explica Montoan et al (2010), que a ação inclusiva acontece de fato quando o trabalho e a ação do professor estão voltada para todos, pois, não se inclui ninguém com uma práticas pedagógicas restritivas.

Ao contrário do que se pensa e se faz, as práticas escolares inclusivas não implicam um ensino adaptado para alguns alunos, mas sim um ensino diferente para todos, em que os alunos tenham condições de aprender, segundo suas próprias capacidades, sem discriminações e adaptações. (MONTAAN ET AL, 2010, p. 15).

Para Cidade e Freitas (1997), O processo de inclusão irá exigir grandes mudanças significativas nos mais variados ambientes, sejam eles físicos ou na mentalidade de todas as pessoas, incluindo as próprias pessoas com Necessidades Especiais, para que seja possível se

concretizar uma sociedade que além de aceitar o outro como ele se apresenta, valorize também as diferenças individuais e que possa aprender a lidar e a conviver de forma harmônica com a diversidade que ai se apresenta, através do uso da compreensão e da cooperação.

E é nesta perspectiva de buscar constante, por essa integração que surge neste cenário a Sala de Recurso Multifuncionais, que foram implantadas nas escolas do municipal com o objetivo de dar assistência a aprendizagem da sala regular. Como nos informa Brasil (2008) que esses atendimentos oferecem serviços de apoio pedagógico e passa a ser um dispositivo positivo a partir do momento em que assume o compromisso de formar estudantes com autonomia e independência no processo educativo.

Dessa forma, a Sala de Recurso vem com o desafio de facilitar a aprendizagem, dos alunos portadores de Necessidades Educacionais Especiais na escola regular e minimizar as lacunas que existe na escolarização destes alunos, alguns serviços de apoio pedagógico foram instituídos, envolvendo o atendimento especializado desses alunos, pois, acredita-se que este trabalho individualizado e direcionado as dificuldades particulares de cada aluno atendam às suas dificuldades. Sendo assim, a escola regular cumpria o seu papel de ajudar estudantes a ter independência no processo educativo dentro e fora da escola. O trabalho realizado pelos professores especialistas AEE, é pedagógico e não clínico, onde o professor ajuda o aluno a desenvolver habilidades e utilizar instrumentos de apoio que facilitam o aprendizado nas aulas regulares.

O encaminhamento de alunos para ser atendidos pela Sala de Recurso, deve ser feito mediante a laudo médico comprovado, de acordo com modelo de classificação e diagnóstico médico. Contudo, há alunos que são encaminhados, primeiro por uma queixa da professora da sala regular, que percebe quando existe algo de errado no desenvolvimento de algum aluno. Neste viés, o educador da Sala de Recurso encaminha estes alunos a profissionais habilitados para dar o diagnóstico este aluno.

Outro desafio enfrentado pelo professor da Sala de Recurso é o fato do pouco envolvimento e comprometimento por parte de alguns pais com relação ao trabalho realizado neste local de estudo. Talvez esta falta de comprometimento aconteça pelo fato de algumas famílias não terem o entendimento que indivíduos portadores de deficiência podem desenvolver sua aprendizagem e conviver harmonicamente com outras crianças ditas normais.

Percebemos que a Escola Samuel Galvão de Oliveira, preconiza o que diz a LDBEN, 9394/2006 – (Lei de diretrizes e Base da Educação Nacional), percebemos que a escola está envolvida no processo de inclusão, e a Sala de Recurso, veio só confirmar a importância deste trabalho no processo de inserção destes alunos no processo educativo. Contudo pode-se

constatar que inclusão é um processo gradual, que é necessário que haja transformação em vários grupos sociais, como a família e a comunidades escolar.

É necessário ressaltar que a educadora da Sala de Recurso está sempre promovendo encontro com os professores das salas regular, deixando a disposição todo seu material para estudo, que os professor levem para sala de aula regular este material para que possa auxiliarem suas atividades pedagógicas quando acharem necessário. Já que, construir um espaço inclusivo é criar um ambiente sensível ao desenvolvimento de todos, de forma igual, sejam alunos com deficiência ou não, para que todos tenham bom êxito escolar. Sendo assim, é necessário um olhar atento por parte dos professores que percebam o ritmo de aprendizagem de cada aluno, como este indivíduo compreende enquanto pessoa singular, pois, alguns aprendem com facilidade e outros não.

6.1. Elementos de inovação pedagógica nos processos de aprendizagem com o uso de Tecnologias Assistivas

Será refletido agora um ponto importante neste estudo entre os autores sociais desta pesquisa e às contribuições vivenciadas na Sala de Recurso para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, refletindo o papel necessário no bom desempenho do aluno na sala regular. Neste viés, as diretrizes de atendimento e apoio especializado para educação infantil (BRASIL, 2000, p. 29). “Esse programe tem por principal objetivo oferecer o desenvolvimento das potencialidades da criação no que se refere aos seus aspectos físicos, cognitivos, psico-afetivos, sociais e culturais, optando pelo processo de interação e comunicação mediante atividades significativas e lúdicas”.

Considerando que os alunos que apresentam deficiências físicas, neurológicas ou mentais, podem ter seu desenvolvimento escolar comprometido, se a instituição escolar que eles frequentam não disponibilizar um ambiente adequado para que eles possam superar suas dificuldades e adquirir habilidades de acordo com suas necessidades específicas. São poucas as escolas que estão preparadas, pois faltam recursos e soluções para amparar esses alunos e os auxiliar na superação das dificuldades.

Percebe-se que durante a observação participante a educadora buscou utilizar o lúdico em suas práticas pedagógicas, fugindo das práticas tradicionais da escola regular, onde a todo tempo o aluno é um simples ouvinte. Nas práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de recurso

os alunos aprendem brincando, como vivenciou-se durante a observação participante e como informa a educadora responsável por esta sala de Recurso.

“Dependendo da necessidade do aluno a gente faz jogos, sempre utilizando os assuntos que está sendo trabalhados na sala de aula. Estes assuntos são transformados em jogos... utilizamos o lúdico, pois, as atividades geralmente com papel não chamam atenção destes alunos, que já estão desmotivados, principalmente os alunos com deficiência intelectual que não funcionam bem com as atividades no papel e assim, a gente atrai através de jogos e material concreto a atenção deles buscando um caminho que eles consigam assimilar os assuntos possibilitando a aprendizagem”. (PRÓ)

Desta forma a professora, procurou motivá-los e estimular o interesse, pois, geralmente estas crianças sempre tiveram dificuldade em acompanhar os assuntos trabalhados na escola. Todas as atividades desenvolvidas na Sala de Recursos tem uma preocupação em analisar a história de vida destes alunos, suas experiências para que eles não venham se frustra e encontrar barreiras no desenvolvimento de sua aprendizagem. Conforme Fino (2011) menciona que temos que:

[...] romper com ao contextos do passado e criar os contextos de que o futuro necessita, o que implica uma redefinição do papel dos aprendizes e dos professores, é o essencial, na função da inovação pedagógica, constituída por práticas qualitativamente novas que bem poderia ser facilitadas ou estimuladas por mudanças curriculares organizacionais deliberadas, embora essas seja outra questão(Fino, 2011, p. 7)

De todos os relatos ouvido, a contribuição principal da Sala de Recurso para a construção da aprendizagem dos aprendizes, foi unânime a opinião dos entrevistados PDE 1, PDE 2, professora MR, Pais, Mães e alunos, em afirmam que os atendimentos tem contribuído com o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, como podemos observar no capítulo nos discursos dos mesmos.

Outro atributo da Sala de Recurso apontado pelos atores sociais entrevistados PDE 1 e PDE 2, é que este ambiente ajuda aos alunos que apresentam alguma dificuldade a ser mais ativo, aumentando o desenvolvimento social, como pode-se comprovar no capítulo anterior.

O envolvimento da educadora com seus alunos é tão grande que o laço de confiança existente entre os pares (aluno e professor) ajudam a eles a vencer os medos e fracassos, encontrado em sua caminhada acadêmica, e assim eleva a auto estima destes alunos que muitas vezes se encontram esquecidos sem por terem uma forma diferente de aprender.

A próxima contribuição existente neste ambiente é a parceria com outros profissionais que ajudam no desenvolvimento destas crianças e adolescente, profissionais que tem um papel importante para a evolução da aprendizagem destes educando neste ambiente educacional. Confirmando o que sugeri Oliveira (2004, p. 59) ressalta que na Sala de Recurso há uma “ampla articulação entre o professor da sala de recurso com o professor da sala regular e com toda a comunidade escolar, para facilitação da integração do aluno com deficiência na classe comum”. Este contato permite que a professora da sala regular tenha maior controle da situação e saiba como proceder com este aluno em sala de aula, evitando assim a exclusão e contribuindo para que o conhecimento seja construído melhorando a aprendizagem, como percebemos nos relatos dos alunos, pais e da educadora.

Percebe-se que as salas de Recursos Multifuncionais (SRM's) do município apresenta ambiente adequado, conforme a diretrizes nacionais estabelece, que os ambientes são equipados e preparados para receber e auxiliar pedagogicamente alunos com necessidades especiais (NEE's) nas escolas de ensino regular, proporcionando a esses educandos, a oportunidade de vencer as barreiras que lhes impedem de desenvolver sua inteligência e adquirir conhecimento. Esse ambiente permite que a proposta de inclusão escolar tenha o seu real sentido na sua essência e excelência, para proporcionar valores de igualdade e oportunidade que a proposta de Educação Para Todos tão bem defende.

Outra contribuição analisada nos discursos dos PDE. 1 e PDE. 2 é a forma do planejamento feito para o trabalho pedagógico desenvolvido com os discentes na Sala de Recuso, juntos coordenador professor da sala regular e professor da Sala de Recurso, todos juntos buscando atingir no aluno uma maior autonomia com um crescimento acadêmico. Como fala o coordenador pedagógico da escola.

“Os professores da sala de recurso sempre estão participando dos planejamento quinzenais que eu faço com os professores e ai eles vêem quais são as atividades quais são os conteúdos que os professores da sala regular estão e as atividades pedagógicas da sala de recursos e estão conscientes ai no planejamento então tem uma união tem uma união da sala de recurso com a sala regular”. (PDE. 2)

Sendo assim, trabalhando juntos encontram maneiras alternativas para que este público-alvo que apresentam estas limitações consiga a integração do aluno com deficiência na sala de aula regular. Esta parceria é de extrema importância tanto para o aluno como para o professor da sala regular, pois, o ajuda a lida com estes alunos especiais e o que fazer em salas para melhorar sua aprendizagem, como pode ver nos relatos dos familiares e professor.

Atingindo assim o preconiza o objetivo da Sala de Recursos (SR) é uma proposta das políticas públicas criada pelo Ministério da Educação (MEC) que apoia o ensino especializado, possibilita a inclusão e dá suporte aos alunos com deficiência na escola regular. Esse programa de salas multifuncionais implantadas através do Edital N° 1 de 26 de abril de 2007 tem como objetivo geral:

Apoiar os sistemas de ensino na organização de ofertas de atendimento educacional especializado, por meio da implantação das salas de recursos multifuncionais nas escolas da educação básica da rede pública, fortalecendo o processo de inclusão nas classes comuns do ensino regular. (BRASIL, 2007).

Essas salas estão equipadas por um arsenal de equipamentos denominados de Tecnologia Assistiva, que é entendida como uma série de recursos, serviços e estratégias, que viabilizam o aprendizado e ampliam as habilidades funcionais, a comunicação, o movimento e o domínio do espaço, e promove assim, maior independência e destreza na realização das atividades escolares. Esses recursos utilizados por professores dão suporte para que a ação pedagógica utilizada alcance de maneira eficaz e eficiente esses alunos.

Dessa forma, a ciência tem oferecido atualmente grande ajuda à educação com sua tecnologia avançada que facilita o desenvolvimento do potencial das pessoas portadoras de necessidades especiais. A união entre educação e tecnologia, almeja melhorar as práticas pedagógicas através da Tecnologia Assistiva.

Nesse âmbito que as práticas pedagógicas inclusivas e transformadoras chama nossa atenção para o aspecto lúdico. Os jogos educativos estão introduzidos nas práticas pedagógicas mostrando-se uma poderosa aliada do processo de ensino aprendizagem considerando sua importância motivacional capaz de estimular o interesse dos discentes.

Educadores de SR produzem jogos educativos que proporcionam a educandos com necessidades especiais uma alternativas prazerosa de assimilar os conteúdos programados no ensino regular. Conforme Rocha e Deliberato (2012), a Tecnologia Assistiva deve ser apontada na proposta da Educação Especial com a compreensão dos educadores para atender às características do educando com necessidades especiais e no preparar prontamente nas atividades escolares.

Quando utilizadas as Tecnologia Assistiva no ambiente escolar para desenvolver alguma atividade de pedagógica, percebe que, além de contribuir na assimilação de certos conteúdos referente ao assunto, a Tecnologia Assistiva como ferramenta pedagógica, também ajudar no desenvolvimento de outras competências do aluno. Além de estimulava a imaginação, criatividade, a paciência, e a coordenação motora fina, ainda ajudam no processo de integração

do grupo elevando a autoestima e proporcionando aprendizagem significativa. As várias possibilidades oferecidas pela Tecnologia Assistiva associadas aos jogos educativos atendem às necessidades educacionais especiais.

Comungando com o que afirma Davenport e Prusak (1998), os ativos do conhecimento intensificam-se com o uso. Assim, ideias geram novas ideias e o conhecimento que é compartilhado permanece. O potencial de novas ideias que surgem de novos conhecimentos apresenta potencial praticamente infinito. Porém, o simples fato da utilização da tecnologia em sala de aula não garante a aprendizagem significativa.

Mesmo tendo a convicção de que o uso destas ferramentas sejam muito importante ao êxito da educação, percebemos que estes instrumentos por si só não garantem o sucesso que se espera da escola. É importante que os educadores estejam preparados para usá-las, e que as compreendam no sentido de favorecer situações de aprendizagens. Tendo consciência que a adesão a um modelo de escola pautado na inovação pedagógica não depende da utilização da tecnologia, mas de realizações da prática de ensino em situações de aprendizagem bem sucedida.

“Refiro-me, ainda que a inovação envolve obrigatoriamente as práticas. Portanto, a inovação pedagógica não deve ser procurada nas reformas de ensino, ou nas alterações curriculares ou programáticas, ainda que ambas, reformas e alterações, possam facilitar, ou mesmo sugerir, mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas”.(FINO, 2008, p.2)

É importante informar que a função da Tecnologia Assistiva é a contribuição para melhorar e ampliar as habilidades dos alunos com deficiência, a fim de possibilitar a realização de atividades diárias dentro da escola de forma bem sucedida e elaborada, para auxiliá-los no processo ensino-aprendizagem. Assim como afirma Bersch (2006), a escola considera que a Tecnologia Assistiva vem buscar, com criatividade, uma alternativa para que o aluno realize o que deseja e o que precisa. Além disso, representa uma grande inovação na prática pedagógica, pois administra o conhecimento de forma interdisciplinar, envolve vários profissionais de diversas áreas, ao utilizar conceitos, modelos, métodos e técnicas, que compõem um crescente corpo de conhecimento.

Portanto, é importante destacar que o atendimento educacional especializado, não só utiliza recursos tecnológicos de última geração. Na maioria das vezes são utilizadas adaptações e adequações que são feitas com recursos de baixa tecnologia, que não irão diminuir a sua importância nem sua eficiência. Dessa maneira, esse processo é contínuo e contribui de forma qualitativa para a aprendizagem dos alunos.

6.2. Compreender em que medida a prática pedagógica desenvolvida na sala de recursos pode realizar os processos de autonomia e inclusão dos alunos, superando-se o estado de dependência que gerou a criação da própria sala de recurso;

Para responder esta questão direciona-se o olhar para procurar conhecer, analisar e compreender, as práticas pedagógicas realizada pela educadora na Sala de Recursos, o projeto de intervenção e o planejamento desenvolvido e articulado para atingir a aprendizagem dos alunos portados de deficiências e todo suporte técnico existente. Para este fim escolheu algumas atividades relatada no capítulo anterior, sobre a observação participante para o cumprimento desta análise.

Como pode-se observar nas palavras de Lapassade (2005) que o essencial da investigação etnográfica é a coleta de dados durante o convívio com os autores da pesquisa, estes dados podem fornecer inúmeras fontes, sendo fundamental a observação participante, pois este instrumento possibilita ao pesquisador um mergulho no campo de pesquisa para entender os fenômenos que acontece. Sendo assim, a construção do trabalho iniciou a partir da riqueza dos dados, das mudanças, das experiências vivenciadas, das transformações de saberes, resultando num relevante fazer etnográfico, onde foi possível entender o contexto a partir do seu interior e compreender os interesses e emoções no envolvimento dos atores no fazer diário das suas atividades.

Desta forma, esta pesquisa de investigação procurou obter elementos que caracterizam as práticas pedagógicas desenvolvidas pela educadora nos atendimentos da Sala de Recursos da Escola Samuel Galvão de Oliveira. Como pode-se ver nos registros abaixo. Os relatos das entrevistas de todos coincidiram, ao afirmar sobre os avanços significativos que os educandos alcançaram na construção da aprendizagem depois de frequentar a Sala de Recurso. Esse crescimento surge como fruto do projeto de articulação do próprio ambiente da SR e da dedicação e empenho da educadora em promover atividades que atraíam o interesse desta clientela, provocando no aluno uma maior autonomia. A educadora relata sobre a importância do trabalho do profissional atuante na Sala de Recurso como:

“Muito importante, sem ele o aluno fica desassistido praticamente total, por que ele não tem condição que o aluno dito normal tenha então necessita de um apoio, de um cuidado melhor, que a gente na sala de recurso tem como dar direcionar o que ele necessita para que ele possa melhorar na sala de aula”.
(Pró)

As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica vai de encontro com o que a educadora fala sobre o trabalho funcional da SR na Educação Especial é um “processo educacional escolar definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, completamente, suplementar e, alguns casos, substituir os avanços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação especial” (BRASIL, 2001, p.69). Assim está clientela assegura a permanência na escola, que se ajusta na forma de incluir estes alunos permitindo que eles se desenvolvam no ambiente escolar. Neste mesmo viés, Papert (1985), acredita ser importante para formação de um ambiente inovador, que o educador possa construir um “ambiente de aprendizagem” cognitivamente “nutritivo”, para que os educandos construam seu próprio conhecimento diariamente.

Durante as observações nos atendimentos a educadora usa Tecnologias Assistidas confeccionadas por ela em sua prática cotidiana, oferecendo assim, alternativas de realizar atividades escolares possibilitando o envolvimento dos mesmos. Ficou claro para a investigadora que a educadora conduzia seus alunos de forma descontraída e envolvente, pois a utilização de jogos educativos que demonstraram interesse, abrindo diferentes caminhos que levam a aprendizagem de forma diferente da sala de aula. Como confirma a palavra da educadora:

“Através de jogos, através de várias ferramentas que a gente utiliza dependendo da necessidade daquele aluno as vezes ele tem uma necessidade ele não consegue aprender o alfabeto a gente vai através dos jogos de material concreto ai ele vai conseguindo” (Pró).

Estes jogos promovem a interação entre alunos e professor colaborando de forma afetiva no processo de aprendizagem dos alunos portadores de necessidades especiais. Como Freire afirma (1996, p. 96).

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam por que acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incerteza. (FREIRE, 1996, p. 96).

Levando em conta a contribuição do trabalho da Sala de Recurso para o fortalecimento da inclusão, Galvão Filho(2009) afirma:

Com muita frequência, a disponibilização de recursos e adaptações bastante simples e artesanais, às vezes construídos por seus próprios professores, torna-se a diferença, para determinados alunos com deficiência, entre poder ou não estudar e aprender junto com seus colegas. (GALVÃO FILHO, 2009, p.207)

Os recursos da TA aliadas à propostas pedagógicas podem ofertar várias opções para este público-alvo que apresentam uma forma particular de aprender. Estes recursos “simples e artesanais” (GALVÃO FILHO, 2009), e que permitem fazer a diferença no processo de ensino e aprendizagem do aluno portador de deficiência.

Durante o período da investigação participante podemos observar o valor da afetividade, empatia, respeito e confiança entre a educadora e os educandos, que possibilitou a construção do processo de aprendizagem, a mudança de comportamentos, e o estímulo a que esse seja ativo no desenvolvimento de suas atividades. Diante do que vivenciamos com a observação participante, e do que foi exposto, percebe-se que este espaço de aprendizagem apresenta uma ambiente educacional acolhedor e diferencial, mais infelizmente as práticas pedagógicas não permitem o desenvolvimento da autonomia do aluno, mais contribui para inclusão desse aluno a sala regular e ambiente educacional, deixando mais ativo e com uma melhor autoestima.

6.3 Verificar se há ou não elementos de inovação pedagógica envolvendo a Tecnologia Assistiva;

No decorrer da observação participante e as entrevistas ficou claro a influência positiva do lúdico, usado como estratégia de intervenção, observou-se que na Sala de Recursos, a aprendizagem acontece de maneira leve, apenas com brincadeira, levando a motivação, e ao interesse destes alunos em desenvolver aptidões e competências cognitivas sobre a orientação da educadora. O papel da educadora consistia em orientar as ações dos alunos, oferecia-lhes um leque de experiências e práticas que muito serviu para ajudar no desenvolvimento do conhecimento dos educandos, desta maneira, possibilitava a interação, a confiança entre alunos e educadora

Todo o planejamento das atividades são elaboradas e desenvolvidas em consideração as experiências e a história de vida de cada um dos educandos. A educadora criou um ambiente de aprendizagem acolhedor e humanizado, para o melhor desenvolvimento das tarefas que no decorrer das aulas permite um espaços de interação com os alunos. A educadora observava as atividades desenvolvidas pelos alunos, intervindo com ações e exemplos práticos, buscando

sempre melhorar a compreensão e execução das mesmas atingindo assim, resultado positivo que era a motivação para a aquisição da aprendizagem. Buscando forma diferentes de trabalhar com aluno, usando principalmente o lúdico como pode-se comprovar no discurso abaixo da coordenadora.

“Contudo as dificuldades que esse aluno apresenta na sala de aula é conhecida pelo professor da Sala de Recurso, ele não vai trabalhar a mesma atividade que o professor deste aluno trabalha e nem vai trabalhar usando a mesma metodologia, porém seus recursos que são próprio da Sala de Recurso vai tentar sanar essa dificuldade que esse aluno apresenta no ensino regular através do uso de materiais concreto da ludicidade vai fazer com esse aluno chegue ao conhecimento desejado rompendo essa barreira apresentado”. (PDE. 1)

A fala do coordenador coincide com que o diretor diz, quando se referimos a escolarização.

“Contribui sim e muito, não só na questão da aprendizagem mas também na escolarização toda na questão social a gente percebe quando os professores na sala de recurso fazem algum trabalho diferenciado com os alunos ditos normais nesta questão de valorização, respeito as deficiências, a gente vê que tanto um como outro eles trabalham socialmente juntos, então a sala de recurso contribui sim muito com a escolarização dos nossos alunos”. (PDE. 2)

A partir da resposta da diretora, percebe-se que o ambiente investigado contribuem com uma escolarização de qualidade das crianças e adolescentes que apresentam déficits de aprendizagem ou algum tipo de deficiência como relata a mesma:

“Com certeza, nós já podemos colher frutos de crianças que não apresentavam é um aproveitamento bom na sala de aula e depois que passou pela sala de recurso esse aluno avançou e conseguiu galgar seus degraus dentro da escola mudar de série, passar de ano e hoje são vencedores dentro da sociedade que da muito gosto de ver trabalhando incluídos no mercado de trabalho nós temos muitos casos de adolescentes que saíram da escola e são vencedores na vida..”(PDE. 1)

Dialogando com o coordenador ele acredita que a sala de recurso deste ambiente escolar vem desenvolvendo um trabalho pedagógico onde os objetivos adquiridos por lei estão sendo cumpridos.

“Se não todos objetivos, mas pelo menos a maior parte deles sim, estão sendo alcançados a gente ver que os alunos atendidos pela sala de recurso eles tem um desenvolvimento melhor na sala regular isso é notório por que as

professoras do ensino regular elas sempre estão comentando os alunos que fazem parte sala de recurso e aqueles que tem alguma necessidade e por algum motivo não são atendidos a diferença entre um e outro, os que fazem parte, e os que não fazem parte da sala de recurso. Então isso a gente percebe que aqueles que são atendidos sim tem um desenvolvimento melhor”.(PDE. 2)

O direcionamento traçado pela professora foi guiado pelas necessidades cognitivas dos alunos, principalmente, no que se refere a aquisição da leitura e escrita e dos que não consegue acompanhar à aquisição das habilidades acadêmicas, pois, a maioria destes alunos se encontravam no processo de alfabetização. A educadora sempre que podia, ia mais além, procurando caminhos que levassem seus alunos a ter confiança e se sentirem capazes de aprender e de certa forma ter independência em suas vidas acadêmicas.

Para que a transformações ocorram é necessário esquecer as práticas antigas que não serve mais. E isso é descrito por Fino (2008, p. 1), “mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais”. Pois as velhas práticas pedagógicas tradicionais, não permitem ver o educando como sujeito ativo e participativo; apenas valorizam o professor como o detentor e único protagonista do processo, valorizando demasiadamente, as práticas de ensino, esquecendo, o que é primordial: a aprendizagem.

[...] Um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com as pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte da aquisições do desenvolvimento da criança. (VYGOTSKY, 1999, p. 117-118)

Durante o período de observação participante constatou-se atividades diferenciadas desenvolvida pela educadora em suas ações e atividade diárias, existia um fazer diferenciado, isso por que analisou-se que o aluno apresenta mais ativo no decorrer da excursão das atividades da Sala de Recurso.

Os educandos da Sala de Recurso se sentem bem em frequentar este ambiente, pois a educadora oferecia um espaço pedagógico ético, acolhedor, saudável, humano e harmonioso; não se percebe o preconceito e a vergonha de estar neste ambiente, gostam dos jogos, das pinturas, e de mexer e brincar no computador, pois sabem que estas atividades os faz avançar nos conteúdos ensinados na sala regular. Todos verbalizam que gostam da educadora, pois ela explica bem e eles aprendem, e que as atividades realizadas na Sala de Recursos de forma

prazerosa fazem com que os alunos, além de, gostarem de realizar a proposta trazidas pela educadora, são conscientes que os ajudam a avançar no desenvolvimento da aprendizagem. Contudo, não existe um rompimento com as práticas pedagógica antigas, para exista inovação Pedagógica segundo Fino precisa ter uma:

[...] ruptura de natureza cultural, se tivermos como fundo as culturas tradicionais. E abertura para a emergência de culturas novas, provavelmente estranhas aos olhares conformados com a tradição. Para olhares assim, viciados pelas rotinas escolares tradicionais, é evidente que resulta complicado definir inovação pedagógica, e tornar a definição consensual. No entanto, o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por saltos premeditados e absolutamente assumidos em direção ao, muitas vezes inesperados. Aliás, se a inovação não fosse heterodoxa, não era inovação (FINO, 2008, p. 2).

No decorrer das observações constatou-se que a relação estabelecida professor-aluno é prazerosa e divertida, sendo proporcionada pela afetividade presente entre a esses, o que promove ocasionalmente uma mudança das normas estabelecidas no desenvolvimento de aprendizagem na sala regular, o que promove, e faz com que o educando aflore uma melhor auto estima e seja mais ativo no desenvolvimento de suas habilidades, no entanto não existe uma ruptura de paradigma como Fino (2007) afirma que para ocorra:

[...] inovação pedagógica como ruptura de natureza cultural, se tivermos como fundo as culturas escolares tradicionais. E a abertura para emergência de culturas novas, provavelmente estranhas aos olhares conformados com a tradição. [...] no entanto, o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por saltos premeditados e absolutamente assumidos em direção muitas vezes inesperadas. (FINO, 2007, p. 278).

Logo assim, a inovação surge de experiências pedagógicas que possibilitam que o educando avance como indivíduo ativo no processo de construção do seu próprio conhecimento, capaz de desenvolver sua capacidade com o direcionamento de um professor ou um par mais experiente que o conduza, e não como um simples expectador deste processo. Contudo, compreender que quebrar paradigmas não é uma trabalho fácil, mas incentivado pela necessidade de oferecer um caminho de aprendizagem que sejam mais oportuno à realidade dos alunos que encontra-se nas salas de aula, é conveniente entender e recriar técnicas simples que levam ao sucesso.

Depois de passar vários momentos observando as práticas pedagógicas na Sala de Recurso, podemos analisar e constatar que o lúdico durante a infância e até mesmo na adolescência é algo fundamental para o desenvolvimento de habilidades, e de grande importância para a construção da aprendizagem. Tendo consciência teoricamente da

importância do lúdico a educadora traz a brincadeira para dentro da sala de atendimento pois, reconhece que é essencial na vida das crianças. Agindo assim, a professora da Sala de Recurso permite que os alunos se entreguem a brincadeira, pois é nestas atividades lúdicas que as crianças se envolvem com mais facilidade, revelando métodos simples e essenciais, muitas vezes desprezados, e assim aprendem brincando. A aquisição de competências e habilidades também acontece através dessas interações, e é desta forma que o conhecimento acontece. Assim como Vygotsky (2007, p. 117), confirma dizendo que: “Na brincadeira a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além do seu comportamento diário; no brinqueado, é como se ela fosse maior do que ela é na realidade”.

Assim os alunos vencem os obstáculos e aprendem com prazer, envolvidos com a magia do brincar, pintar e criar. Podemos ver na conduta da educadora uma preocupação em estimular os educandos a dialogar, discutir e refletir. Assim como afirma Papert (1985), que cabe ao educador preparar um “ambiente de aprendizagem nutritivo” para que os alunos tenham condições de construir seu próprio conhecimento. Desta forma, o professor cria um ambiente prazeroso, significativo onde o mesmo facilite e permitindo o despertar da aprendizagem nos alunos.

Ao analisar as práticas pedagógicas deste ambiente escolar encontrou-se um ambiente humanizado, onde os alunos portadores de alguma deficiência física ou neurológica se tornam participante na aquisição de conhecimento, desenvolvendo a auto confiança através dos jogos e do ambiente educativo que estimula e desenvolve as funções psicológicas relacionadas a capacidade de convívio social, concentração, de atenção, percepção, e memória.

Ainda, através dos estudos realizados na Escola Samuel Galvão de Oliveira, do município de Campo Formoso – BA, no decorrer da investigação procurou visualizar a prática pedagógicas desenvolvida na sala de atendimento especializado. No contexto da Inovação Pedagógica, não aponta elementos de inovação pedagógica no desenvolvimento dos alunos da Sala de Recursos desta instituição de ensino, que apresentam crianças e adolescentes portadores de deficiência, pois apesar da educadora desenvolver um trabalho diferenciado e cheio de afeto como pode se comprovar tantos nas observações quanto nos relatos deste capítulos anteriores. Esse entendimento surgiu devido vários estudos e análise das práticas pedagógicas que eram operacionalizadas e que foram vivenciadas na instituição escolar, em que a professora encontra-se não se coloca na posição de mediadora no processo de construção do conhecimento, a qual elabora pequenas intervenções que possibilita o convívio, a comunicação e a proatividade dos educandos, o que faz surgir um ambiente de cooperação e colaboração entre alunos e educadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática pedagógica desenvolvida na sala de recursos que envolvem a Tecnologia Assistiva revela a existência de uma concepção inovadora que possibilita aos alunos e a escola como um todo um alcance do seu principal objetivo maior que é a superação da dependência e da exclusão que acompanha os referidos alunos?

Ao longo desta investigação de cunho etnográfico procurou entender, analisar as práticas pedagógicas da Escola Samuel Galvão de Oliveira, desenvolvidas na sala de Recursos, procurou averiguar se estes atendimentos propicia uma aprendizagem construcionista com focos direto na Inovação Pedagógica, com crianças e adolescente portadores de deficiência física, dificuldade de aprendizagem, transtorna de comportamento.

Contudo, procurou responder à questão norteadora, utilizando a etnografia como método de investigação, pois assim relata “como forma de estudar as práticas pedagógicas para decidir se serão inovadoras” conforme afirma Fino (2008b, p. 3). Quando pretendeu-se analisar a forma de ensinar da educadora e ver se existiam práticas pedagógicas inovadoras ou continuava a desempenhar um trabalhos ligados a velhos paradigmas fabris, ou se havia indícios de ações inovadoras, buscou observar minuciosamente às práticas pedagógicas aplicadas pela educadora analisando se seriam suficiente para criar um ambiente de aprendizagem harmonioso e acolhedor no cotidiano das crianças que frequentam esta unidade escolar.

Entretanto, pois percebe-se a necessidade de ter no tempo de hoje um novo modelo educacional, que desestruture alguns paradigma de origem tradicional e instrucionista (fabril) presentes ainda em algumas escolas. Considerando que a sociedade atual, espera uma educação que proporcione ambientes ricos de aprendizagem que transformem os métodos da escola fabril, muito presente nos dias atuais, para possibilitar aos aprendizes o desenvolvimento do seu conhecimento e a evolução de suas habilidades, para que possam refletir e idealizar o seu futuro, de maneira criativa, autônoma e serem capazes de construir sua própria história de vida.

O atendimento era realizado na Sala de Recursos tinha ares de um ambiente agradável, harmonioso, acolhedor, saudável, humanizado, ético, que propiciou a construção do conhecimento e o envolvimento social entre alunos com necessidades especiais e educador, valorizando o desenvolvimento dos jogos e atividades socioeducativas. As atividades realizadas neste ambiente educativo permitiam o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e sociointeracional e a consolidação da convivência social. No decorrer destas atividades constatou que a professora sempre estava estimulando o processo de desenvolvimento e

permitindo que os educando se envolvessem com as atividades propostas, contribuindo para a interação social e comunicação dos alunos, e nesta atmosfera surgia um clima de colaboração e cooperação entre os atores desta pesquisa.

As práticas pedagógicas realizadas pela educadora correspondem a vários métodos planejados e construídos por ela, com a finalidade de atingir seus objetivos que é de ensinar, além de, proporcionar contribuição necessária no processo de inclusão destes aprendizes. Observa-se que a todo momento a professora buscava forma de lidar com as dificuldades dos alunos no decorrer de cada situações de aprendizagem e de ensino, presenciou o manusear das ferramentas que contribuam para que este aluno conseguisse desenvolver e entender que é capaz de aprender e assim, permanecer na escola.

As informações encontradas nesta pesquisa percebem-se que vai de encontro a que ensina o Construcionismo de Papert, pois o aluno precisa construir seu próprio conhecimento, é importante ressaltar que os alunos adquirir um saber num curto espaço de tempo, pois são respeitado em sua forma de pensar, e são tratadas como se deve realmente tratar uma criança, e assim aprendem a aprender. O fato de permitir e reconhecer a proatividade e ao mesmo tempo a cooperação entre os aprendizes, também podem ser entendidas dentro do ponto de vista da dialética.

Percebe-se durante a estadia em campo o envolvimento da família com a Sala de Recursos, uma parceria concreta que permitia uma troca de experiências e conhecimentos entre eles, possibilitando introduzir as intervenções contribuindo para atingir o bom resultado no desenvolvimento do educando na sala de aula comum. A maioria dos pais estavam constantemente em contato com a professora, sempre envolvidos nas programações e se dispoem para o que a educadora precisasse.

Presenciou-se a educadora sempre procurando interagir criando situações de comunicações entre o educando e educador e essa intimidade cultivada por ela tem um papel de extrema importância no processo de aprendizagem. Os sentimentos de afetividade que existia entre educador/aprendiz tem um papel de grande importância no desenvolvimento do trabalho pedagógico feito na Sala de Recursos.

Durante as observações participantes percebe-se no executar diário das atividades diversificadas, que havia momento de muito envolvimento prazeroso com as atividades lúdicas desenvolvidas pela educadora, e muitas vezes, estas crianças conseguiam assimilar os assuntos trabalhados. Era visível a fisionomia de contentamento dos aprendizes quando conseguiam e passavam a entender as brincadeiras trabalhadas na sala, interagem com a educadora, criavam juntas situações de convívio, trabalhando com jogos, produzindo textos, trabalhos artísticos,

atividades no computador. Estas atividades eram feitas sob à supervisão da professora e havia discussão, negociação pois, através da cooperação encontrava a melhor forma de responder as situações problemas. A educadora apresentava uma postura de respeito, influenciando de certa forma a conduta de seus dos alunos, sempre meiga e carinhosa nunca apresentou um comportamento de autoritarismo, mas como uma pessoa que estava ali naquela sala, para ajudar a contribuir na aprendizagem deles.

Constata-se que as atividades e o material usado no atendimento pela professora correspondem comas particularidade de cada aluno aprendiz, com foco em desenvolver suas competência, a maioria dos atendimentos eram individuais. Desta forma, fica claro a importância do lúdico e do brincar durante o ensino dos conteúdos, verificou que, se por um lado, a proposta curricular trabalhada em sala de aula comum é só uma para todos os alunos, na Sala de Recurso, é indispensável que os métodos pedagógicos sejam diversificados, de acordo com os interesses, habilidades e dificuldade de cada aluno. Desta forma, se torna possível a atuação concreta, em igualdade de oportunidades para o pleno desenvolvimento de todos os educandos.

É importante perceber que não existe Inovação Pedagógica, pois essa promove intencionalmente mudanças, que acontece dentro do ambiente escolar, com objetivo de transformar significativamente a relação entre os sujeitos envolvidos. Estas mudanças acontecem de maneira significativa nas práticas Pedagógicas, produzindo uma aprendizagem com formação holística do educando aprendiz, tornando esta aprendizagem longe das velhas práticas pedagógicas tradicionais, considerando que o aluno não tinha autonomia na construção de conhecimento, tudo que era trabalhado na sala de recursos estava ligado com o que era necessário na sala regular, e a professora leva tudo pronto e trabalhava sozinha com o aluno de forma “clínica”, mais diferenciada.

Realizar esta pesquisa foi algo satisfatório e enriquecedor, tanto pelo lado de realização profissional alcançado, como ter vivenciado esta experiência pessoal e gratificante, pois foi um prazer compreender como acontecem as práticas pedagógicas na Sala de Recursos. Poder socializar as conclusões deste trabalho e contribuir para reflexão e análise sobre o contexto da aprendizagem que encontra-se inseridos, e assim pode-se abrir caminhos e fortalecer o trabalho realizado no seio da Sala de Recurso da Escola Samuel Galvão de Oliveira. A investigação qualitativa, assim como todo processo de análise e compreensão da cultura estudada, foi realizada à luz da etnografia, observando, vivendo e interpretando as práticas pedagógicas envolvidas no seio escolar da referida instituição.

Sugere-se que a equipe pedagógica da secretaria de educação, tenha um olhar cuidadoso com o trabalho desenvolvido nas Salas de Recursos do Município, e busque meios de montar um centro de atendimento multifuncional com profissionais que poderão ajudar grandemente o trabalho desenvolvido nas Salas de Recursos, pois há caso de famílias e alunos que necessitam ter este tipo de acompanhamento com psicólogos, fisioterapeuta, assistentes sociais, pois estes profissionais podem ajudar trabalhando os conflitos institucionais, inseguranças por parte da família, e ajudá-los na integração com a comunidade escolar. Desta forma alcançará uma educação de qualidade.

Neste contexto, dirige-se ainda ao departamento pedagógico da Secretaria de Educação deste Município, mais precisamente a coordenação geral da educação especial, que no momento da escolha de um profissional designada para trabalhar na Sala de Recurso, com a função de professor mediador, que analise a formação acadêmica na área de inclusão do mesmo para o bom desenvolvimento deste trabalho educativo tão importante na vida destes alunos.

Sugiro a educadora que acredite no trabalho desenvolvido em coletividade, pois a colaboração entre pares faz com que a aprendizagem aconteça de maneira significativa e real do eu o trabalho individualizado, despertando a vivacidades na construção do seu próprio conhecimento.

Ao término de todo este trabalho científico e análise dos dados coletados, chegou à conclusão que as atividades desenvolvidas na Sala de Recurso da Escola Samuel Galvão de Oliveira, junto com os aprendizes desta instituição, são capazes de provocar mudanças pedagógicas na vida dos aprendizes portadores de necessidades especiais e assim surge aprendizagem. Não foi encontrado elementos da inovação nas práticas pedagógicas desenvolvidas na Sala de Recursos, pois para exista Inovação Pedagógica seria necessário uma ruptura com as práticas pedagógicas tradicionais, que os aprendizes precisam trabalhar entre seus pares e tenha autonomia na construção de conhecimento, além do educador precisa refletir sobre sua própria pratica com olhar crítico. Contudo o desafio continua em refletir, discutir, desconstruir a ideia da educação que estamos reproduzindo para conduzir e romper com os vícios paradigmáticos na educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.
- ARNAL, L. S. P.; MORI, N. N. R. **Educação Escolar Inclusiva: A prática Pedagógica nas Salas de Recursos**. In: CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 4., 2007, Londrina. Anais... Londrina: UEL, 2007
- BARKLEY, Elizabeth F.; MAJOS, Claire Howell; CROSS, Patricia K. **Collaborative learning techniques: a handbook for college faculty**. 2. ed. San Francisco/CA: Jossed-Bass. 2014.
- BERSCH, R. **Introdução à Tecnologia Assistiva**. Porto Alegre: CEDI 2005. Disponível em: www.assistiva.com.br/tassistiva.educacao_especial.html 09/06/2015. Acesso: 04/10/2016.
- BIANCHETTI, L. **Aspectos Historicos da Revista Brasileira de Educação Especial**, Piracicaba, v.II, n.3, p.7-19, 1995.
- BOGDAN, R. & BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, Ltda., 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 31 ed. São Paulo: Brasiliense. 1997. (Coleção Primeiros Passos; 20).
- BRASIL. Decreto nº 3.298/99, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a **Política Nacional para Integração para Pessoas Portadoras de Deficiência**, consolida as normas de proteção, e dá outra privacidade. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm>. Acesso em 09/06/2015.
- _____. **Portaria n. 142 de 16 de novembro de 2006**. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH/PR). Disponível em: <<http://www.galvaofilho.net/portaria142.htm>> Acesso em 09/06/2015.
- _____. **Edital n 01 de 26 de abril de 2007**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/2007_salas.pdf> Acesso em 09/06/2015.
- BRUNO, Marilda Moraes Garcia. **Educação infantil: Saberes e práticas da inclusão: introdução**. 4. ed. . – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.
- CANDAU, V. M. (Org.). **Reinventar a Escola**, Petrópolis, RJ. Vozes: 2000.
- CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva**. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CIDADE, R. E. A.; FREITAS, P. S. **Noções sobre educação física e esporte para pessoas portadoras de deficiência: uma abordagem para professores de 1º e 2º graus**. Uberlândia: Gráfica Breda, 1997.

COLAÇO, V. de F. R. **Processos interacionais e a construção de conhecimento e subjetividade de crianças. Psicologia: Reflexão e Crítica.** Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 333-340, 2004.

DAMIANI, M. F. *Entendendo o trabalho colaborativo...Educar.* Curitiba: Editora UFPR, n. 31, p. 213-230, 2008.

DAMIS, Olga Teixeira. Docência: uma intencionalidade social? Conhecimento local e conhecimento universal: práticas sociais: aulas, saberes e políticas, Curitiba, v.04, p.141- 154, 2004.

DAMON, W., & Phelps, E. (1989). **Critical distinctions among three approaches to peer education.** International Journal of Educational , Research13 (I), 9-

DAVENPORT, T. H; PRUSAK, L. **Conhecimento empresarial:** como as organizações gerenciam o seu capital intelectual. 3º ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

DIAZ, A.L.A. *Historia de las deficiência.* Madrid: Escuela Libre Editorial, 1995.

FERREIRA, A. C. **Metacognição e desenvolvimento profissional de professores de Matemática: uma experiência de trabalho colaborativo.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FERREIRA, N. S. C. Poderemos trabalhar juntos na sociedade mundializada? Desafios para os educadores. *In:* PORTO, T. M. E. **Redes em construção: meios de comunicação e práticas educativas.** Araraquara: JM, 2003.

FINO, Carlos. N. **O Futuro da escola do Passado.** In: Sousa M.; FINO C. N.et al. (orgs.). **A escola sob Suspeita.** Porto: ASA, 2007.

_____. **A Etnografia enquanto um método:** um modo de entender as culturas (escolares) locais. In. ESCALLIER, Christine; VERRÍSSIMO, Nelson (org.). **Educação e Cultura.** Funchal: DEC - Universidade da Madeira (2008).

_____. **Inovação Pedagógica: Significado e Campo** (de investigação). In. Alice Mendonça & Antonio V. de Bento (Org.). **Educação em tempo de mudança.** (p. 277-287). Funchal; Grafimadeira. 2008.

_____. Oficina B – **Inovação e Supervisão:** Significado e campo (de investigação). In: III Colóquio DCE UMA; Inovação Pedagógica; 2008.

_____. **Inovação Pedagógica, Etnografia, Distânciação.** In Fino, C. N. (2011). **Etnografia da Educação** (PP 99-118). Funchal: Universidade da Madeira - CIE - UMA.

_____. **Teses e dissertações em inovação pedagógica:** um checklist (V.1). Funchal: Grafimadeira, 2014.

FREITAS, M. T. de A. **Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível.** *In:* BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido.** Campinas: Editora Unicamp,1997.

GALVÃO FILHO, T. A. **Tecnologia Assistiva para uma Escola Inclusiva: apropriação, demandas e perspectivas.** Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009b.

Gil, A. (1991). **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas.

LAPASSADE, G. **As Microsociologias.** Brasília: Liber livros Editora, 2005.

LIMA, Priscila Augusta, 1957. **Educação inclusiva e igualdade social.** São Paulo: Avercampo, 2006.

MACEDO - **Etnopesquisa Crítica etnopesquisa-formação.** Brasília, DF: Líber Livro Editora, 2006.

MACEDO, Roberto Sidnei. GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um Rigor Outro Sobre a Qualidade na Pesquisa Qualitativa.** Salvador: EDUFBA, 2009.

_____. **Etnopesquisa Crítica, Etnopesquisa - Formação.** Brasília: Líber Livros Editora, 2010.

MANTOAN. MARIA TERESA EGLÉR **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** / Maria Teresa Eglér Mantoan. — São Paulo: Moderna, 2003. — (Coleção cotidiano escolar)

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006. [Links]

_____. **O direito de ser, sendo diferente, na escola.** Revista CEJ, Brasília, n.26,p. 3644, 2004. Disponível em:<<http://www.cjf.jus.br/ojs2/index.php/revcej/article/view/622>>. Acesso em: 13 jan. 2017. [Links]

MANTOAN, M. T. Et AL. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar.** A escola comum inclusiva. Brasília: Ministério da Educação, v.1, 2010.

_____. **Acessibilidade em ambientes educacionais: para além das guidelines.** In. Ver. O-line da Bibl. Prof. Joel Martins: São Paulo, 2001.

MANZINI, E.J. **Tecnologia Assistiva para a educação: recursos pedagógicos adaptados.** In: Ensaio pedagógicos: construindo escolas inclusivas Brasília: SEEESP/MEC, p. 82-86, 2005.

MARTINS, S. T. F. **Educação científica e atividade grupal na perspectiva Sócio-histórica. Ciência & Educação,** Bauru, v. 8, n. 2, p. 227-235, 2002.

MELLO, M. A. F. **A Tecnologia Assistiva no Brasil. Fórum de Tecnologia Assistiva e inclusão social de pessoas deficientes.** Universidade Estadual do Pará, 2006.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Para a Educação do Futuro.** Lisboa: Instituto Piaget, 2010.

MOYSÉS, L. **Aplicações de Vygotsky à educação matemática.** Campinas: Papyrus, 1997.

OLIVEIRA, F. M. das G. S. **As salas de recursos como apoio pedagógico especializado à educação escolar do deficiente mental**. Dissertação apresentada a. Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Curso de Mestrado MS, 2006.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças**: Repensando a escola na era da informática; trad. Sandra costa. Porto Alegre: Artemed, 2008.

PAPERT, S. **An exploration in the space of mathematics educations**. Int'l Journal of Computers for Mathematical Learning 1, 1 (1996), 95–123; <http://www.papert.org/articles/AnExplorationintheSpaceofMathematicsEducations>

PIAGET, Jean. **Problemas de psicologia genética**. Trad. Célia E. A. di Piero. Rio de Janeiro, Forence, 1973. Capitulo 2.

PIAGET, Jean. **Aprendizagem e conhecimento por Jean Piaget e Pierre Gréco**. Trad. Equipe de Livrarias Freitas Bastos. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1973.

SÁNCHEZ, Pilar Arnaiz. **A educação inclusiva: um meio de construir escolas para todos os no século XXI**. BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. Inclusão: Revista da Educação Especial. Ano I. nº 01. Outubro/2005. Brasília: MEC/SEESP.

SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos. **Inclusão escolar**: desafios e perspectivas. In: MANTOAN, M. T. E (org.). O desafio das diferenças nas escolas. Petrópolis: Vozes, 2008.

SASSAKI, R.K. **Por que o termo “Tecnologia Assistiva”?** Disponível em <http://www.assistiva.com.br/> Acesso em 6/06/2015.

SOUSA, J.M. Educação: **Textos de Interação**, Ed. O Liberal S.L. 2004.

SOUSA, J. M.; FINO, C. N. **Inovação e incorporação de novos saberes**: o desenho curricular de um mestrado em Inovação Pedagógica. In: CONGRESSO DA SPCE, 8., 2007. “Cenários da educação/formação: Novos espaços, culturas e saberes”. Castelo Branco. Anais [...]. Castelo Branco: SPCE, 2007.

TAVARES, ROMERO (2004a) **Aprendizagem Significativa**. Revista Conceitos N55 Página10.

TOFFLER, Alvin. **O Choque do Futuro**. Rio de Janeiro, Editora Artenova S.A, 1972.

_____. **A Terceira Onda**. Lisboa: Edição livros do Brasil, 1973. VYGOTSKY, L. V. **A formação Social da Mente**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. V. **A formação Social da Mente**. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VIGOTSKY, Lev. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo:Ícone, 1988.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WELLER, Wivian e PFAFF, Nicolle (org.). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação**, Petrópolis: Vozes, 2010.

WERTSCH, J. (1985). **Vygotsky and the social formation of mind**. Cambridge (USA): Harvard University Press.

ZABALA, M. A. **Os dez aspectos - chave de uma educação infantil de qualidade**. In: qualidade em educação infantil. Porto Alegre: Artemed. 1998, p. 49 - 61.

APÊNDICES

Apêndice A



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome do Voluntário: Odelina Dezidério Barbosa

Introdução

A senhora está sendo convidada a participar da pesquisa Tecnologia Assistiva e Inovação Pedagógica: Perspectiva de Aprendizagem na Sala de Recursos da Escola Samuel Galvão de Oliveira de responsabilidade da professora pesquisadora Odelina Dezidério Barbosa. Sendo importante que leia estas informações sobre a pesquisa e seu papel como participante.

Objetivo da pesquisa

Investigar elementos de inovação pedagógica nos processos de aprendizagem com o uso de Tecnologia Assistiva, na Sala de Recursos com crianças educacionais especiais da Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira, no município de Campo Formoso, Estado da Bahia.

Procedimentos

Recorremos como instrumentos para coleta de dados á técnica da observação participante, da entrevista não-estruturada, da análise de documentos, bem como fotografias e gravações em áudio e todos os registros no diário de campo para a coleta de dados.

Após o processo de transcrição das entrevistas, da observação participante, da análise de documentos e dos registros no diário de campo, das fotografias e das gravações em áudio, a senhora receberá uma cópia para conferência do texto e possíveis correções. Em seguida, haverá a autorização da publicação da pesquisa com sua identidade revelada na dissertação e noutros possíveis formatos anteriores e/ou posteriores da pesquisa em questão (exemplos: artigos, capítulos de livros, livros, comunicações orais ou em congresso etc.).

Declaração de Consentimento

Li as informações contidas neste documento e antes de assinar este termo e confirmo que recebi uma cópia deste formulário de consentimento.

Dei meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar como voluntária deste estudo.

Campo Formoso, 21 de março de 2016


Assinatura da voluntária

Professora: Márcia Regane Almeida da Silva

DADOS DA PESQUISA

Título: Tecnologia Assistiva e Inovação Pedagógica: Perspectiva de Aprendizagem na Sala de Recursos da Escola Samuel Galvão de Oliveira.

Orientadores: Paulo Brazão e Paulo César Marques de Andrade Santos

Pesquisador Orientando: Odelina Dezidério Barbosa

E-mail: odelina10@hotmail.com

Local: Faculdade de Ciências Sociais, Departamento de Ciências da Educação, Mestrado em Ciências da Educação – Inovação Pedagógica, Universidade da Madeira, Funchal, Portugal.

Período: 2016 a 2021.

APÊNDICE B



Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira
 CNPJ. 01.976.451/0001-21 INEP: 29050693
 Av. Joana de Araújo Regis, s/n – Bairro: Esplanada
 CEP 44 790-000 – Campo Formoso – BA
 E-MAIL: SAMGALVAO2013@HOTMAIL.COM



TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Ana Cássia dos Santos, abaixo assinado, responsável pela Escola Samuel Galvão de Oliveira, autorizo a realização do estudo do projeto de pesquisa com o título "Tecnologia Assistiva e Inovação Pedagógica: Perspectiva de Aprendizagem na Sala de Recursos da Escola Samuel Galvão de Oliveira", a ser conduzido pela pesquisadora Odelina Dezidério Barbosa Pereira. Aluna da Faculdade de Ciências Sociais, Departamento de Ciências da Educação, Mestrado em Ciências da Educação – Inovação Pedagógica, Universidade da Madeira, Funchal- Portugal. Fui informado pela responsável do estudo sobre as características e objetivo da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

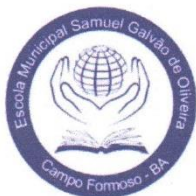
Campo Formos -BA, 21 de março de 2016.

Ana Cássia dos Santos

Assinatura do responsável institucional

CNPJ: 01.976.451/0001-21
 ESCOLA MUNICIPAL
 SAMUEL GALVÃO DE OLIVEIRA
 Rua Joana de Araújo Regis, s/nº
 Bairro Esplanada - Campo Formoso - BA

APÊNDICE C



Escola Municipal Samuel Galvão de Oliveira
 CNPJ. 01.976.451/0001-21 INEP: 29050693
 Av. Joana de Araújo Regis, s/n – Bairro: Esplanada
 CEP 44 790-000 – Campo Formoso – BA
 E-MAIL: SAMGALVAO2013@HOTMAIL.COM



DECLARAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE PESQUISA

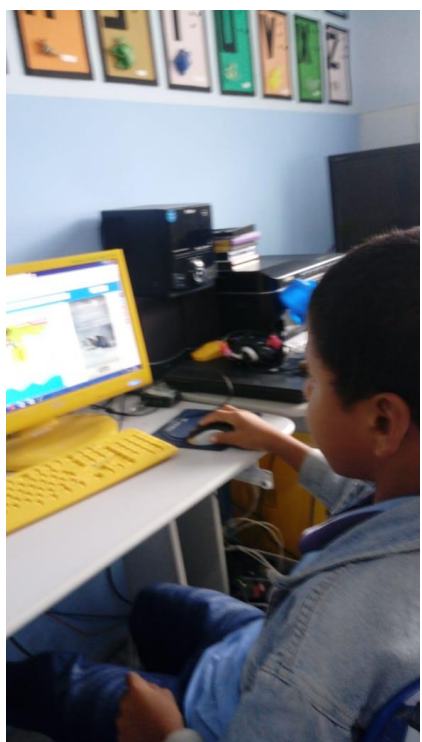
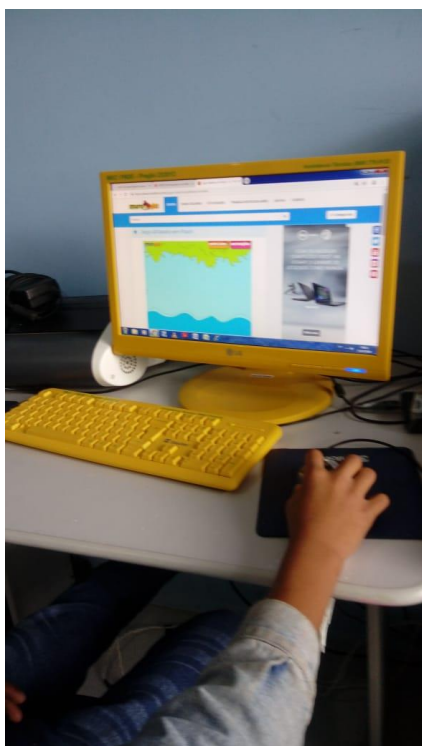
DECLARAÇÃO

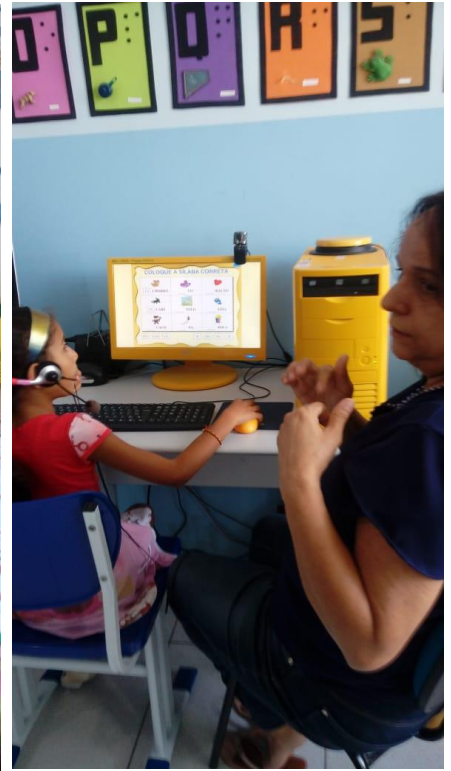
Declaro para os devidos fins de direito que Odelina Dezidério Barbosa, portadora do RG: 05033501-41 e CPF: 472597015-87, brasileira, casada, residente e domiciliada em Campo Formoso- BA, na rua Meireles, bairro Centro, nº 38, encontra-se desenvolvendo o Projeto de Pesquisa sob o tema: "Tecnologia Assistiva e Inovação Pedagógica: Perspectiva de Aprendizagem na Sala de Recursos da Escola Samuel Galvão de Oliveira", pelo que lhe permito acesso à sala de Recurso da Escola Samuel Galvão de Oliveira, turno: matutino e vespertino, bem como às demais dependências deste Estabelecimento de Ensino, no âmbito do desenvolvimento do referido Projeto de Pesquisa.

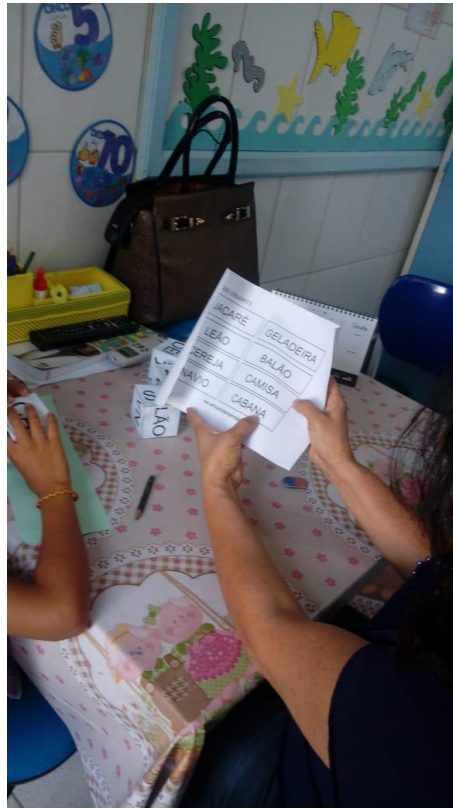
Campo Formoso, 21 de março de 2016

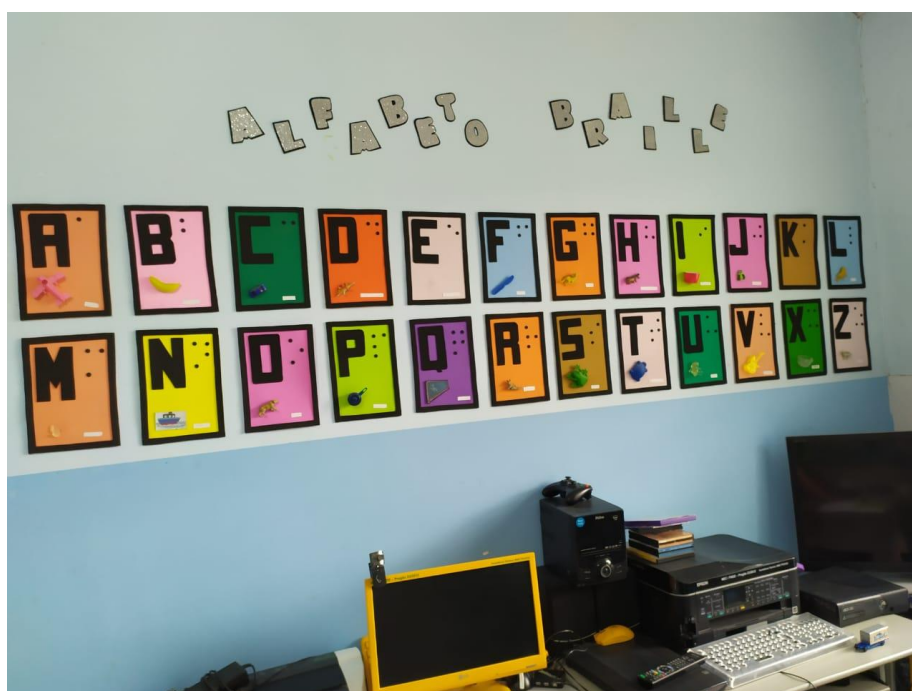
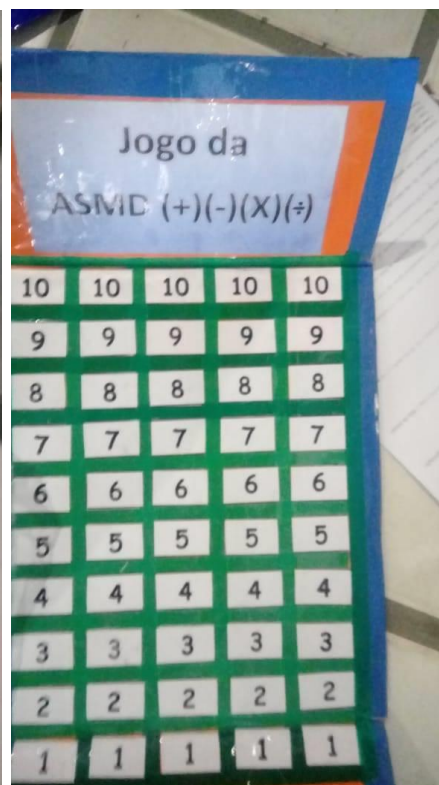
Ana Raíssa dos Santos

CNPJ: 01.976.451/0001-21
 ESCOLA MUNICIPAL
 SAMUEL GALVÃO DE OLIVEIRA
 Rua Joana de Araújo Regis, s/nº
 Bairro Esplanada - Campo Formoso - BA

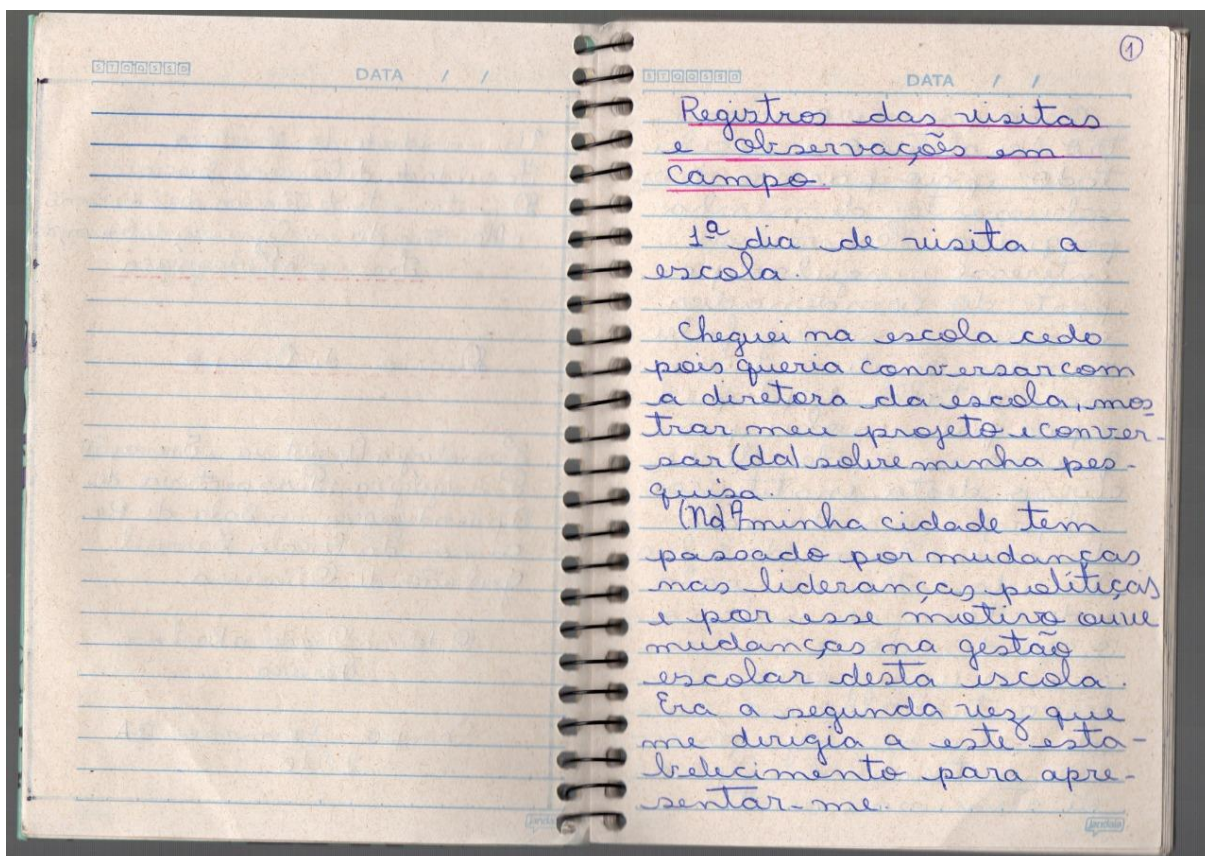
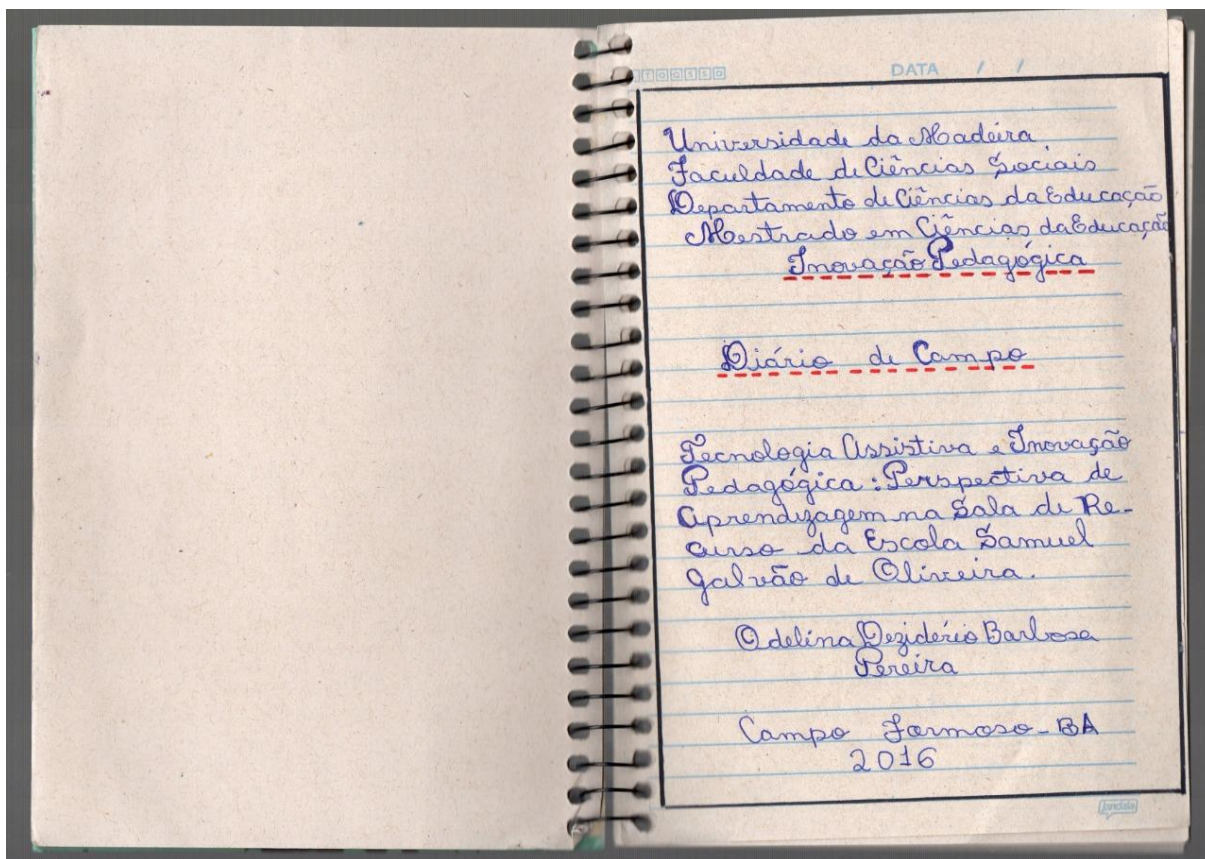
APÊNDICE D - FOTOS DE ALGUNS MOMENTOS DA OBSERVAÇÃO EM CAMPO

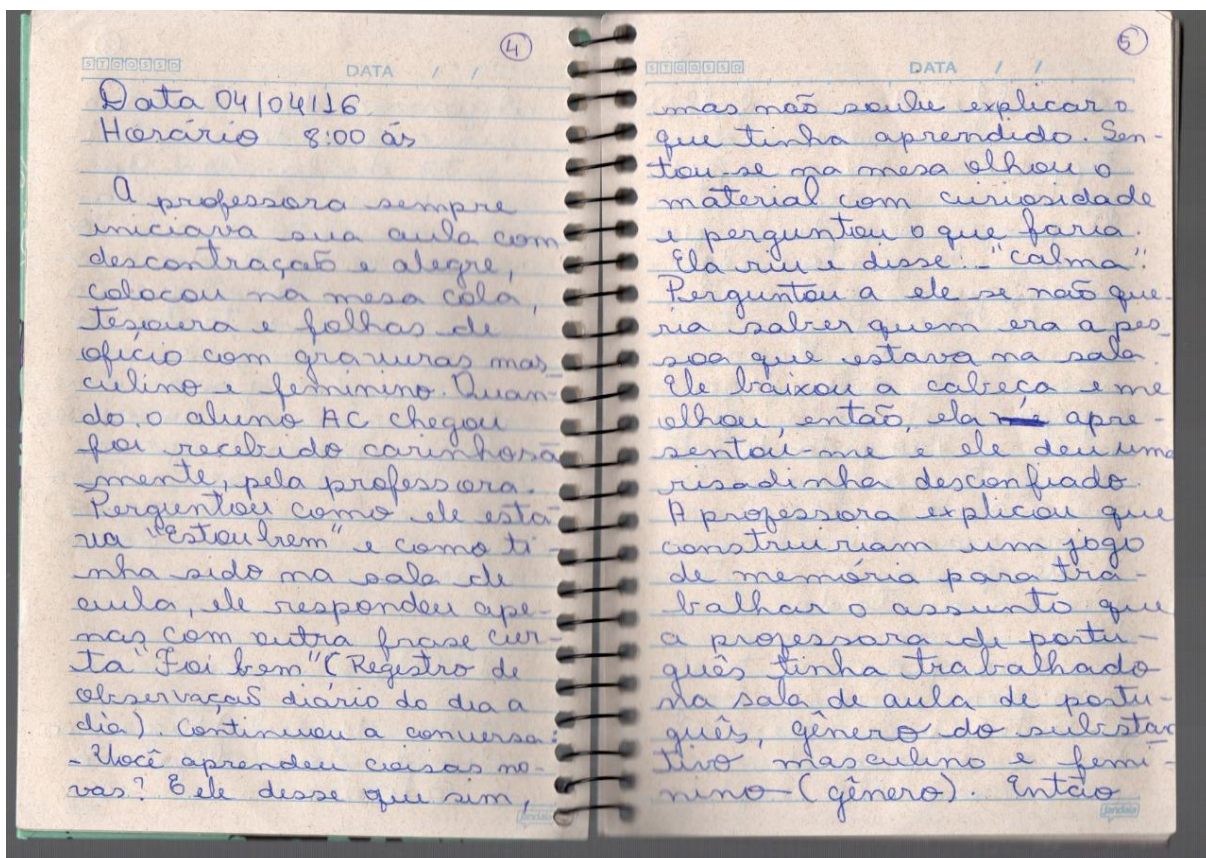
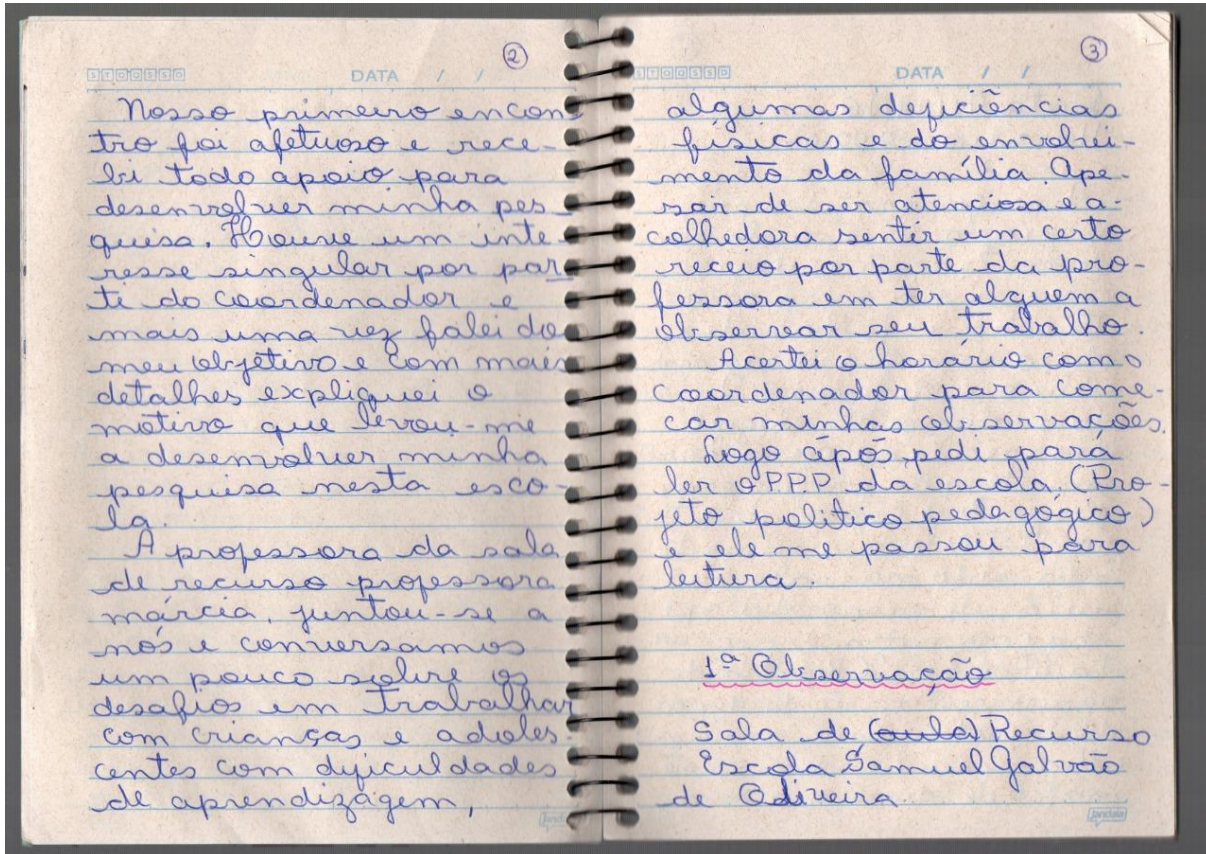


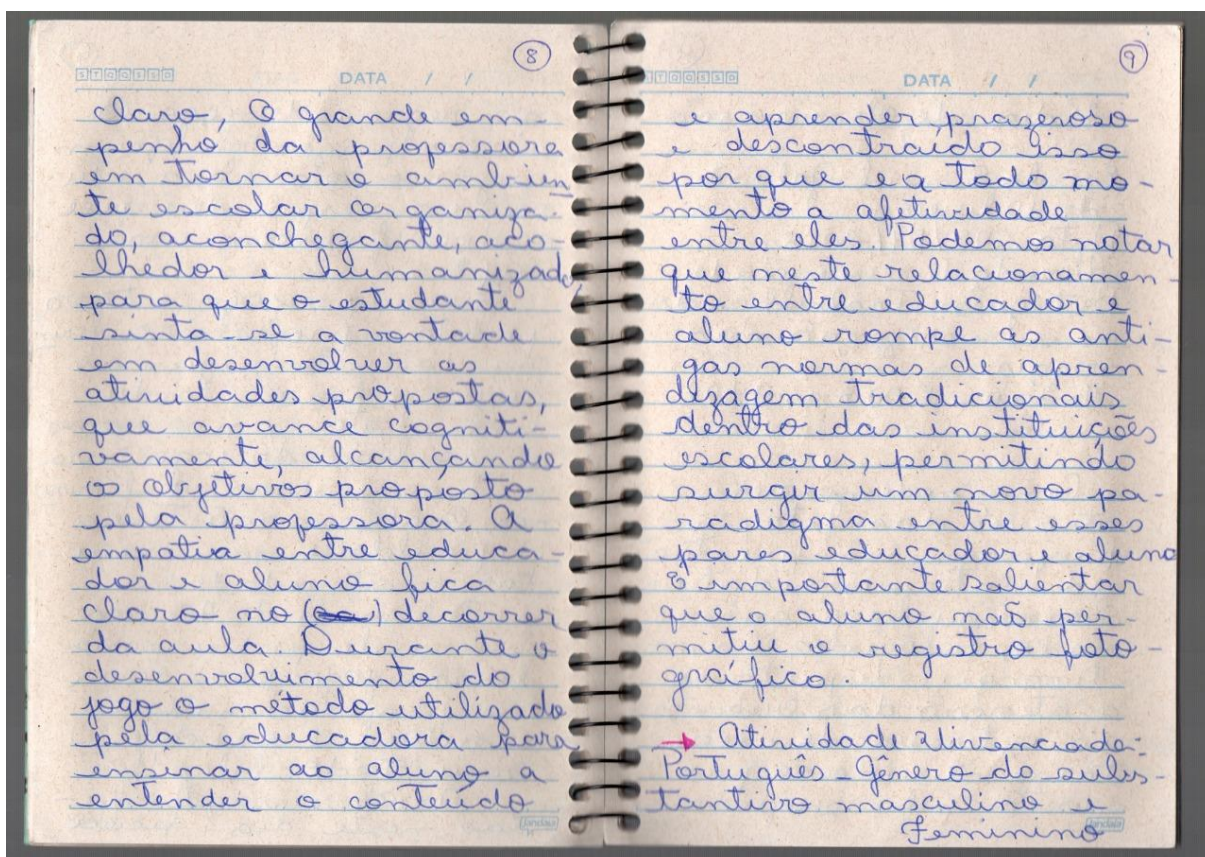
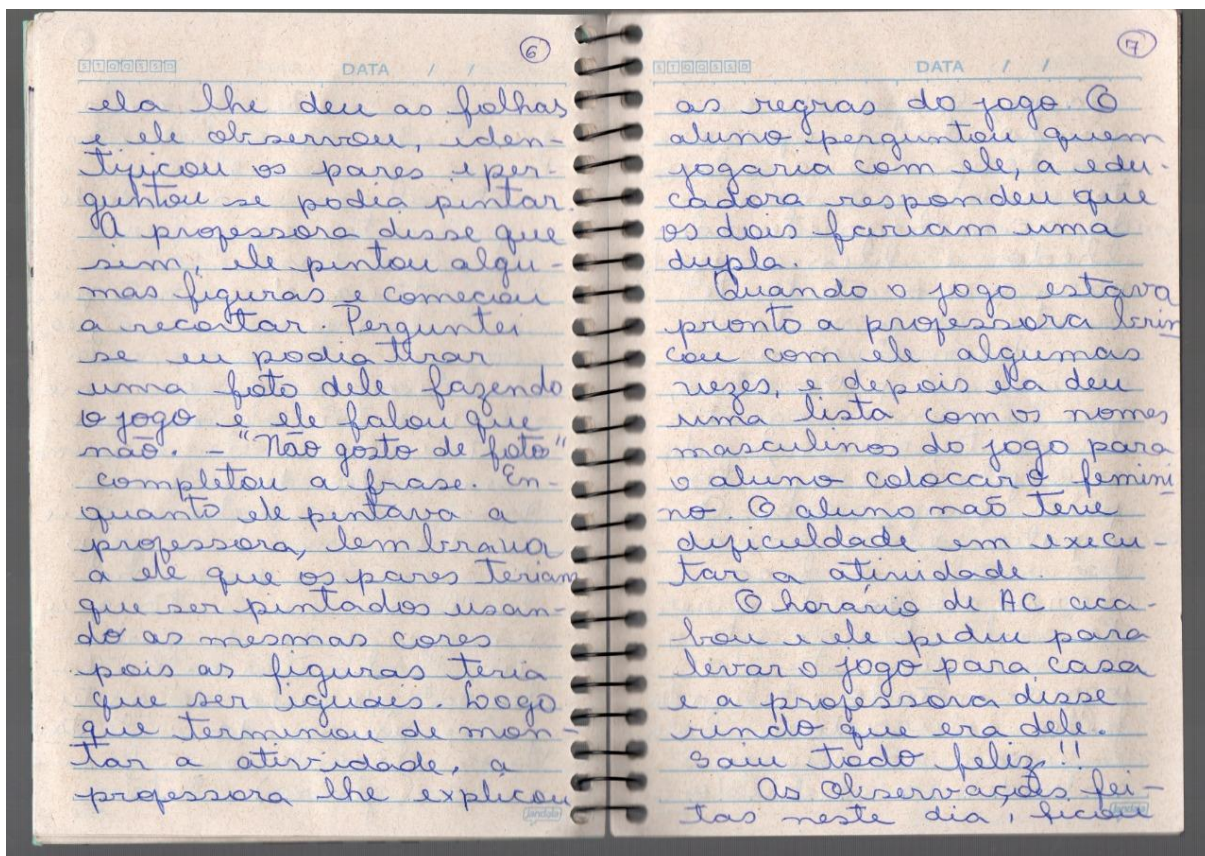


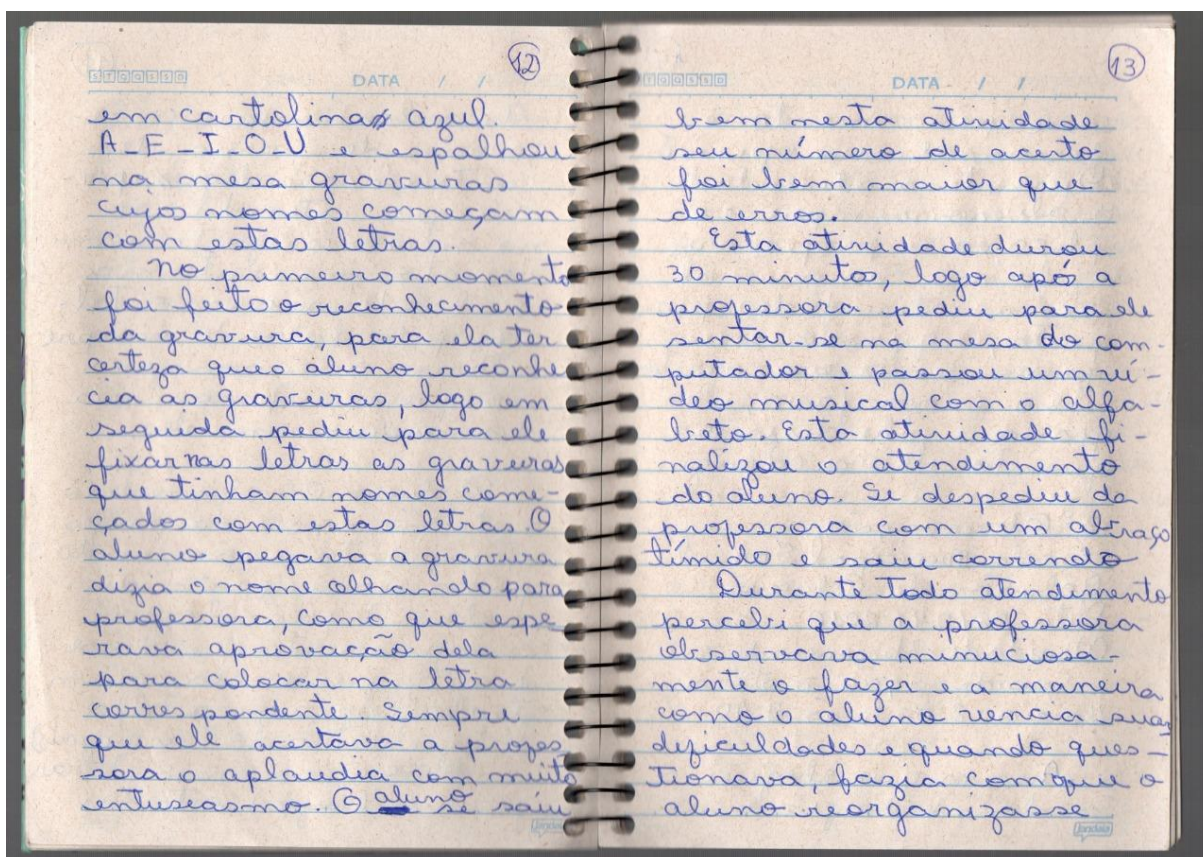
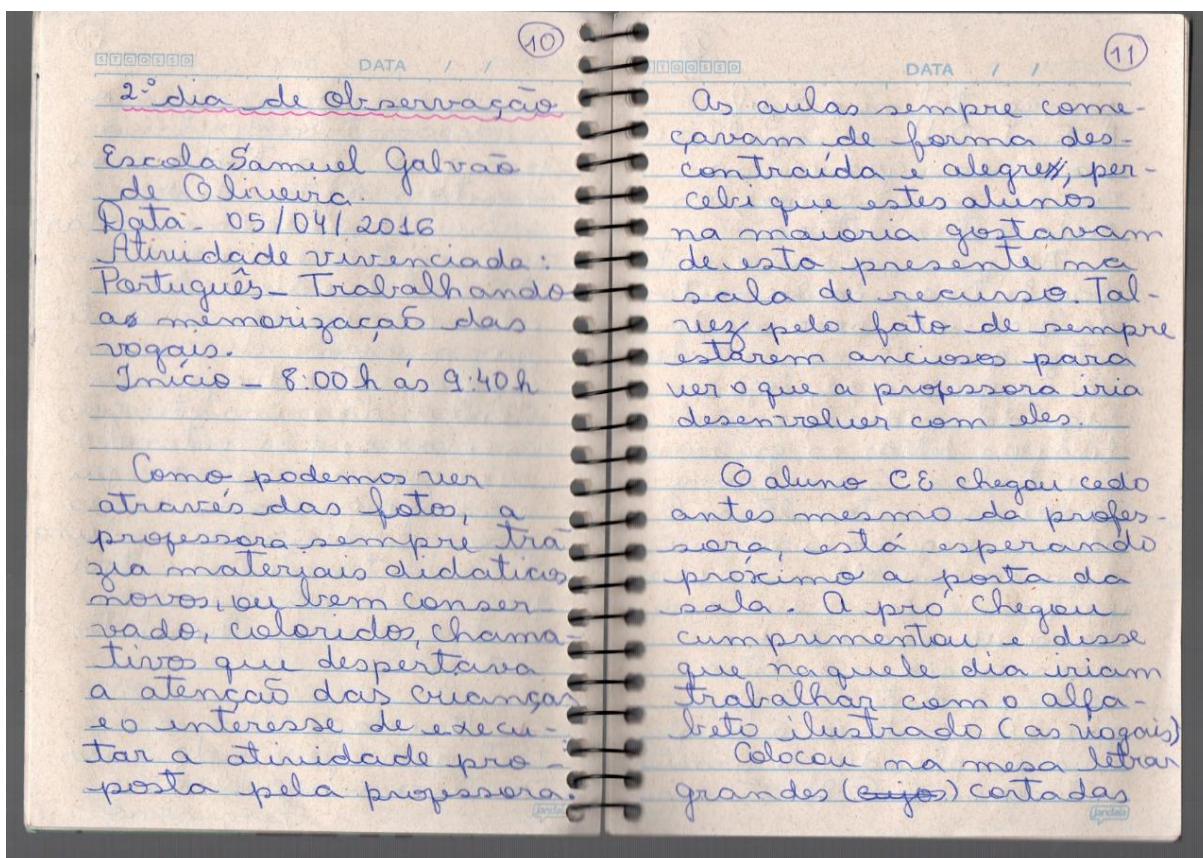


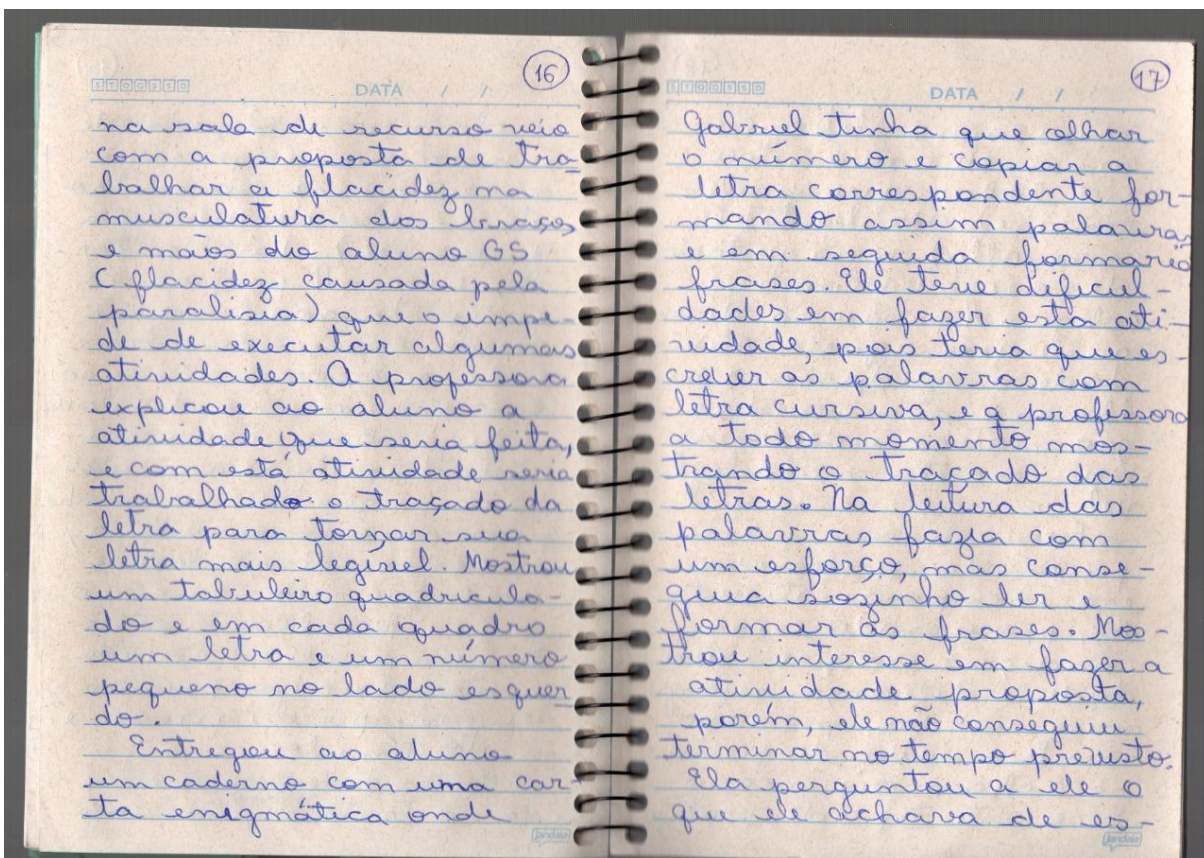
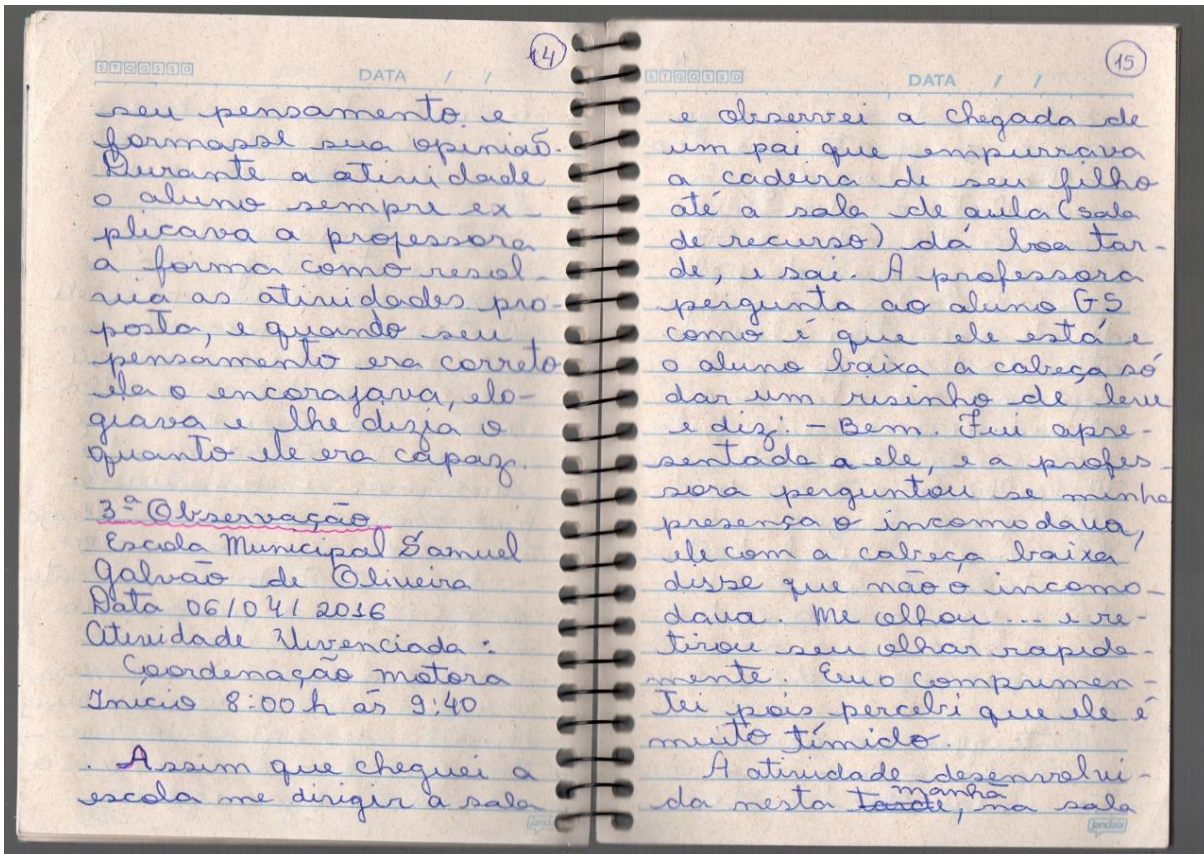
APÊNDICE D – DIÁRIO DE CAMPO

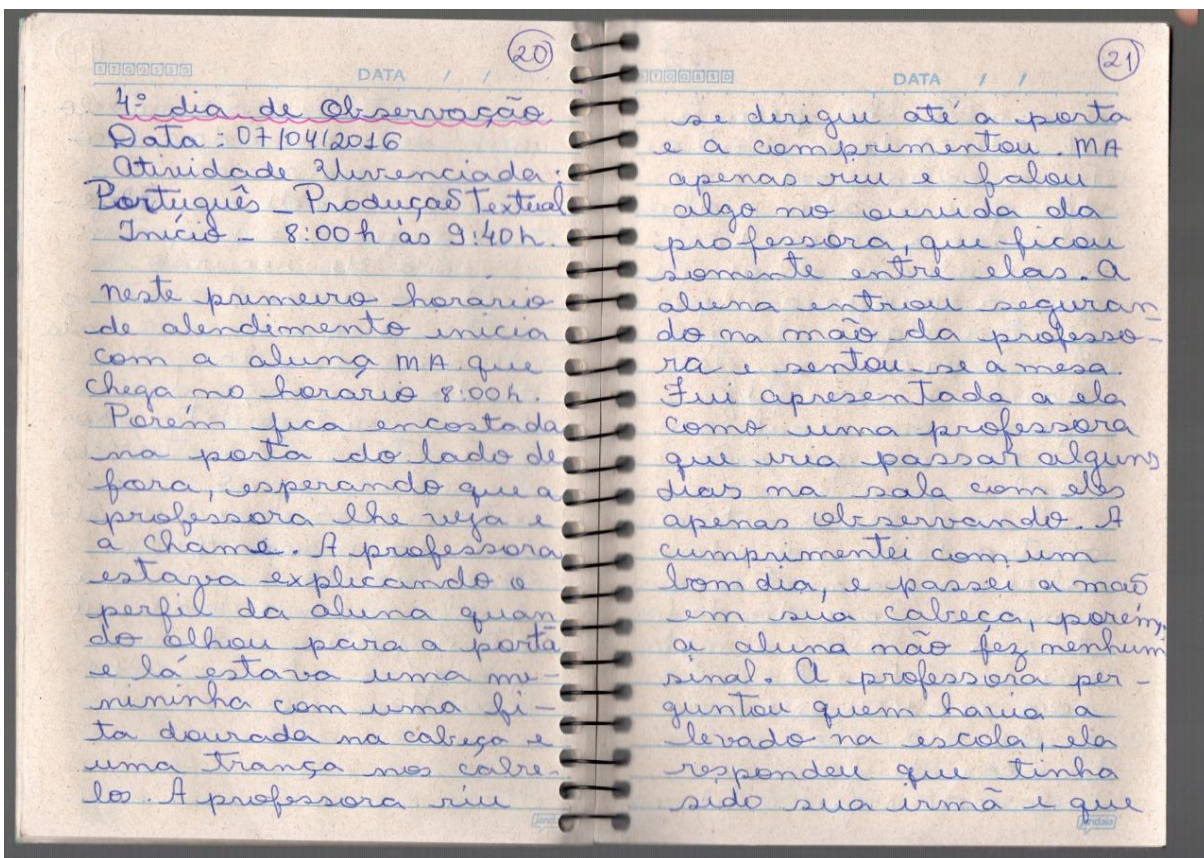
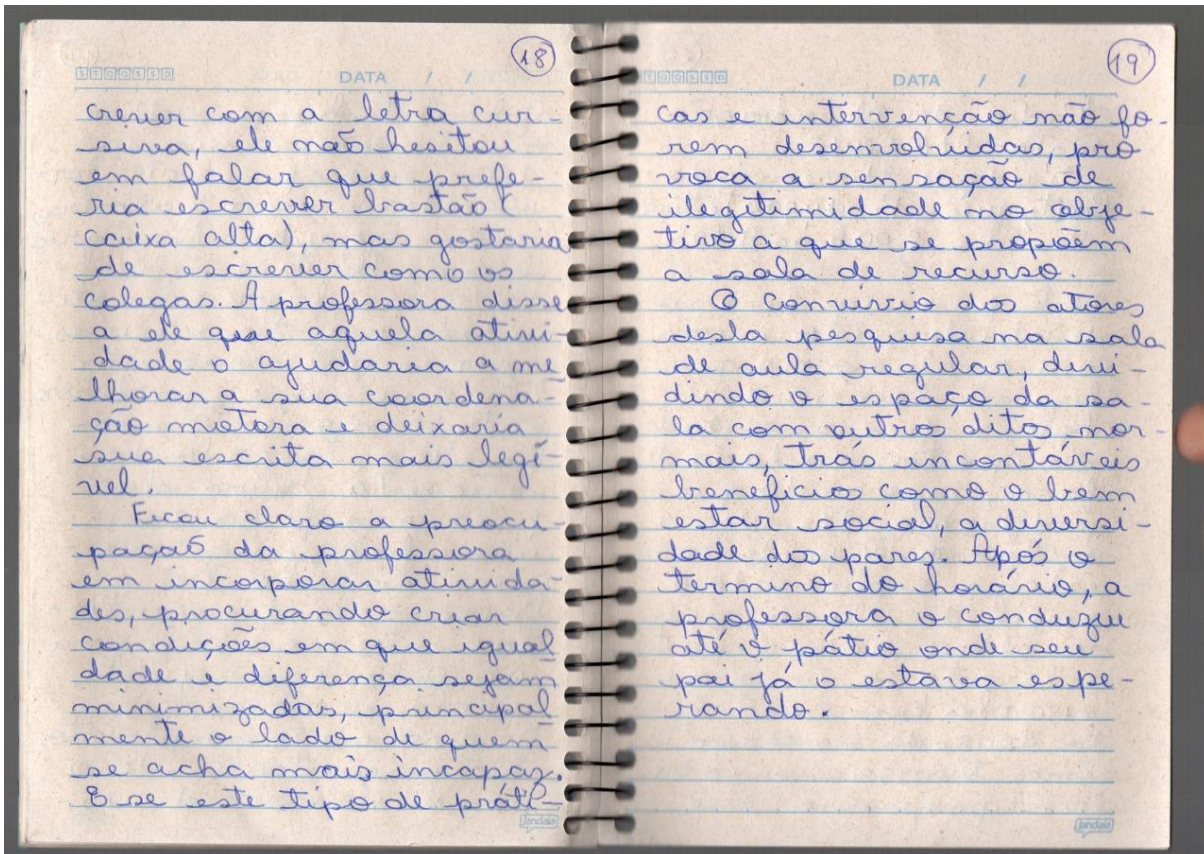


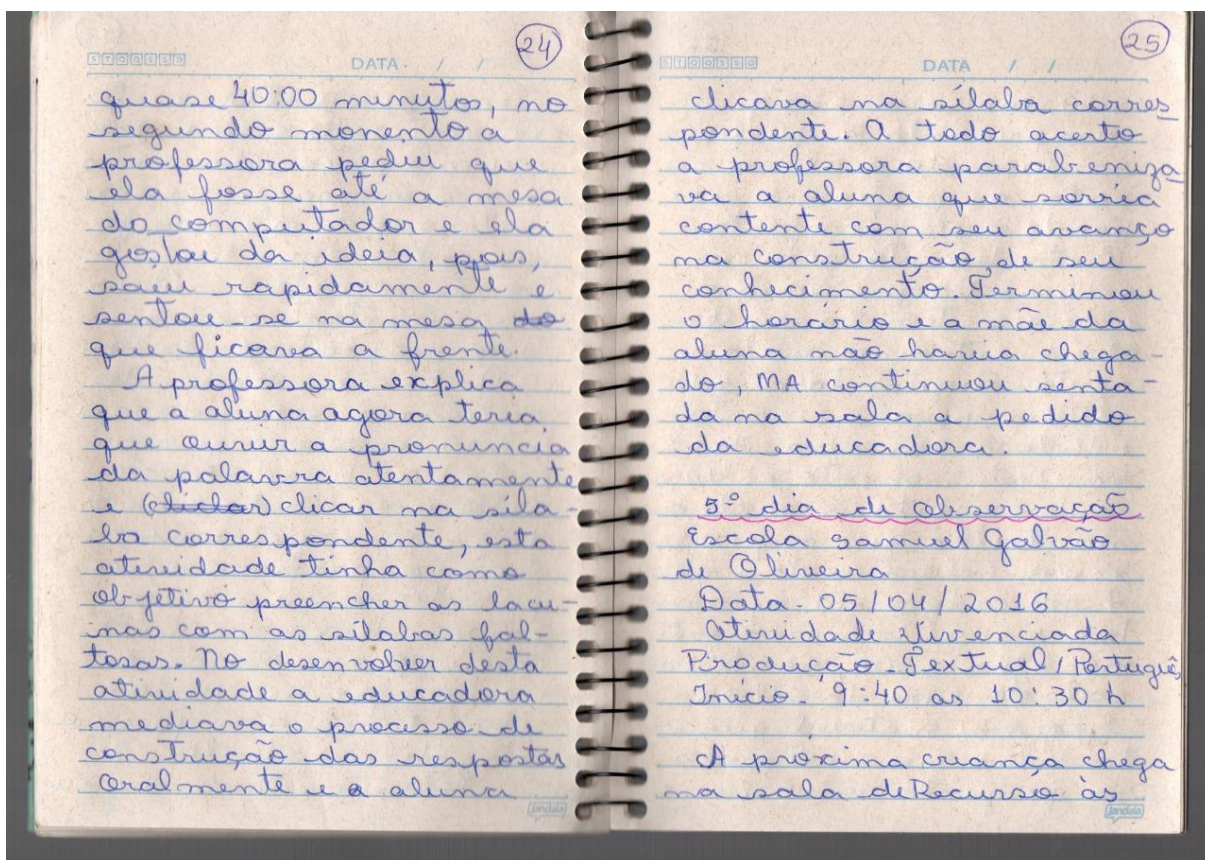
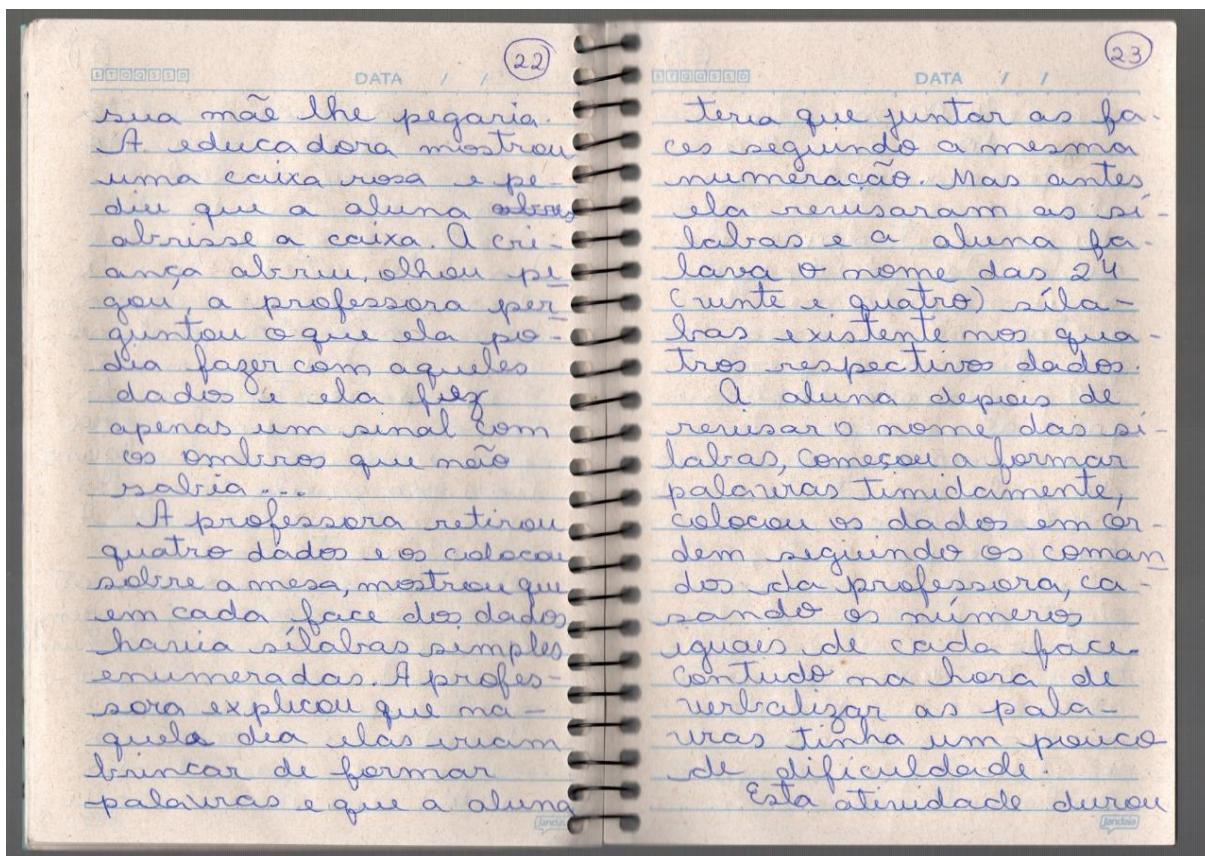


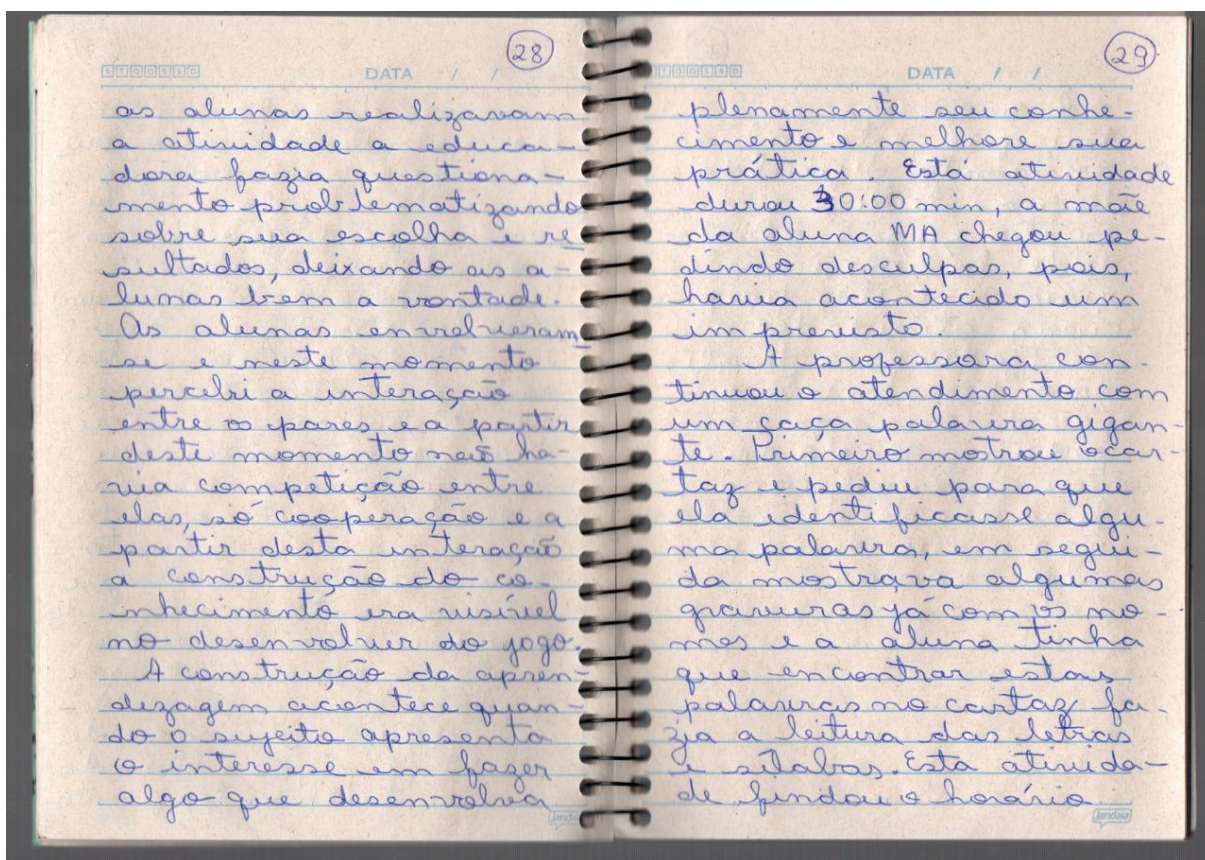
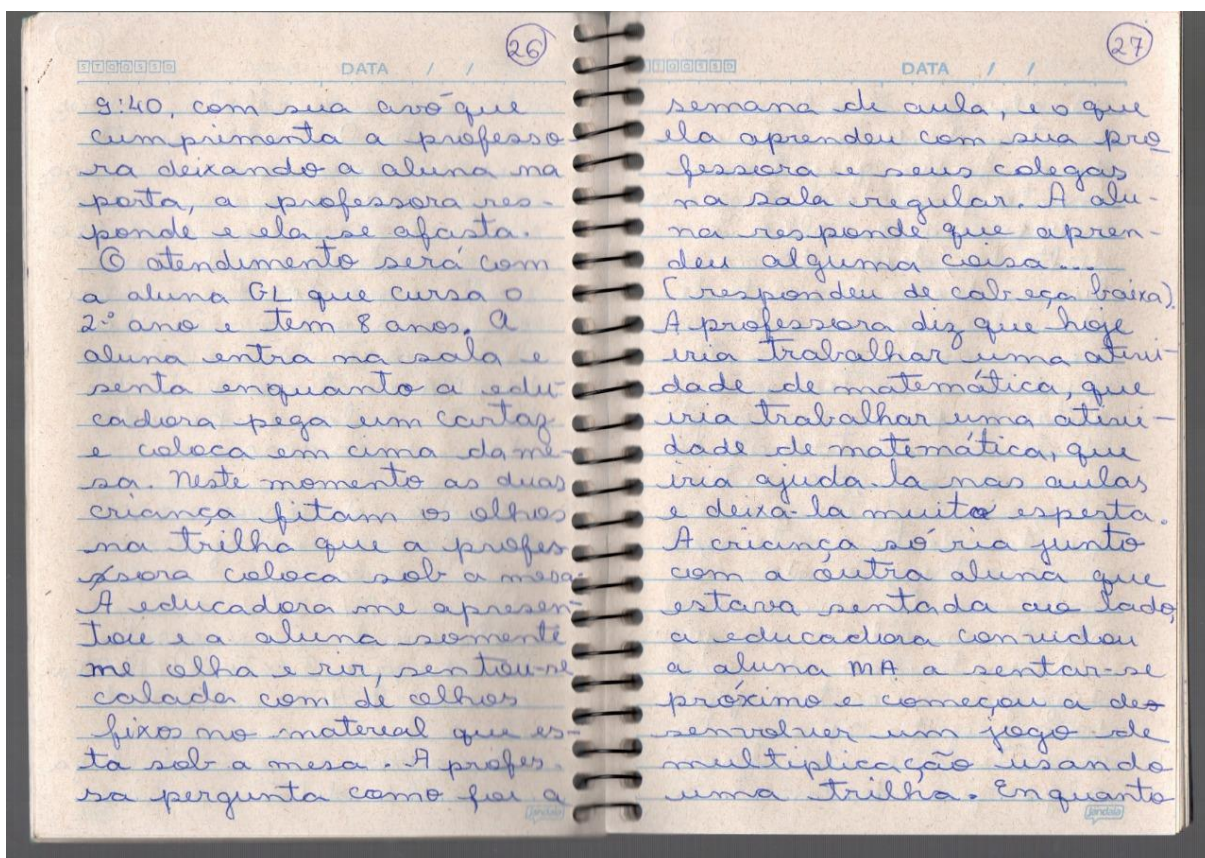


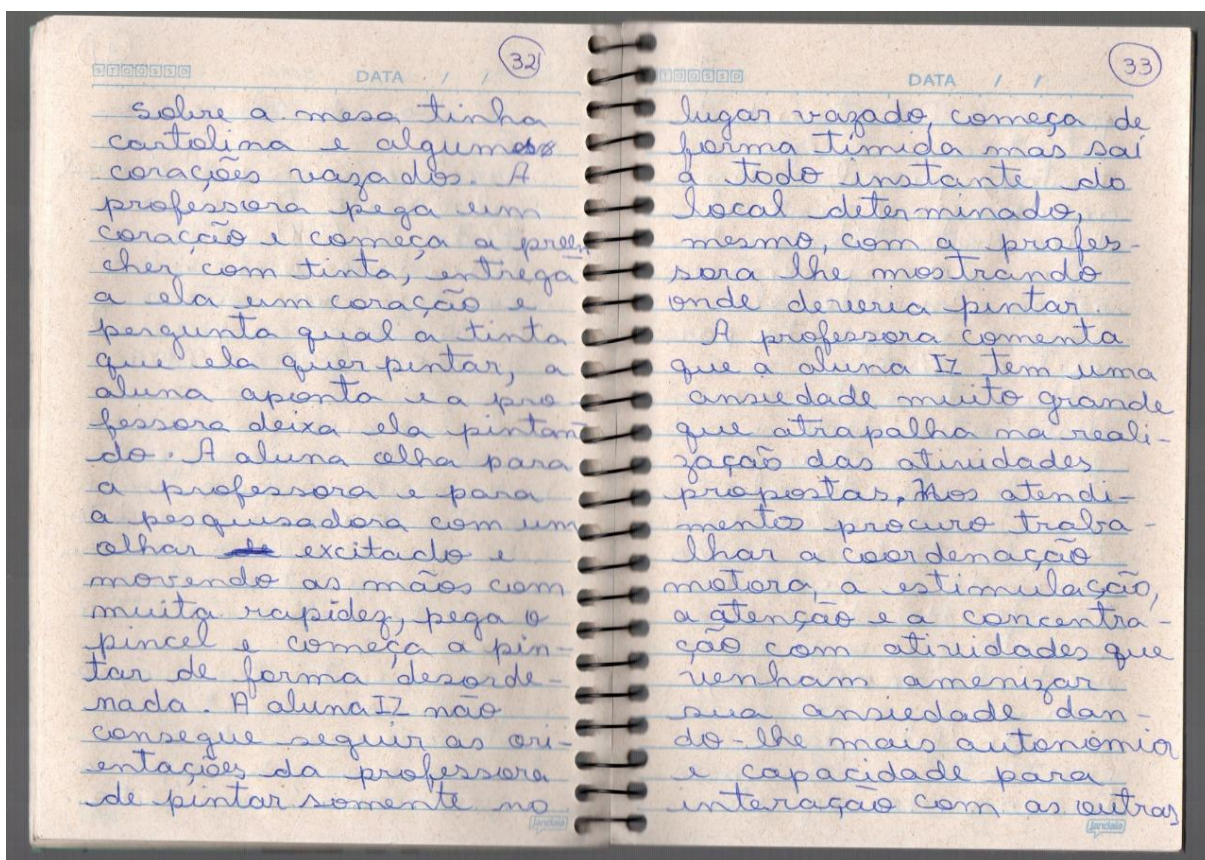
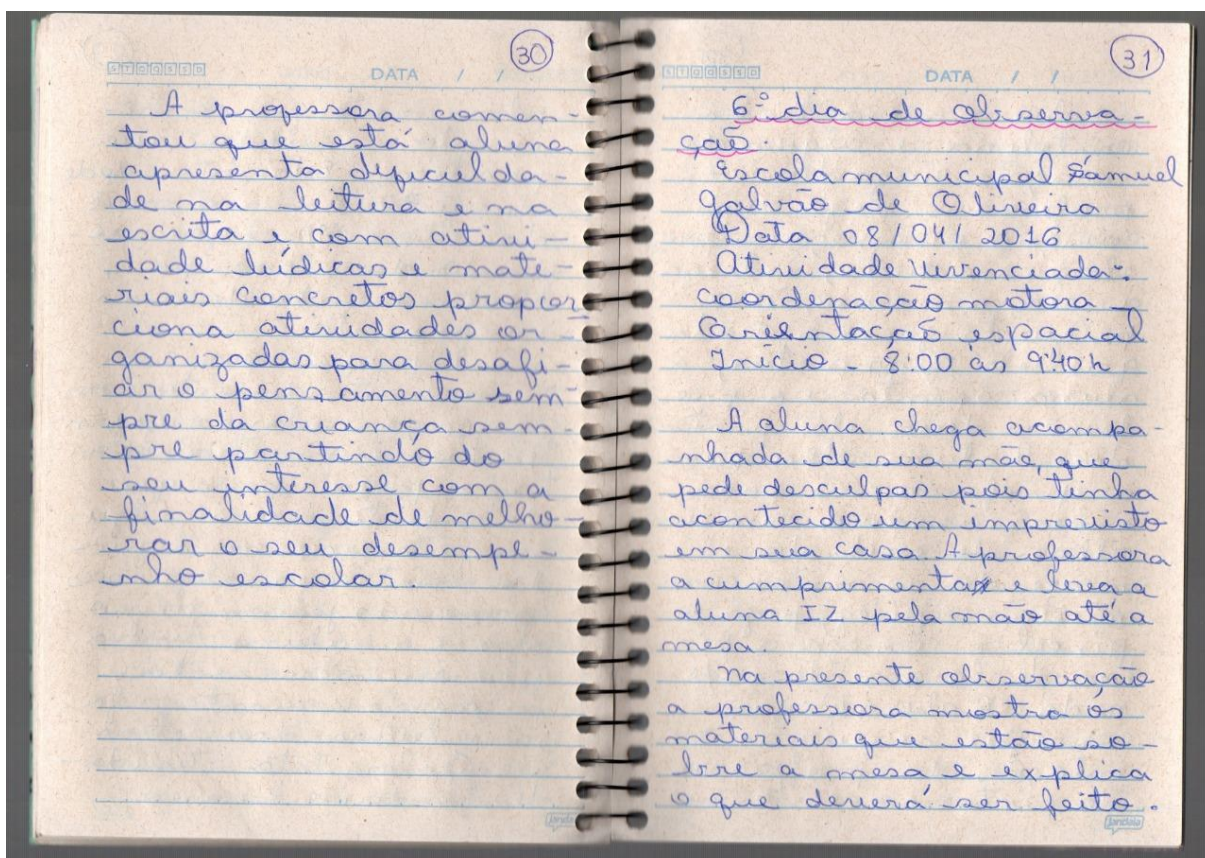


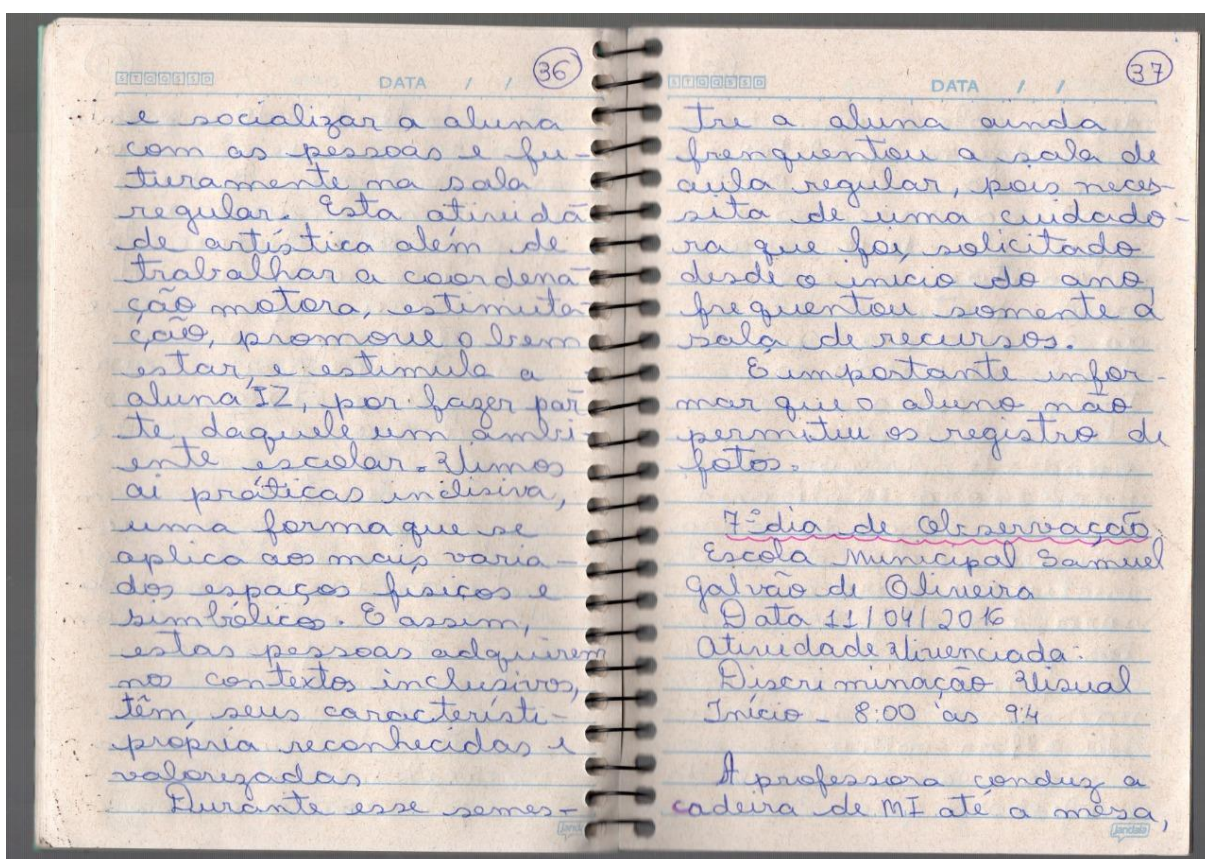
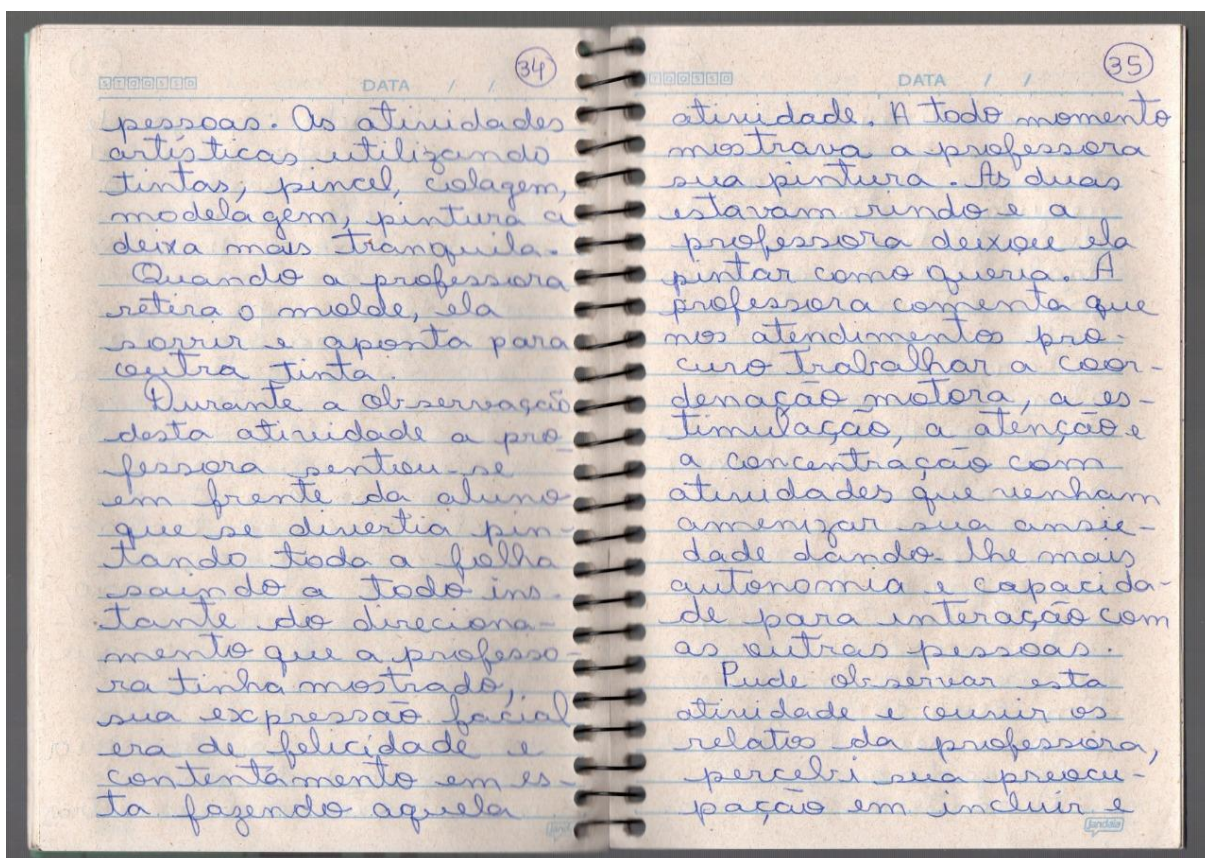


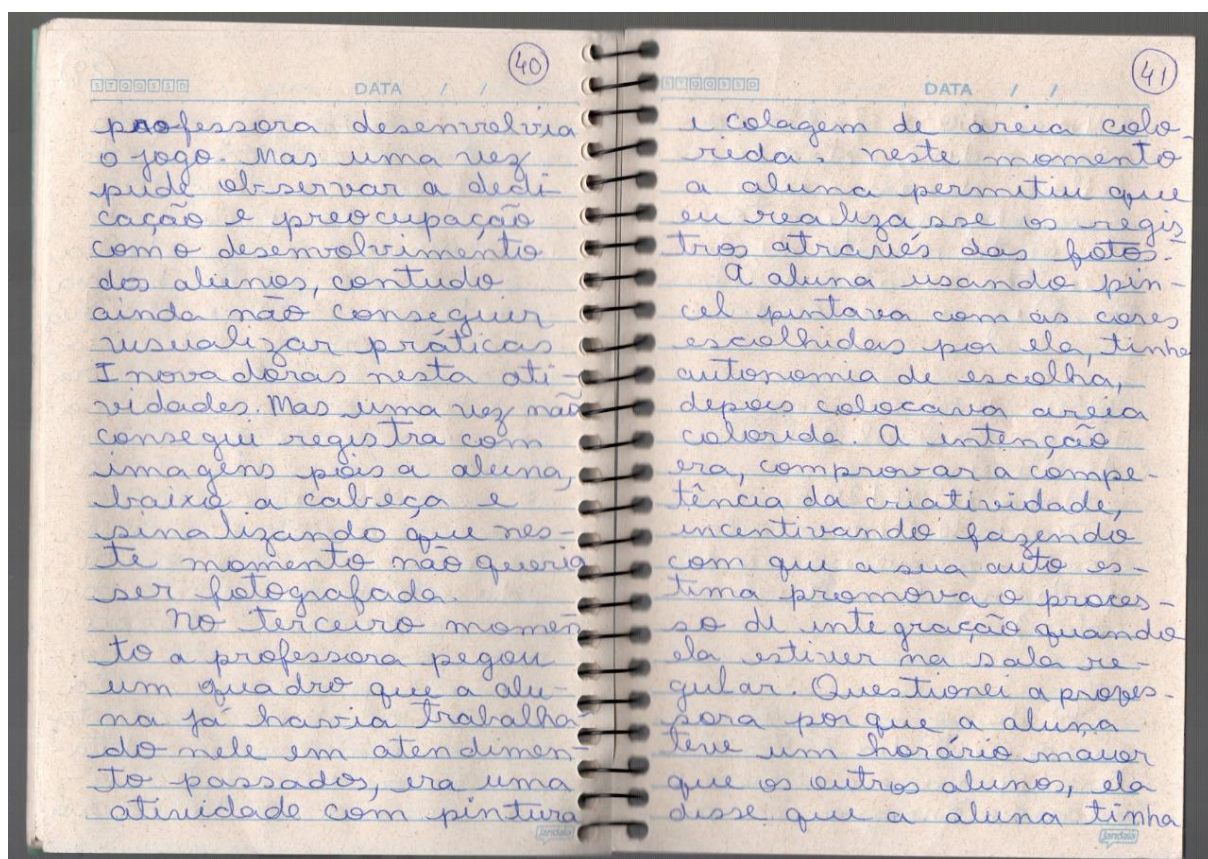
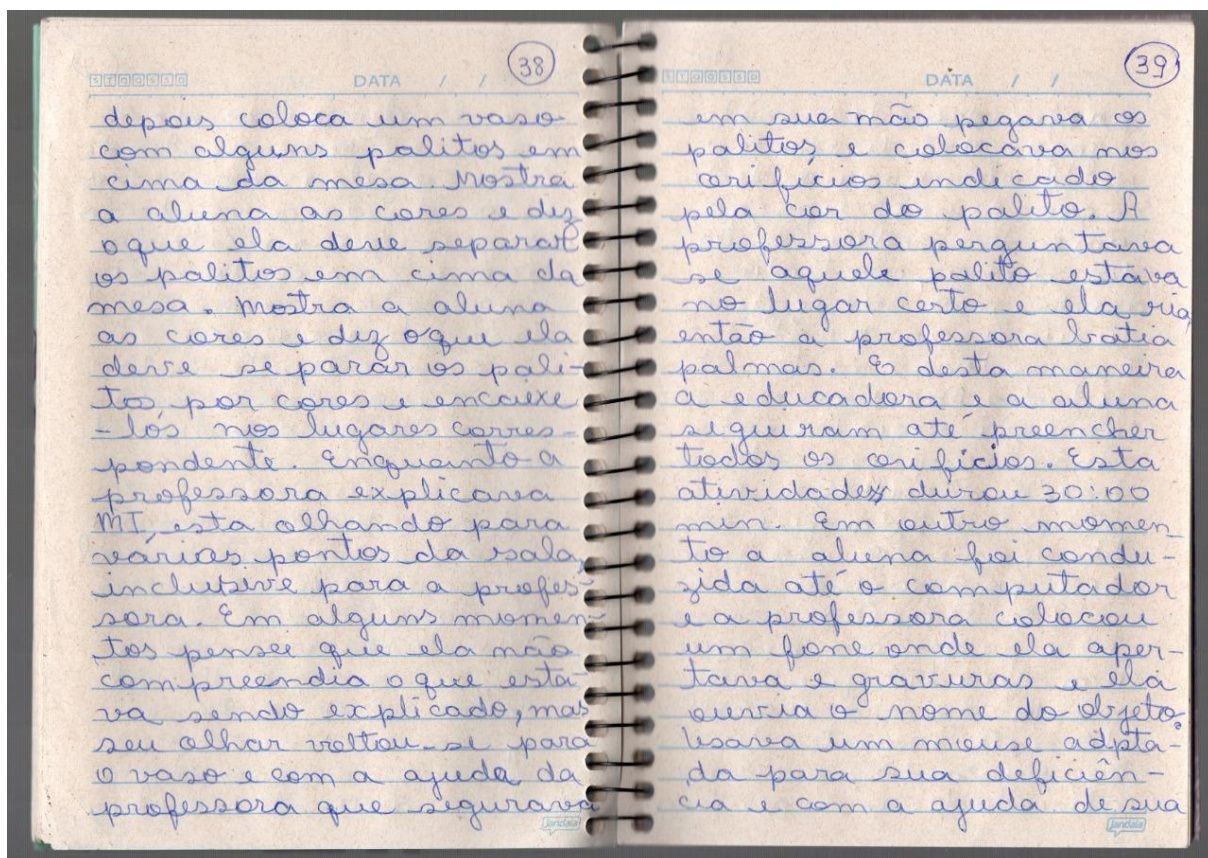


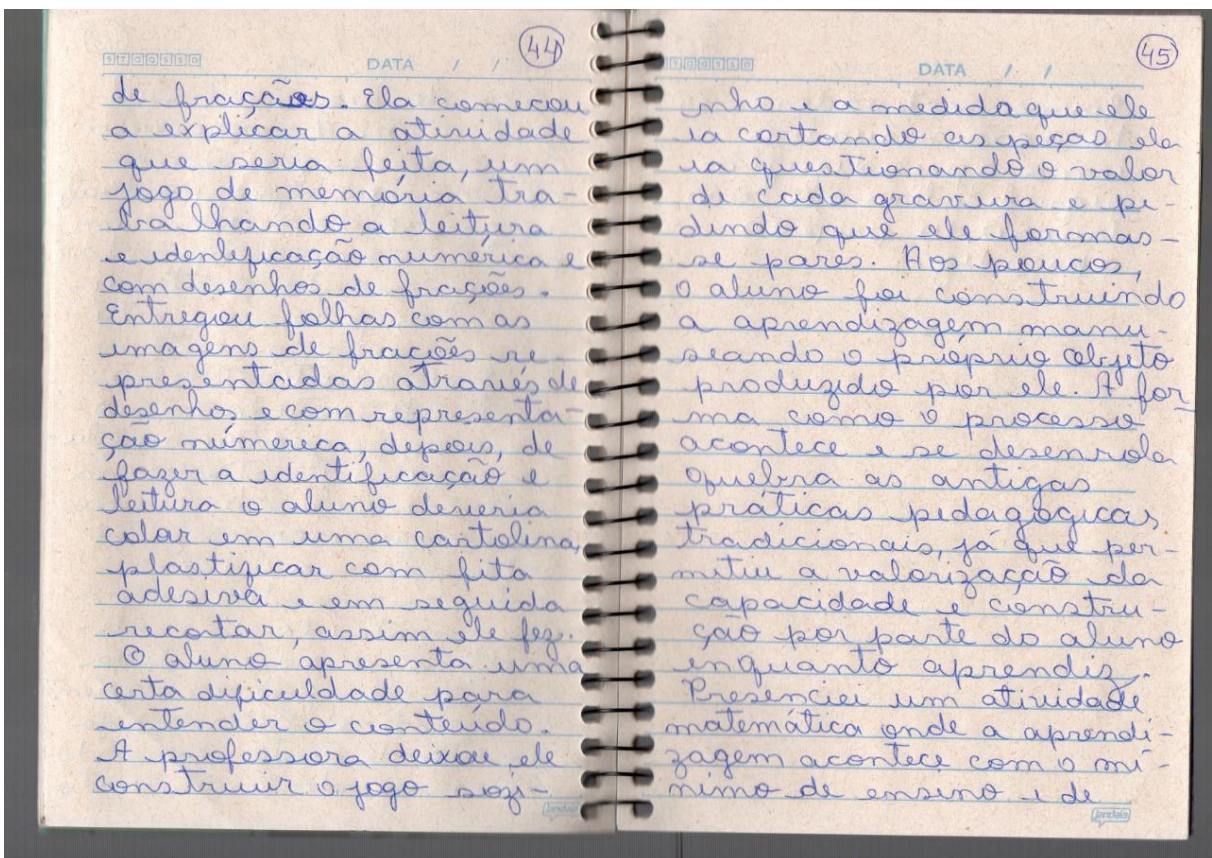
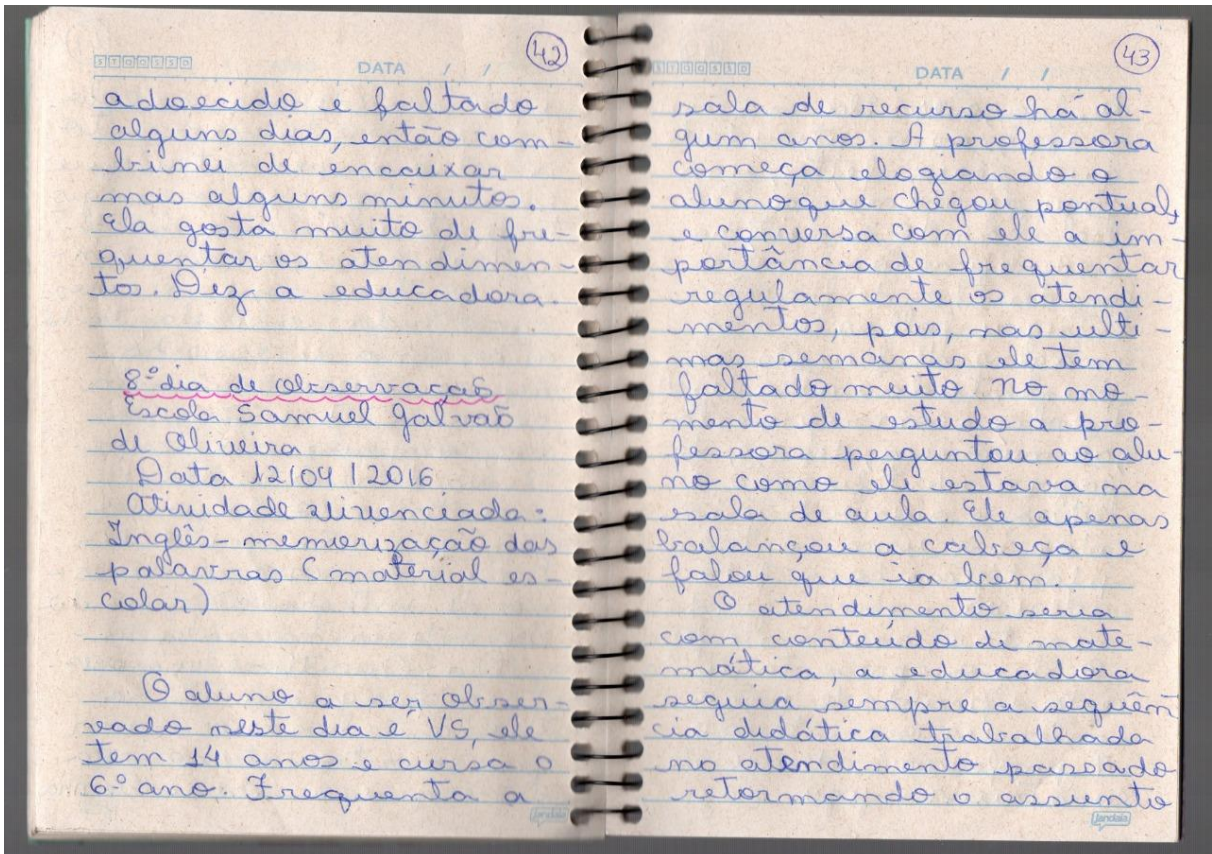


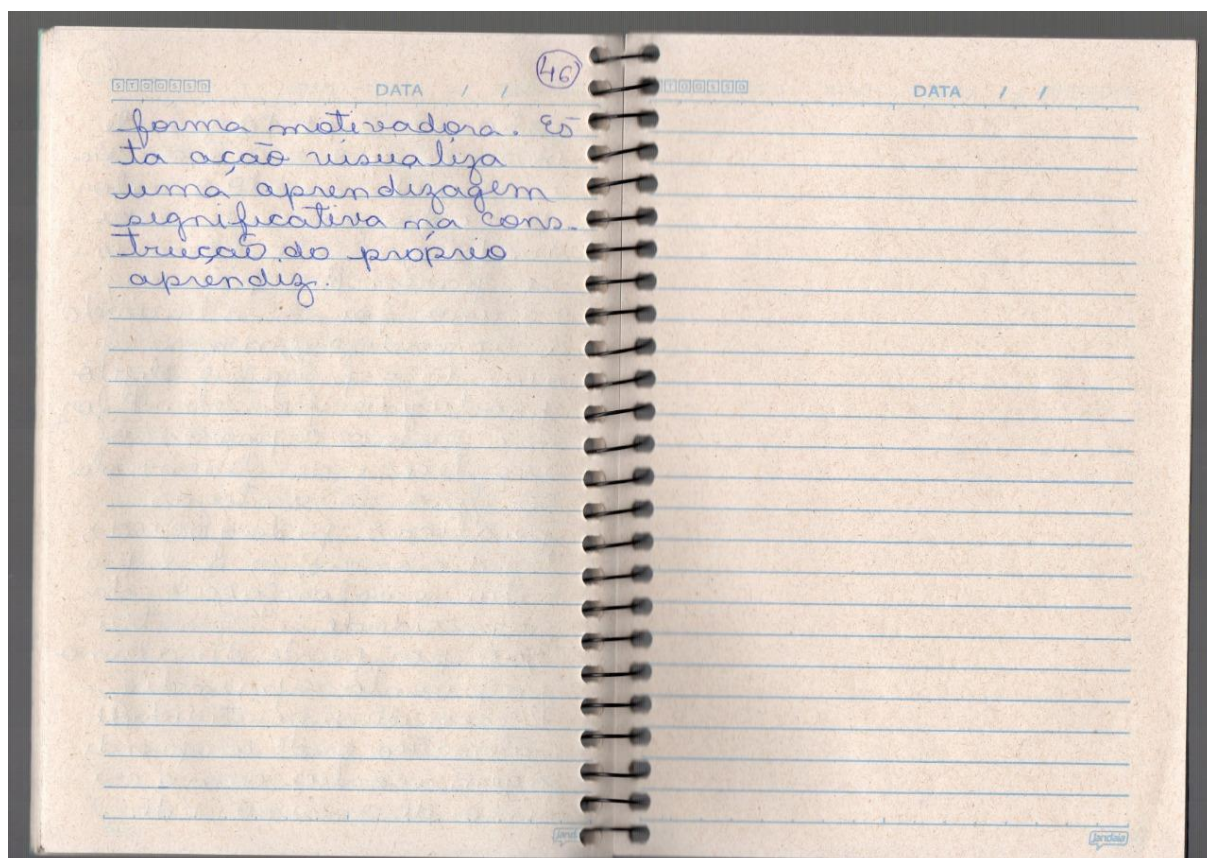












ANEXOS

Anexo A – Documentos do CD-ROM

Pasta 1 – Dissertação do Mestrado (versão em PDF)

Pasta 2 – Diário de Campo Digitalizado

Pasta 3 – Apêndices (A-B-C-D) – Cópias dos documentos de autorização da pesquisa

Pasta 4 – Áudios das Entrevistas